

# O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

## 6

Outono 2006 Inverno 2007

**GUERRA = MENTIRA**  
**TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA**

**Não acredite. Pense**

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<http://revurevi.net>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port/port.html>

—oooOOO§§§OOOooo—

O momento é muito bom para um revisionismo histórico.  
<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php—cod=262543>

E os heróis de carne e osso vão indo, navegando em suas palavras num oceano vazio.  
As referências tornam-se escassas no revisionismo implacável imposto pela própria história. William Costa

A negação do Holocausto é infecciosa" (Frantisek Alexander)

O revisionismo histórico – uma moda que pegou e que até serve para situações mais recentes – relativamente aos atentados já mostrou a imaginação fértil de algumas mentes que curiosamente se situam mais à esquerda no espectro político nacional e internacional. Se alguns questionam pertinentemente a forma como os Estados Unidos lideram a luta contra o terrorismo, outros questionam a veracidade dos atentados, subentendendo uma espécie de conspiração de americanos contra americanos. Deixando de parte este devaneio, convém meditar sobre os resultados obtidos desde o início da guerra. *A União*, 27 de setembro de 2006

O primeiro-ministro de Israel, Ehud Olmert, argumentou que Ahmadinejad, ao questionar o Holocausto e pedir a eliminação do Estado judaico, "fala como Hitler antes de subir ao poder".

SUMÁRIO

Conferência de Teerã / todo sobre Teerã

<http://revurevi.net>

**Crônica de Viagem**, Flávio Gonçalves

Medio centenar de 'negacionistas' han sido invitados por Irán para cuestionar la muerte de seis millones de judíos por los nazis, Ana Carbajosa

**Extermínio classificado de mito**, Daniel do Rosário

**A perseguição pós-Teerão : A comissão disciplinar**

**Resposta**, Por Flávio Gonçalves

**Beit Hanoun, um jovem Palestino testemunha : "Eles atiram sobre tudo que se mexe"!** Silvia Cattori Traduzido por Elaine Guevara

**Sionismo - O Poder Da Intimidação**

**Pichadores e Caçadores de Livros em Acção**, S. E. Castan

**"Fui comandante de Auschwitz"...**

**Alemães expandem estudo do Holocausto**, Nicholas Weill (Tradução de Clara Allain)

O MITO DO "HOLOCAUSTO"

**Brasil: 500 anos de liberdade**, Arnaldo Niskier

**A propósito do anti-semitismo**

"Agimos sempre sob provocação" **Jaír Krischike**

**Neonazismo, negacionismo e extremismo político** By Jaír Kríschke

**Onde nasceu o Hezbollah**

**Jornalista e professor Luis Milman esteve em Curitiba para lançar livro**

*Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo*: **Sinopse**: por Luís Milman

**O estigma dos canalhas** Antônio Aggio Jr

**CARTA ABERTA A SOCIEDADE** (e o nazista venceu) Mauro Nadvorny

O Caso Castan, por Carlos F. Menz

**Falsa Memória**, Gianpiero Gasparini

**O Síndrome de Dresden**, Robert Faurisson

**Um mero engano**, Rastros de um crime

**POLEMISTA, CHOMSKY FOI ELEITO O MAIS INFLUENTE INTELLECTUAL**

**A memória dos crimes continua viva** Gustavo Carneiro

Tribunal gaúcho confirma condenação de editor por incitação a livro anti-semita

**Editor de livros é condenado por discriminação racial**

**O SEQUESTRO DE BOLÍVAR** por Demétrio Magnoli

**Conferência do Holocausto no Irã cria comissão internacional**

**Negação do Holocausto, Apologia ao Nazismo, Racismo e Anti-Semitismo no UOL**

**Autor do polêmico livro *Páscoa de Sangue* se retrata em Israel**

**Alemão de extrema-direita condenado a 5 anos de prisão por negar Holocausto**

**O Ventre Fecundo: Um Depoimento**

JIMMY CARTER: EX-PRESIDENTE DOS EUA

JIMMY CARTER: UM MENTIROSO MANIPULADOR

Lançado no Rio de Janeiro livro com análise da cobertura do 11 de Setembro

Conferência de Teerã

todo sobre Teerã

<http://revurevi.net>

O Irã é a vossa casa

Prezado Flávio Gonçalves, Ainda esperava que os relatos da sua viagem ao Irã fossem nos contar algumas propostas apresentadas na Conferência de Teerã mas, até agora, você só tem mostrado a sua admiração por judeus que, aparentemente, aceitam discutir a questão do holocausto. Talvez com o seu afã de mostrar que a Conferência foi realmente aberta e democrática, você tenha divulgado muito bem as idéias dessas pessoas, até com várias pontes para páginas judaicas... mas, contudo, não apresenta nada sobre a contribuição de outros participantes, como Robert Faurisson, ou Serge Thion... teriam os revisionistas permanecido calados—Não creio que a Conferência de Teerã tenha acontecido apenas com os aflitos comentários e as conhecidíssimas ironias judaicas como as do Dr. Shiraz Dossa, ou do Dr. Nadein Raevskiy, ou do Rabino David Weiss, e até desse esquisito (afinal, ele foi—... ou não foi—...) Nuno Rogério. Faço esse reparo porque a nossa democrática imprensa ocidental escamoteia e deturpa, vergonhosamente, as notícias desse evento tão importante; mas, felizmente, ainda podemos receber informações fidedignas como, por exemplo, esta página sobre a Conferência de Teerã - <http://www.radioislam.org/faurisson/eng/victories.htm> . Vale a pena uma visita. Um abraço, Alfredo Braga

<http://admiravelmundonovo-1984.blogspot.com/2006/12/shiraz-dossa-discorda-de-nuno-rogeiro.html>

DOIS CÉPTICOS DO HOLOCAUSTO E UM RABINO DE VIENA

## Crónica de Viagem

Flávio Gonçalves

Decorreu nos passados dias 11 e 12 de Dezembro do corrente uma conferência internacional intitulada "*Holocausto: Visão Global*" na cidade de Teerão, República Islâmica do Irão. Na mesma estiveram presentes centenas de representantes oriundos de mais de uma trintena de países de vários continentes: América, Europa, Ásia, África e Oceânia.

Apesar de grande parte da comunicação ter relatado que esta conferência em particular serviria para contestar o Holocausto na realidade a organização da mesma tinha por principal interesse debater não só a realidade do Holocausto mas, principalmente, a utilização da temática do Holocausto por parte do Estado de Israel e do lobby sionista um pouco por todo o mundo. Esta conferência serviria também para ver até que ponto os Estados europeus se encontram realmente comprometidos para com a liberdade de expressão, tão evocada aquando da publicação de diversas caricaturas de Maomé, profeta máximo do islamismo, num jornal dinamarquês e que muito deu que falar. Cito do programa: "*Com todo o respeito para com a religião judaica, esta conferência tentará demonstrar diferentes aspectos da temática tratada (Holocausto) isentas de quaisquer propaganda ou orientação política.*"

Estava prevista a participação de dois portugueses nesta polémica conferência, um deles a minha pessoa, serve esta para relatar o que vi em terras da Pérsia, não só na conferência mas também as realidades que pude testemunhar na cidade de Teerão, cidade com mais de 15 milhões de habitantes.

O mais peculiar acerca desta palestra – uma vez que todos os anos decorrem várias conferências e palestras acerca da temática do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial – foi a presença de historiadores e pesquisadores revisionistas, vulgo "negacionistas", algo inédito em conferências oficiais, para mais financiadas por entidades governamentais – como esta o foi.

### A Viagem

Recebi, finalmente, o meu visto na embaixada iraniana na véspera da viagem, um pouco demasiado em cima da hora para meu gosto mas aparentemente um sinal da burocracia iraniana como um todo, que tarda mas raramente falha, segundo me confidenciaram. Embarquei, com destino a Istambul na Turquia, passavam 30 minutos das 14h no aeroporto de Lisboa, após algumas horas de escala no aeroporto Ataturk segui finalmente para Teerão tendo chegado ao aeroporto internacional de Mehrabad por volta das 03h30m da madrugada. O controlo de passaportes é extremamente lento aquando da entrada no país, o meu foi folheado diversas vezes uma vez que o guarda achou graça ao mesmo – a figura de Fernando Pessoa vai aumentando de tamanho da primeira para a última página. Duas horas depois já tinha passado pelo controlo de passaportes e à minha espera encontravam-se

duas pessoas, um deles fluente em inglês seria o meu guia pelo resto da noite o outro era um dos motoristas do ministérios dos negócios estrangeiros, incumbido de transportar os conferencistas para a Casa de Hóspedes do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Aproveitei e, por sugestão do guia, troquei 200 euros por moeda local – riais – num dos bancos existentes para esse efeito no próprio aeroporto, senti-me milionário: saí de lá com dois milhões, quatrocentos e trinta mil riais. Uma pequena curiosidade: no Irão não são utilizadas moedas, somente notas.

Passei pelo monumento Azadi localizado na praça com o mesmo nome, esta torre foi erguida nos anos 70 pelo Xá Mohammad Reza Pahlevi, em comemoração dos 2500 anos do Império Persa. Ainda antes de chegarmos à casa de hóspedes mostraram-me a torre Milad, a 4ª mais alta do mundo e a mais alta de todo o Médio Oriente, afirmou orgulhoso o meu guia. Faltariam quinze minutos para as 7h da manhã quando finalmente cheguei aos meus aposentos, um amplo apartamento “T3” que iria dividir dias mais tarde com um conferencista oriundo da Indonésia. Como seria de esperar na Pérsia: o apartamento estava devidamente ornamentado com diversos tapetes.

### **Cerimónia de Abertura**

Recebemos na véspera um convite do ministro-adjunto dos negócios estrangeiros, Dr. Mohammadi, para a cerimónia de abertura da conferência, na véspera do dia em que a mesma estava agendada. A cerimónia de abertura foi extremamente ligeira, recebemos as nossas credenciais, conversamos um pouco, o próprio Dr. Mohammadi inquiriu-me se estava tudo a meu gosto e se estavam a tratar-me bem na casa de hóspedes – fui o terceiro conferencista a chegar a Teerão, na madrugada de dia 8 – ao qual respondi afirmativamente e agradeci a sua atenção. Seguiu-se um pequeno discurso pelo próprio e um banquete com diversas iguarias e confraternização entre os conferencistas presentes

### **A Conferência**

A cerimónia de abertura contou com a presença do Dr. Mottaki, ministro dos negócios estrangeiros, além da dos Dr. Mohammadi, ministro-adjunto, e Dr. Mousavi, director geral do Instituto de Estudos Políticos e Internacionais – entidade governamental que organizou esta conferência, o instituto é considerado a janela do regime de Teerão para o mundo. Ouvimos o hino da República Islâmica do Irão, seguiram-se algumas citações cantadas do Corão e, posteriormente, os discursos de inauguração oficializando a abertura da conferência.

Ao todo discursaram mais de 60 oradores, lamento mas não irei entrar em detalhes sobre cada orador ou de resto não sobriaria espaço para muito mais. Após as intervenções dos oradores seguia-se sempre uma sessão de perguntas e respostas que, a meu ver, acabou por se tornar na parte mais apelativa da conferência uma vez que pude testemunhar a capacidade de argumentação dos oradores, fossem eles a favor ou não da história oficial do Holocausto.

Permitam-me realçar que, ao contrário do que ouvi – e que me levou a pensar se a conferência em que participei e a que tem vindo a ser relatada na comunicação social não ocorreram em planetas diferentes – o painel de participantes foi muito diverso e que ouvi um pouco de tudo, se o Holocausto terá acontecido, se aconteceu como o relatam, que aproveitamento tem sido feito por parte do Estado de Israel do mesmo, as similaridades entre o sionismo e o nazismo, houve o cuidado da organização em escolher um ponto de vista discordante por cada participante, ou seja, se determinado número de oradores dúvida do Holocausto temos que ter um número igual de oradores que defenda a tese oficial, daí me ter agradado principalmente as sessões de perguntas e respostas em que cada orador defendia a sua tese perante o público.

Ao fim do dia recebemos um convite para um jantar de encerramento no Clube Diplomático por parte do Dr. Mottaki, ministro dos negócios estrangeiros.

### **Surpresa**

Logo na primeira sessão da manhã foi-nos anunciado que o Dr. Ahmadinejad, presidente da República Islâmica do Irão, havia decidido receber após a primeira sessão da tarde, no palácio presidencial, todos os conferencistas. Uma surpresa inesperada mas que foi do agrado de todos os presentes. E assim foi, após a primeira sessão da tarde, na qual estava previsto participar um orador português, Nuno Rogeiro, que entretanto terá mudado de ideias sem notificar a organização a tempo de arranjar um substituto – isto pelo que testemunhei lá, mas já tomei conhecimento da versão do próprio através da comunicação social depois da minha chegada, a qual prefiro nem comentar – seguimos em diversos autocarros para o palácio presidencial. À chegada fomos informados que não era

permitida a utilização de qualquer máquina fotográfica, com pesar eu e os restantes deixamos as nossas máquinas nos autocarros.

Após um pequeno lanche que nos foi facultado dirigimo-nos para o local onde iríamos ser recebidos pelo Dr. Ahmadinejad. Ouvimos nova recitação cantada do Corão pouco depois da chegada do presidente, foi dada a palavra a 3 dos conferencistas para se dirigirem ao presidente – posteriormente o presidente concedeu-nos 20 minutos para ouvir qualquer um que desejasse manifestar-se – antes do mesmo discursar, esses conferencistas foram Robert Faurisson, Serge Thion e Moshe Friedman. Curiosamente dois cépticos do Holocausto e um rabino de Viena.

O discurso do Dr. Ahmadinejad tratou principalmente da falta de liberdade de expressão na Europa para com pontos de vista diferentes na questão do Holocausto, referindo que “na Europa pode negar-se Deus mas não se pode negar o Holocausto”, referiu também que “o Estado israelita terá o mesmo fim que a União Soviética”, faço questão de mencionar isto porque li em muita imprensa que por aí anda que ele teria dito “Israel irá desaparecer” o que não me parece uma tradução fidedigna do que ele realmente disse e implica um acto de hostilidade que, na realidade, não ocorreu: ninguém destruiu a União Soviética, a mesma colapsou, e era este o significado das palavras do presidente. O mesmo terminou com votos de que os governos dos países natais dos conferencistas não lhes causassem problemas quando regressassem e fez questão de realçar que “o Irão é a vossa casa.”

## Conclusões

No decorrer do jantar, para o qual nos deslocamos logo após sairmos do palácio presidencial, foram apresentados o balanço e as conclusões da conferência. Devido ao elevado número de participantes e debate existente o balanço foi positivo, concluiu-se que ainda há muito a averiguar quanto a este período histórico e que deverão ser levadas a cabo mais conferências internacionais respeitantes a este tópico e que deverão ser ouvidos ambos os lados e todas as teses. Que os judeus foram perseguidos e sofreram muito durante a II Guerra Mundial ninguém contestou, resta averiguar em que medida poderá ter ocorrido o Holocausto e a utilização de câmaras de gás. Que o Holocausto e o sofrimento dos judeus são desavergonhadamente utilizados e explorados para justificar as actividades genocidas de Israel como arma de chantagem para obter convívência e fundos ocidentais.

Foi impulsorada a criação duma Comissão Internacional de Pesquisa do Holocausto que será devidamente financiada pelo ministério dos negócios estrangeiros da República Islâmica do Irão.

## Impressões de Teerão

Com receio de que a minha visita pudesse estar a ser regulada de modo a não vislumbrar as realidades do país optei por me escapulir diversas vezes da casa de hóspedes e vagueei, num total de 9 horas, pela cidade de Teerão.

Não vi sinais de militarização nas ruas, as pessoas – não fosse o lenço utilizado pelas mulheres – e as lojas, tal como os prédios, não destoariam numa qualquer cidade europeia. A juventude lá pouco destoa da de cá, hambúrguerias e pizzarias existem quantas baste, numa normal livraria comprei um disco com música anti-regime, ninguém aparentou ter receio de falar sobre o que quer que seja, vi um jovem casal de namorados de mãos dadas e aos beijos pela rua e, portanto, não vi lá nenhum “estado policial” como foi referido na comunicação social por cá.

Fora isso, e o trânsito caótico, são um povo afável que muito boa impressão me deixou, um povo caloroso a destoar da neve que vi cair e que cobriu as belas montanhas que cercam Teerão, também elas parte da cidade.

20 de Dezembro, 2006.

MAIS MATERIA PARA PENSAR

"El Holocausto, según Teherán

**Medio centenar de 'negacionistas' han sido invitados por Irán para cuestionar la muerte de seis millones de judíos por los nazis**

**Ana Carbajosa - Bruselas - 09/12/2006**

...Algunos *negacionistas* viven desperdigados en países europeos que les han ofrecido asilo político. Otros están en prisión por cuestionar el Holocausto. Forman una red, muy activa a través de

Internet, pero rara vez se encuentran. Teherán se presenta como su gran cita, y algunos de ellos correrán el riesgo de volver a prisión con tal de participar en lo que consideran un caso único del ejercicio de la libertad de expresión.

Serge Thion, de 64 años y antiguo investigador del Centro Nacional de Investigación Científica de París, es uno de los invitados de excepción del Gobierno iraní. Condenado en Francia por "poner en cuestión la existencia de crímenes contra la humanidad", Thion piensa que el presidente iraní, Mahmud Ahmadineyad, "ha hecho soplar vientos de libertad" al poner sobre el tapete el Holocausto. "Parece mentira que los iraníes nos tengan que dar lecciones de libertad de expresión", dice en conversación telefónica, horas antes de partir para Teherán.

Lo mismo piensa Flávio Gonçalves, un joven portugués que el jueves viajó a Irán y que se define como anarcosindicalista revolucionario y que piensa que el Holocausto es "la coartada perfecta para que Israel haga lo que quiera". "El régimen iraní está siendo un apoyo importante para las corrientes revisionistas y negacionistas de Europa y para dar a conocer a la gente de la calle que hay gente que tiene dudas sobre ese periodo histórico". Gonçalves es un miembro atípico del movimiento revisionista, dominado por la extrema derecha, pero en la que también caben toda suerte de posiciones extremas.....

[http://www.elpais.com/articulo/internacional/Holocausto/Teheran/elpeuint/20061209elpepiint\\_12/Tes](http://www.elpais.com/articulo/internacional/Holocausto/Teheran/elpeuint/20061209elpepiint_12/Tes)  
Até que ponto se vai tolerar a manipulação—

<http://expresso.clix.pt/COMUNIDADE/forums/thread/19816.aspx>

**Conferência de negacionistas em Teerão conta com a participação de um português.**

### **Extermínio classificado de mito**

**Daniel do Rosário**

correspondente em Bruxelas

O Governo iraniano acolhe, entre segunda e terça-feira, uma conferência para esclarecer se o Holocausto realmente existiu. E há um português que se deslocará a Teerão para ajudar o regime dos «ayatollahs» a chegar a uma conclusão final.

"Completamente irreal", é como Flávio Gonçalves classifica a possibilidade da Alemanha nazi ter procedido ao extermínio de seis milhões de judeus durante a II Guerra Mundial. Este estudante de história garante não pertencer a qualquer partido, define-se politicamente como sindicalista-revolucionário e eco-anarquista e considera que o Holocausto é "o álibi perfeito" para o Estado de Israel: "qualquer coisa que Israel faça de mal, tem sempre a desculpa do Holocausto. Estão sempre a bater na mesma tecla", afirmou ao Expresso antes de embarcar para Teerão o único participante luso na conferência 'Revisão do Holocausto: uma Visão Global'.

A iniciativa, organizada pelo Instituto de Estudos Políticos e Internacionais (IEPI) do Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano constituirá uma autêntica peregrinação de revisionistas e negacionistas do mundo inteiro, indivíduos que contestam que a tentativa de extermínio de judeus pela Alemanha nazi seja uma realidade histórica. Um movimento marginal presente principalmente na Europa e Estados Unidos, que recebe assim do actual Governo iraniano um verdadeiro balão de oxigénio no que consideram uma luta pela "liberdade de expressão" nos países em que o negacionismo é crime.

Está confirmada a presença de nomes conhecidos no meio, como o norte-americano Bradley Smith, o francês Serge Thion ou o australiano Fredrick Toben, que já esteve detido durante sete meses numa cadeia alemã por negacionismo e cuja intervenção em Teerão se intitula 'As alegadas câmaras de gás de Auschwitz — uma análise técnica e química'. Outras referências revisionistas, como o alemão Horst Mahler, viram o seu passaporte ser confiscado pelas autoridades do respectivo país por formaevitar a deslocação. Segundo Flávio Gonçalves, foi através de Toben que lhe chegou este convite, embora o revisionista português não tenha decidido, ainda, se fará alguma intervenção.

"Se a conferência concluir que o Holocausto existiu, o Irão aceitá-lo-á", garantiu esta semana Manouchehr Mohammadi, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, ao apresentar o evento. Que acrescentou que, "se tal for o caso", haverá que passar à questão seguinte que é a de saber "porque é que tem que ser o povo palestiano a pagar preço das atrocidades".



## Representantes de 30 países

Os organizadores contam com a presença de 'pensadores e investigadores' de 30 países, entre os quais da Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Hungria, Índia, Japão Quênia, Reino Unido, Suécia, Tadjiquistão e até 'alguns judeus', embora esteja afastada a presença de participantes israelitas. E embora o leque já conhecido de oradores seja quase exclusivamente composto por negacionistas, Mohammadi garante a presença de defensores das "diferentes teses".

Esta polémica conferência tem raízes na crise em torno das caricaturas do profeta Maomé, publicadas em jornais europeus no início deste ano e também da controvérsia causada pelas afirmações do Presidente iraniano que se referiu ao Holocausto como "um mito". Teerão pretende assim desafiar o que considera ser a hipocrisia da "liberdade de expressão" ocidental que permite criticar Maomé, mas não tolera que se questione o Holocausto. Para a vice-presidente da comunidade judaica em Portugal, Esther Mucznik, esta conferência "não surge por acaso". O objectivo do regime iraniano, que é o de "deslegitimar Israel", tem a ver com a imagem deste país no Médio-Oriente e no mundo árabe "que nunca o aceitou"

*Expresso*, 08 de Dezembro de 2006, p. 35  
<http://www.forumnacional.net/showthread.php-t=17767>

## A perseguição pós-Teerão

### Ao Flávio Gonçalves:

Tivemos conhecimento de que:

- 1 - Foste ao Irão, com o objectivo de participar numa conferência negacionista organizada pelo governo do Irão, tendo-nos ocultado esse facto, alegando primeiro tratar-se de uma viagem de férias, e quando se tornou inegável a participação na conferência, que terias ido como freelancer para a revista Focus. Quando confrontado com este facto recusaste-te a desvincular-te e do conteúdo da conferência e do regime Iraniano, dizendo mais tarde que "é tão democrático como o nosso".
- 2 - Aceitaste fazer parte de uma associação de "amizade" que está sob o controlo da embaixada do Irão.
- 3 - Produziste um blog cujo conteúdo não esconde simpatias pelas teses negacionistas do Holocausto, que encara este acontecimento histórico com extrema leviandade, não mostrando qualquer respeito pelas suas vítimas nem pelos correctos procedimentos de investigação científica.
- 4 - Integraste o sindicato Associação de Classe Interprofissional, tendo discutido os seus documentos fundacionais e outros, que são explicitamente incompatíveis com a tese da não existência do Holocausto, e seu consequente aproveitamento político, nomeadamente por defender-mos o anti-racismo, a igualdade, a justiça e a defesa dos oprimidos. Além disso, esses mesmo documentos defendem a independência em relação ao estado e o anti-capitalismo.
- 5 - Uma última tentativa de esclarecimento por parte de Miguel Negrão resultou num e-mail que confirma alguns dos factos acima alegados, nomeadamente, e citando do dito e-mail, que "não acredito no Holocausto", "houve um aproveitamento por parte do Irão" e o "o nosso conceito de liberdade nada tem a ver com o conceito Árabe e Persa".

Todo este conjunto de evidências faz-nos pensar que não houve uma adesão sincera e consciente da tua parte, uma vez que os nossos princípios foram postos em causa pelo teu comportamento. Assim sendo, estás suspenso de todas as funções no sindicato até que seja decidida a acção a tomar em relação a este caso. Se quiseres contestar esta acusação tens 10 dias para o fazer, podendo enviar um e-mail <acinterpro@gmail.com>. Se for teu desejo evitar o processo que segue poderás também abandonar de tua livre vontade o sindicato.

A comissão disciplinar:

Damião Braga  
Jorge Azevedo  
Manuel Baptista  
Miguel Negrão  
Pier Francesco Zarcone

-----  
Associação de Classe Interprofissional

<http://www.acinterpro.org>  
[acinterpro@gmail.com](mailto:acinterpro@gmail.com)  
<http://groups.google.com/group/AC-Interpro>

## Resposta

Por Flávio Gonçalves

Serve este curto texto para tornar pública a perseguição a que têm sido sujeitos alguns dos participantes da polémica conferência, **Revisão do Holocausto: Visão Global**, decorrida na cidade de Teerão, capital da República Islâmica do Irão, nos passados dias 11 e 12 de Dezembro, 2006.

O mais curioso é verificar que a perseguição levada a cabo nos regimes ditos democratas tem tido como vítimas tanto os conferencistas que foram defender a tese oficial do Holocausto, aquela que nos é ensinada nas escolas, como aos “revisionistas” propriamente ditos, algo a que o Dr. Schaller se referiu como “culpa por associação”, podem não apoiar as teses “negacionistas” mas o simples facto de terem ousado debater e refutar, cara a cara, os vários aspectos do Holocausto com pessoas que manifestam dúvidas acerca do mesmo foi suficiente para atraírem a ira dos seus pares.

O caso mais flagrante, e esperado, foi o de Robert Faurisson uma vez que foi o próprio presidente francês, Jaques Chirac, a pedir que fossem averiguadas as afirmações de Faurisson na dita conferência [1], a recordar que Faurisson foi levado a tribunal o ano passado por ter ousado dar uma entrevista a uma estação de tv iraniana, via telefone. Um belo exemplo vindo da terra da igualdade e da fraternidade...

Outro caso foi a imediata suspensão [2], logo no dia após ter efectuado uma pequena intervenção em Teerão, de Jan Bernhoff – professor de informática, sueco – e posteriormente o seu despedimento, por sorte o mesmo tem sido apoiado pelo seu sindicato, que tem contestado o seu despedimento.

Richard Krege, Austrália, foi também despedido mas encontra-se em negociações para uma possível readmissão e prefere não discutir o assunto. Também na Austrália o Dr. Fredrik Töben foi levado a tribunal no passado dia 6 de Fevereiro.

No distante Canadá o professor universitário de ciência política, Shiraz Dossa, que foi a Teerão defender a veracidade do Holocausto, não escapou à perseguição [3] e encontra-se surpreso por a universidade na qual trabalha não ousar defender a sua liberdade académica, tem sido exigido o seu despedimento e o assunto ainda não se encontra encerrado.

O mais curioso é que nem os conferencistas judeus escaparam à perseguição, o caso mais chocante é o do rabino Moshe Aryeh Friedman, primeiro foi expulso de um hotel em Nova Iorque [4], depois excomungado [5] e finalmente os seus quatro filhos foram expulsos da escola que frequentavam na Áustria [6] com a garantia de que nenhuma outra escola judia os irá receber.

Em Inglaterra o também rabino Ahron Cohen, da Neturei Karta, Este homem foi lá defender a tese oficial e rejeitar o aproveitamento dos seus familiares desaparecidos pela “indústria do Holocausto”, foi uma das muitas vozes anti-teses revisionistas que lá esteve, mas por ter ousado participar com aqueles que o sistema sionista prefere fingir que não existem, por ter ousado debater em vez de ofender: é perseguido... Ninguém está a salvo da sacra religião holocáustica, nem os judeus que a defendem... Cohen necessitou de escolta policial para sair da sua própria casa e muitas das lojas judias de Manchester recusam agora tê-lo como cliente [7]... eis as amplas liberdades e a democracia ocidental que temos em acção!

Escusado será afirmar que tanto Friedman como Cohen, e os restantes participantes judeus, se encontram agora proibidos de entrar em território israelita. Mais, todos aqueles que discursaram em Teerão, tenham sido a favor ou contra as teses oficiais do Holocausto, se encontram sujeitos a uma queixa crime por parte do Fórum das Organizações Judias da Bélgica, esta com o intuito de “desencorajar” que os mesmos visitem a Bélgica [8].

No meu caso nada de grave sucedeu, fui suspenso da direcção de uma associação sindical que ajudei a fundar em 2006, que entretanto já foi dada como extinta [9], e aceitei o pedido que me foi feito de abandonar de livre vontade a associação – a outra opção era a de aguardar um processo disciplinar – pela recusa em afirmar publicamente que repudiava o conteúdo da Conferência em que participei, não tendo efectuado qualquer discurso, e em que deveria repudiar igualmente o regime iraniano como um regime autoritário e antidemocrático. Mais um caso de auto-censura libertária do que uma verdadeira perseguição.

São estas as atitudes democráticas que os regimes europeus, e ocidentais, desejam impor ?



- [1] [http://www.ejpress.org/article/news/iran\\_-\\_holocaust/12289](http://www.ejpress.org/article/news/iran_-_holocaust/12289)  
[2] [http://rawstory.com/news/2006/Swedish\\_teacher\\_suspended\\_over\\_atte\\_12142006.htm](http://rawstory.com/news/2006/Swedish_teacher_suspended_over_atte_12142006.htm)  
[3]  
<http://www.normanfinkelstein.com/article.php-pg=11&ar=750>  
e <http://www.haaretz.com/hasen/spages/804590.html>  
[4] <http://www.jpost.com/servlet/Satellite—cid=1167467740944&pagename=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>  
[5] [http://jta.org/page\\_view\\_breaking\\_story.asp—intid=6410](http://jta.org/page_view_breaking_story.asp—intid=6410)  
[6] <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2007/fev/07/247.htm—RSS>  
[7] <http://www.jpost.com/servlet/Satellite—cid=1164881923366&pagename=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>  
[8] [http://jta.org/page\\_view\\_breaking\\_story.asp—intid=6241](http://jta.org/page_view_breaking_story.asp—intid=6241)  
[9] <http://www.acinterpro.org>

[http://www.grifo.com.pt//index.php—option=com\\_content&task=view&id=125&Itemid=0](http://www.grifo.com.pt//index.php—option=com_content&task=view&id=125&Itemid=0)

GENOCIDIO

## **Beit Hanoun, um jovem Palestino testemunha :“Eles atiram sobre tudo que se mexe”!**

**Silvia Cattori**

Traduzido por **Elaine Guevara**

“A cidade de Beit Hanoun, com seus 30.000 habitantes já é objeto de agressões cotidianas e ataque aéreos desde 25 de junho.

Agora ela está cercada por tropas israelenses no solo. Nós temos visto os tanques avançarem, se colocarem em posição.

Nós estamos agora cercados por cerca de 70 tanques e pelo menos 450 soldados que anunciaram que a cidade é “zona militar fechada”. O que quer dizer que ninguém pode sair.

Ninguém pode fugir.

Esta é uma ofensiva no modelo daquela feita em 2002 na Cisjordânia (West Bank). Nós não temos água, eletricidade. A gente se coloca nos cantos mais recuados da casa. As ambulâncias não são autorizadas à entrarem nesta zona ocupada e fechada.

Os soldados cercaram as casas que eles querem invadir. Eles ocuparam casas e fecharam as famílias numa peça só. Agora , eles usam como fortaleza. Eles furam as paredes com explosivos, fazem saltar as portas, e as pessoas estão aterrorizadas. Eles atiram em qualquer pessoa que se mexer.

Ontem, eles atiraram nas pessoas que tentavam se colocar num abrigo, que não estavam em posição de combate. Eles atiraram nas suas costas, e quando aquele que estava ferido tentava fugir, eles o matavam; e aqueles que tentavam recolher seu corpo foram também alvejados.

Em numerosos casos, as ambulâncias não puderam ir em socorro dos feridos. As crianças que escapam da vigilância dos seus pais ou que olham pela janela são mortas pelos soldados israelenses postados sobre os tetos das casas que eles ocupam. Eles tem o sinal verde de Bush para nos matar e destes políticos que afirmaram que Israel “tem o direito de se defender”.

Eles fazem uso de armas que transformam os mortos e feridos em qualquer coisa de monstruoso. É muito impressionante os ferimentos provocados pelos misseis lançados pelos aviões sem piloto. São cortes como feito por lâminas, as pernas, pés, mãos cortadas de forma precisa; elas são tão assustadoras quanto os ferimentos dos fuzís M 16.

Os soldados tem ordem de atirar na parte superior do corpo : eles miram o peito, perto do coração, a cabeça. As vítimas são na sua maioria civis, mortos ou feridos na garganta, no pescoço, no peito, na cabeça; enquanto estavam em casa.

Eles atiram em gente que foge de medo; eles atiram em feridos que procuram se salvar. Nós perdemos a noção do tempo, nós não sabemos a quanto tempo nós fomos pegos nesta guerra. A gente se sente perdido.

Tem aviões que bombardeiam, aviões sem piloto (drone), que estão prontos à atirar seus

mísseis sobre nossas cabeças. Eles controlam toda zona. Com o zumbido dos aviões sem piloto (drones), a gente tem o sentimento de ter o tempo todo uma abelha no ouvido. É verdadeiramente difícil.

Não tem ninguém para nos defender. Nós não temos exército. Nós não temos senão nossos pais para nos defender sabendo que eles vão à morte, que eles não podem nos defender.

Esta nova agressão é terrível sobretudo para as crianças pequenas, que ficam aterrorizadas e gritam quando ocorrem bombardeios.

Nós ficamos sabendo toda hora que há mortos, que há feridos banhados no próprio sangue, e que as pessoas não conseguem parar a hemorragia, e que as ambulâncias não podem socorrê-las.

É preciso que a Cruz Vermelha obrigue os israelenses à aceitarem que as ambulâncias palestinas possam ir em socorro dos feridos sem entraves.

Os israelenses dizem que eles estão fazendo esta ofensiva para impedir a entrada de armas pelo Egito. Isso é falso. Nada pode entrar. Não tem em Gaza senão fuzis que não podem nada contra os Apaches (helicópteros) e os tanques Merkava do exército israelense.

As armas de guerra que entraram em Gaza, são estas que Israel e os Estados Unidos (EUA) entregaram à Dahlan, que é o homem de Abu Mazen; o homem mais temido aqui em Gaza. Ele está na liderança das forças que, após meses, criam problemas para fazer cair o governo do Hamas.

Ontem, os soldados convocaram, pelos alto-falantes todos os homens de idade a partir de quinze anos à saírem de suas casas. Eles foram, por locais, revistando casas por casa, algemando e embarcando centenas de homens num local onde eles serão certamente obrigados à se despirem, como fizeram em Beitlahya em junho. Eles deixaram os homens de cuecas. Para um oriental isso é a mais insuportável das humilhações. Mais do que nos matar.

Nós pensamos que após Beit Hanoun eles vão atacar Beit Lahiya, e depois Jabaliya, e fazer o que eles fazem aqui : revistar casa após casa. Beit Hanoun como Rafah são zonas vulneráveis, porque são separadas geograficamente das outras zonas habitadas, então mais fácil de isolar do resto de Gaza.

Esta manhã, as mulheres saíram para correr em socorro de seus filhos ou maridos que estavam ameaçados pelos blindados que cercavam a mesquita. As mulheres então desafiaram os Apaches e os tanques. Isto foi para nós um momento formidável. A gente se sentiu envolvidos por um véu de humanidade. Foi um momento muito forte ver estas mulheres que estavam prontas à morrer para salvarem seus homens.

Elas continuaram sem hesitar e os soldados que não esperavam por isso ficaram desorientados. Graças à este efeito surpresa elas salvaram a vida de seus homens.

Elas mostraram que o maior exército do mundo pode ser vencido por pessoas de mãos vazias. Nós percebemos isso como uma mensagem endereçada aos homens dos países árabes que continuam em silêncio.

Esta mulheres disseram, com seu gesto : "Vejam, diante da sua covardia, as mulheres palestinas são as únicas que estão lutando para libertar seus homens cercados pelo inimigo dos árabes; Israel".

*(Fim do testemunho)*

Eles fazem a guerra contra civis e o mundo não sabe. Silvia Cattori O jovem palestino que nos contou tudo isso com sua voz baixa nos despedaçou o coração. Ele não poderia render uma melhor homenagem à estas mulheres heróicas.

Eu acredito que todos aqueles que viram as imagens destas mulheres ficaram emocionados. Elas se lançaram ao longo desta imensa avenida, à descoberto, mãos vazias, desafiando helicópteros e blindados para protegerem seus homens.

Os soldados, atiraram nelas mas elas continuaram e atingiram seu objetivo.

Os soldados que atiraram dos seus blindados nestas mulheres inofensivas, são monstros. "Israel tem o direito de se defender" respondia nesta manhã o ex embaixador Elie Barnavi ao jornalista da France culture que lhe perguntava o que significava a ofensiva israelense ao norte de Gaza.

Mas o direito de se defender contra quem —

Não existe exército palestino em frente. Há um povo massacrado dia após dia pelo exército melhor equipado do mundo. E os Palestinos não tem o Direito de se defender.

É o Povo Palestino vítima dos massacres que ele deveria perguntar o que significa viver sob ofensiva militar israelense, e não aos embaixadores do Estado judeu de Israel.

Os embaixadores que jamais vão lhe dizer, quando se trata de vidas árabes, o sofrimento e a angustia das crianças atiradas no medo, das mulheres que não sabem como protegê-las, dos velhos que sofrem impotentes, bebês que berram, mulheres grávidas que temem por sua gravidez, feridos, mortos, mães que choram os seus , homens que se sentem humilhados por não poderem defender suas crianças, médicos que não agüentam mais verem tanto sangue correr e feridos se

juntarem aos feridos dos hospitais mal equipados.

Estes "terroristas", estes "ativistas" que Israel combate; são os Palestinos; os autênticos residentes de uma nação que Israel apagou do mapa, um Povo expulso de sua terra, fechados em Campos miseráveis.

São mulheres de todas as idades que enfrentam os tanques para protegerem seus filhos. São crianças que morrem na sua cama ou brincando diante de sua porta. São pais, irmãos, primos, esposos sumariamente executados porque Israel os colocou nas listas de "procurados".

São jovens desesperados com, para defender sua dignidade com, os fuzis e foguetes rudimentares, e que sabem que eles vão em direção da morte quando colocam o nariz para fora.

Como a criança Bara' Riyad Fayyad, de 4 anos de idade, morta diante da porta de sua casa. São pessoas totalmente normais, que votaram de forma totalmente democrática contra as autoridades corruptas do Fatah.

"Onde estão nossos irmãos árabes—", gritava uma mulher diante de uma câmera.

Onde está o mundo —

"A comunidade internacional se cala, ficam chocadas as pessoas que olham tudo isso com medo e se surpreendem com esse silêncio.

Mas, a "comunidade internacional", tão freqüentemente invocada, não é senão uma palavra sem sentido. E a ONU depois da queda da URSS não é senão um instrumento nas mãos da superpotência estadunidense.

De fato, a "comunidade internacional", somos nós; são estas associações que estão infelizmente muito mais ligadas à protegerem as conquistas do Estado judeu de Israel do que o Direito dos Palestinos à existirem, ou seja, à voltarem para casa; são estes partidos políticos, de todas tendências misturadas, muito ocupados em se deslocarem no tabuleiro do xadrez eleitoral; são os eleitos que não ousam criticar Israel por medo de serem acusados de anti-semitismo; são estes jornalistas que desinformam a opinião pública e escondem os crimes de Estado.

Origem:

Silvia Cattori es periodista independiente suiza. Elaine Guevara é membro do Tlaxcala, a rede de tradutores pela diversidade lingüística. Esta tradução é Copyleft. para uso no comercial: se puede reproducir libremente, a condición de respetar su integridad y mencionar a los autores y la fuente.

<http://www.tlaxcala.es/pp.asp—reference=1479&lg=po>

## PRESSÕES

### Sionismo - O Poder Da Intimidação

Veja como uma das mais poderosas instituições de ensino superior do Brasil - a Universidade Luterana do Brasil, ULBRA - sofre pressões do poder intimidatório do Sionismo organizado.

No final do segundo semestre de 1997 um formando de Direito da Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, no Rio Grande do Sul, resolveu apresentar sua tese de final de curso, que tinha o seguinte título:

"Uma Nova Visão do Julgamento Internacional de Criminosos de Guerra de Nuremberg".

Tratando-se de um tema jurídico fundamental que traçou um corte brutal e radical nos antigos e conceituados mandamentos jurídicos internacionais vigentes até então, introduzindo novos preceitos como, por exemplo, a retroatividade da pena - e anulando outros como o princípio da ampla defesa - o tema apareceu apropriadíssimo ao aluno formando. O que, veremos a seguir, não era exatamente o mesmo pensamento de seus aterrorizados mestres.

Após meses de pesquisas o formando estava na posse de dados jurídicos estupefacientes sobre Nuremberg. De outro lado, durante o período de três meses em que se dedicou a preparar sua tese, as pressões por parte de alguns colegas, de professores e por parte da própria Direção do curso de Direito, atingiram um crescendo quase insuportável. A notícia de que estava sendo preparada uma tese "proibida" espalhou-se rapidamente e as reações - das tentativas de ridicularizar até o extremo do histerismo - cresceram num ritmo quase igual ou superior. De uma atividade normal, corriqueira e até automatizada que é a preparação e apresentação de teses de conclusão de cursos, o desenvolvimento do trabalho do formando "rebelde" transformou-se no alvo das atenções e - principalmente - da crítica, de uma pequena (porém organizada e ideologicamente ativa) parcela dos alunos e do atemorizado corpo docente. Apesar de não haver entre os professores nenhum judeu ou sionista reconhecido, os mestres, como um todo, agiam como se o fossem. O próprio professor orientador, ao invés de estimular a auxiliar na busca de subsídios e/ ou orientação quanto aos caminhos mais corretos a serem seguidos na elaboração da tese, pelo contrário, visivelmente constrangido e amedrontado, propunha

sempre ao aluno o abandono do tema e a escolha de outro, mais "adequado".

Durante anos é ensinado nos cursos de Direito que as pessoas, principalmente os juristas, não devem ter medo de lutar e defender a verdade e a justiça... E o formando "rebelde" começava a ter sua primeira aula prática sobre a realidade: é tudo muito bonito no papel e na eloquência das salas de aula, mas quando se passa a questionar a "verdade e a justiça" oficiais, então automaticamente o comportamento vil, a censura, a pressão, o medo, o preconceito, a subserviência, a pusilanimidade, além dos mais diversos insuspeitos e inacreditáveis tipos de perseguições começam a vir à tona. Mas o aluno, seguindo rigorosamente tudo o que seus mestres lhe haviam ensinado continuou a elaborar sua tese, sem defender idéias radicais, sem expressões de "racismo" ou "xenofobia", conforme vinha sendo apregoadado por alguns outros alunos, capitaneados por um colega judeu especialmente ativo. Apesar de nunca ter passado os olhos sobre a polêmica matéria, o mesmo trabalhava freneticamente junto ao corpo docente e à própria Direção da universidade, fazendo seu lobby contra "o preconceito", contra "o racismo", contra "o perigoso ressurgimento de idéias nazistas" no seio da nossa sociedade, etc. Literalmente histérico, o "representante" de Israel dentro da Universidade Luterana continuou com sua campanha contra o aluno "rebelde" e sua tese, mantendo a banca e professores sob um terror pânico constante, inclusive na data da apresentação.

Totalmente apavorados com as conseqüências que a celeuma em torno da tese poderia ter na sociedade e - evidentemente - nos campos político e econômico, tanto os professores com receio da Direção, quanto esta com receio da repressão sionista, tentaram a última cartada para barrar o acontecimento. Minutos antes da apresentação, e já com o maior público jamais reunido para assistir uma tese de formatura presente, professores e Direção tentaram mais uma vez a tática da desestabilização emocional contra o incorrigível e obstinado rebelde. Reunidos, corpo docente e vários outros elementos diretamente interessados, ameaçaram com reprovação, pura e simplesmente, alegando que não se tratava de um trabalho de cunho jurídico, mas unicamente de fundo revisionista! O jovem não se deixou intimidar e, como bom futuro jurista, rebateu um por um os argumentos falaciosos apresentados. Voltaram a atacar com o argumento de que se tratava de "tese preconceituosa e plágio de idéias 'subversivas' e contrárias à lei e à democracia".

Como este conceito também não vingou, mais uma vez ameaçaram o aluno, alegando que o trabalho não seguia as normas técnicas da ABNT! O jovem, já preparado para este tipo de alegação, desarmou-os completamente apresentando o volume da ABNT sobre o assunto, pedindo-lhes que indicassem onde estava a falha! Incapazes de seguirem neste caminho, foram obrigados a aceitar a apresentação do trabalho. Mesmo assim já nas formalidades iniciais, outro professor de direito, membro da banca examinadora, que não era judeu, mas seguidor de idéias estranhas e comportamento duvidoso e um dos acusadores mais histéricos e radicais, voltou a acusar o formando de plágio e subversão. Notório foi a posição do professor orientador, que em nenhum destes momentos cruciais e de alta tensão, se posicionou a favor de seu "orientado", exigindo, no mínimo, a substituição daquele preconceituoso membro da banca.

Segundo membros da platéia, tratou-se de um dos melhores trabalhos apresentados naquele dia 10 de dezembro de 1997. Mesmo assim tudo foi feito para a sua reprovação! Em nenhum momento os três membros da banca fizeram perguntas de cunho jurídico. Temiam, seguramente, as respostas! Durante uma hora e meia bombardearam o aluno com perguntas desconexas e assuntos relacionados com... ortografia e gramática! Alteraram propositamente o tempo de elaboração de perguntas, praticamente triplicando-o, tudo com o intuito óbvio de desestabilizar emocionalmente o jovem. Tudo em vão. Contra a verdade e a justiça, a covardia e a ignomínia sempre acabam por se curvar. A banca se retirou e deliberou - por mais de meia hora - e a portas fechadas! Com o enorme público presente tornou-se impossível seguir a orientação alienígena que ordenava a reprovação. Completamente diferente do procedimento adotado em todas as outras decisões sobre teses de conclusão, a banca examinadora entregou ao formando sua nota, rabiscada num pedaço de papel e se retirou. Nota 6! Nota mínima, o suficiente unicamente para não reprová-lo! Resolviam assim o problema com o polêmico aluno e redimiam-se -acreditam eles! - perante o lobby sionista.

O aluno, apesar, ou principalmente por isso, foi vastamente felicitado e parabenizado, desmascarando, com seu corajoso posicionamento, o estágio quase inacreditável de dependência e submissão daquela poderosa universidade (e de todas as outras também) frente à onipotência alienígena do sionismo internacional.

Se você for procurar, hoje, por qualquer tese de formatura do ano de 1997 na biblioteca daquela universidade, encontrará todas, como é de praxe, menos uma, exatamente aquela intitulada "Uma Nova Visão do Julgamento Internacional de Criminosos de Guerra de Nuremberg".

Sic Transit Gloria Mundi

(Apesar de Lutero, o Reformador, ser o patrono da ULBRA [daí o "Luterana" nome oficial da universidade], um de seus mais expressivos e polêmicos escritos, intitulado "Dos Judeus e suas Mentiras", não consta da sua biblioteca. Oferecido por alunos e pela própria editora brasileira que o

publica, foi rejeitado pela universidade. Paradoxalmente, livros do farsante e mistificador internacional Simon Wiesenthal, além de outros, de seus seguidores no Brasil, figuram incólumes nas suas listagens.)

Publicado no *Boletim EP-Esclarecimento ao País* Nº 20 - ABR/99  
[www.dirlip.org](http://www.dirlip.org)

## IMPOSSIBILIDADE DE CONTESTAREM

### Pichadores e Caçadores de Livros em Acção

S. E. Castan

Após o lançamento do meu último livro, *A Implosão da Mentira do Século*, os sionistas perderam o resto que ainda tinham da compostura e, na falta de contra-argumentação, partiram para a guerra suja total:

Com seu reconhecido domínio sobre os meios de comunicação, armaram, fácil e rapidamente, dois programas tipo "documento", nas redes Manchete e SBT;

Ambos os programas tentaram, claramente, envolver a Editora Revisão, forçando uma ligação com atos de vandalismo, arruaças e depoimentos de meia dúzia de pessoas, escondidas por capuzes, e que expressavam ódio principalmente a judeus, além de negros de uma nova pasmem! raça, a nordestina! Tudo muito bem encomendado, bem ensaiado, certinho. Em Porto Alegre, um dos meus advogados, Dr. Valdomiro Roberto, e de Pelotas, o escritor e pesquisador militar Sérgio Oliveira, deram entrevistas de mais de duas horas, das quais as duas TVs em conjunto não apresentaram mais de dois minutos no total... Na sede da Revisão, repórteres, indignos deste nome, faziam-se passar por estudantes paulistas, para tentar "descobrir" coisas, que seriam muito mais fáceis de obter com uma simples leitura dos nossos livros.

Para completar a armação, no dia 28 de setembro o jornal Zero Hora informou que dois dos cemitérios judaicos de Porto Alegre teriam tido seus túmulos pichados com suásticas e "frases nazistas". O administrador do cemitério, segundo Zero Hora, teria flagrado três skinheads (cabeças raspadas) pulando o muro, de madrugada, porém não chegou a ver se tinham a cabeça raspada...

No dia 6 de outubro, também em Zero Hora, o presidente em exercício da federação estrangeira, Israelita, Hélio Neumann Sant'Anna, não se conteve e afirmou "temer o crescimento desse tipo de manifestações de cunho racista da Editora Revisão, de propriedade de Siegfried Ellwanger"... Na realidade, somos o único motivo de toda essa armação sionista a nível nacional.

Em função das "pichações", promoveram também um comício na chamada Esquina Democrática de Porto Alegre, com o comparecimento de algumas figuras da política.

Comparemos o que nos é apresentado pelos jornais, rádios e TVs, abastecidos pelos sionistas, e a realidade dos fatos:

Seguidamente aparecem notícias de violações de cemitérios judaicos, por todo o mundo, com pichações, profanações de sepulturas, quebras de lápides e outras monstruosidades do gênero. Até hoje as polícias não detiveram um único pichador, em todos esses casos, que não fosse sionista!

Todo e qualquer ato de violação de túmulos e cemitérios é com justiça repudiado pela humanidade. E quem tem interesse em ser repudiado— Ninguém. Mas quem leva vantagem nessa situação— A vítima! O autor é execrado e o ato é atribuído a um aparente inimigo.

Ninguém escala, sem escada e por duas vezes, um muro de mais de dois metros e meio de altura carregando pincéis e tinta para pichar túmulos internos, quando existe um enorme muro externo, que permite um trabalho rápido e sem perigo de enfrentar cães de guarda e arriscarse a levar um tiro de sal ou chumbo, ou, numa hipótese pior, uma rajada de USI. A informação de Zero Hora é de que o zelador teria visto três skinheads, apesar de não ter visto suas carecas... Recebi informação de fonte idônea e fidedigna, de que o zelador não viu ninguém!

Na realidade; o que o sionismo pretende é influenciar a opinião pública e autoridades contra a circulação de nossos livros, por revelarem a Mentira do Século! Qualquer pessoa que tivesse real interesse na identificação dos pichadores, teria solicitado a imediata intervenção da polícia técnica. Não, a federação estrangeira optou pelo apagar imediato das provas do crime...

Na impossibilidade de contestarem o que publico, através de livros e artigos, em alto nível, erram mais uma vez na sua estratégia, tentando colocar grupos brasileiros contra mim e querendo

transformar-me em racista. Sabemos todos, quem pratica racismo, até contra judeus negros, os "falashas" em Israel, impedidos de residir nos bairros dos demais judeus, para evitar a "desvalorização dos imóveis da área"!

Já é tempo dessa Federação estrangeira deixar de lado a prepotência, adaptar-se às leis e costumes do nosso país e respeitar democraticamente opiniões contrárias às suas! Sou brasileiro, fundador e presidente do Centro Nacional de Pesquisas Históricas CNPH, e não estou nem um pouco preocupado se as conclusões de minhas pesquisas não agradem a Israel ou outro país qualquer. Quem ler meu último livro, *A Implosão da Mentira do Século*, entenderá imediatamente o porquê de toda essa armação sionista da imprensa, contra nós.

Há um poder maligno no mundo que, ao que parece, tudo pode, tudo faz. Mas esse poder treme em suas estruturas quando se defronta com algo que é, aparentemente, tão pequeno e tão frágil: A Verdade!

Porto Alegre, 20 de outubro de 1992.

**Revisão Editora LTDA.**

**Siegfried Ellwanger ( S.E. Castan )**

Publicado no *Boletim-EP / Esclarecimento ao País* Nº 6

grupodirlip.org

HISTORIADORES SERIOS

## "Fui comandante de Auschwitz"...

Será que os "ativos" participantes da lista Holocausto-Doc ou os por eles mencionados historiadores sérios, que fervorosamente defendem a historiografia do Holocausto, vão mandar mensagens de protesto pela suposta falsa divulgação dos fatos históricos—

É claro que isto é muito improvável, pois o que na prática se verifica são sempre as ações dos ativos revisionistas.

Quem seriam então os responsáveis pela substituição das lápides em Auschwitz—

Abaixo segue uma notícia extraída HOJE da página judaica pró-Israel " [www.deolhonamidia.org.br](http://www.deolhonamidia.org.br) ":

=====

"Fui comandante de Auschwitz durante quatro anos, de maio de 1940 a 1o de dezembro de 1943."

Perguntei quantas pessoas foram executadas em Auschwitz durante aquela época. "O número exato não dá para saber. Estimo uns 2,5 milhões de judeus." Somente judeus— "Sim." Mulheres e crianças também— "Sim."

O que você acha disto— Hoess pareceu confuso e apático. Repeti a pergunta e indaguei se ele aprovava o que aconteceu em Auschwitz. "Eu tinha minhas ordens pessoais de Himmler." Você alguma vez chegou a protestar— "Eu não podia. As razões dadas por Himmler eu tinha que aceitar." Em outras palavras, você acha que se justificava matar 2,5 milhões de homens, mulheres e crianças— "Não se justificava - mas Himmler me disse que, se os judeus não fossem exterminados àquela altura, o povo alemão seria exterminado para sempre pelos judeus."

Como é que os judeus conseguiriam exterminar os alemães— "Eu não sei, isto é o que Himmler dizia. Himmler não explicou." Você não tem idéias ou opiniões próprias— "Sim, mas quando Himmler nos dizia algo, era tão correto e natural que obedecíamos cegamente." Você tem algum sentimento de culpa por aquilo— "Sim, agora naturalmente me faz pensar que não estava certo."

---

"Em 1942, os grandes crematórios foram completados, e o processo inteiro passou a ser realizado nos prédios novos. Novas vias férreas levavam ao crematório. As pessoas eram selecionadas como antes, com a única exceção de que os incapazes de trabalhar iam para o crematório, em vez de serem conduzidas às casas de fazenda. Era um prédio grande e moderno; havia salas de despir e câmaras de gás subterrâneas, e um crematório acima da superfície, mas tudo no mesmo prédio. Havia quatro câmaras de gás subterrâneas; duas grandes, cada uma acomodando duas mil pessoas, e duas menores,



cada uma acomodando 1.600 pessoas. As câmaras de gás eram construídas como uma instalação de chuveiro, com duchas, canos de água, algumas instalações hidráulicas e um sistema de ventilação elétrico moderno, de modo que, após o envenenamento por gás, o aposento fosse arejado por meio do dispositivo de ventilação elétrico. Os corpos eram trazidos por elevadores até o crematório acima. Havia cinco fornos duplos.

Queimar duas mil pessoas levava cerca de 24 horas nos cinco fornos. Geralmente só conseguíamos cremar cerca de 1.700 a 1.800. Estávamos portanto sempre atrasados em nossa cremação, porque, como você pode ver, era bem mais fácil exterminar com gás do que cremar, que exigia muito mais tempo e trabalho.

"Quando o processo estava em andamento, dois ou três transportes chegavam diariamente, cada um com cerca de duas mil pessoas. Esses eram os períodos mais difíceis, porque tínhamos que exterminá-las de uma vez, e as instalações de cremação, mesmo com os novos crematórios, não acompanhavam o ritmo do extermínio."

Trecho do relato de Leon Goldensohn, médico e psiquiatra da prisão de Nuremberg, de uma conversa em 8 de abril de 1946 com Rudolf Hoess, comandante de Auschwitz (não confundir com Rudolf Hess). Fonte: *The Nuremberg Interviews*, livro que será lançado em edição brasileira dentro de alguns meses pela Companhia das Letras.

=====

Melhor que nosso Goldensohn, somente mesmo o barão de Münchhausen!!

Será que valeria a pena serem comentadas aqui as afirmações sobre:

- 2,5 milhões de judeus (!)
- grandes crematórios prontos já em 42
- super-capacidade diária por mufa de 200 cadáveres
- e as demais repetidas besteiras de sempre —

Em suma, seria conversa para boi dormir— Não sabemos, mas talvez alguém tenha a finalidade de iludir aqueles (a grande maioria) que não têm tempo suficiente para realizar pesquisas mais profundas, evitando ficar à mercê das informações provenientes dos meios de comunicação de massa, procuram refúgio na nobre arte da leitura.

É claro que não estamos a dizer que não acreditamos no suposto Holocausto... :o)

Fica a pergunta:

Como a justiça pode permitir a publicação por parte da Companhia das Letras de uma edição brasileira do livro *The Nuremberg Interviews*, de Leon Goldensohn, repleto de "inconsistências" e, por outro lado, a editora Revisão está proibida de reeditar a edição brasileira do livro *O judeu Internacional* de Henry Ford—

Quem financia a edição do livro e qual o interesse se esconde por detrás— Talvez encontremos a resposta junto ao sr. Luís Schwarcz, proprietário da editora EDITORA SCHWARCZ (Companhia das Letras).

EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 - São Paulo - SP  
Telefone 11 3707-3500  
Fax 11 3707-3501

W.

<http://br.groups.yahoo.com/group/Holocausto-Doc/message/5561>

"REINTEGRAR" AO TERRITÓRIO DO REICH OS "ALEMÃES ÉTNICOS"

## Alemães expandem estudo do Holocausto

Nicholas Weill

Embora a historiografia do Holocausto tenha sido dominada por muito tempo por americanos ou israelenses, alguns historiadores na Alemanha, desde muito cedo, consagraram obras importantes para a análise do regime nazista, começando por um opositor deportado, o intelectual católico Eugen Kogon, autor de *L'État SS* (o Estado SS, 1946). Em 1949 foi criado o Instituto de História Contemporânea de Munique (IHC), cujos trabalhos tratavam, em sua maioria, do período nazista. O

Instituto de Pesquisas Sociais de Hamburgo, fundado em 1984 por Jan Phillip Reemtsma também teve papel importante. Martim Broszat, que dirigiu o IFZ, ou Hans Mommsen, líder na Alemanha da escola dita "funcionalista" (que explicava a "solução final" pela mecânica da guerra e do regime, não pela intenção de seus autores), são algumas das figuras importantes da historiografia do nazismo. Mas outra geração de pesquisadores virou essas pesquisas de ponta-cabeça. Na verdade, ela tem dificuldade em encontrar lugar na universidade alemã, tanto que vários de seus proponentes entraram para universidades americanas.

Nascidos muito após o conflito, alguns desses historiadores estiveram estreitamente vinculados ao movimento de 1968 alemão, como é o caso do historiador e jornalista Götz Aly ou de Karl-Heinz Roth. "Trata-se de um grupo—" pergunta o historiador berlinense Peter Schottler (Instituto de História do Tempo Presente, IHTP). "Todos se conhecem, mas suas trajetórias políticas divergem. Alguns são antigos líderes estudantis, como Roth; outros, mais jovens, estiveram próximos dos Verdes e dos chamados 'ateliês de história'."

Apesar de suas trajetórias distintas, o efeito de grupo vem do fato de esses historiadores contribuírem para obras coletivas provocadas pela abertura dos arquivos do leste. Assim, a publicação do "*Calendrier d'Himmler*" (Calendário de Himmler) agrupou vários nomes dessa nova história, como Christian Gerlach, Dieter Pohl e Michael Wildt.

### Raízes comuns

Götz Aly é também autor, com Christian Gerlach, de um trabalho recente sobre a deportação dos judeus da Hungria em 1944, "*Das Letzte Kapitel*" (o último capítulo). Este mostra que os pesquisadores não hesitam mais em aventurar-se por territórios externos à história alemã. Podemos também encontrar raízes comuns dessa "nova escola" nos trabalhos do sociólogo alemão emigrado aos EUA Franz Neumann, o primeiro que, em seu livro "*Behemoth*", de 1942, pôs em evidência a multiplicação das instâncias de decisão no interior do regime nazista.

Muitos também leram a obra do sociólogo britânico de origem polonesa Zygmunt Bauman, que, em "*Modernité et Holocauste*" (modernidade e Holocausto), procurou destacara relação entre a racionalidade moderna e o empreendimento nazista de destruição. Para Pieter Lagrou, da Universidade Livre de Bruxelas, esses historiadores praticam uma "crítica dos conceitos fundamentados na noção de singularidade do genocídio". Longe de ter sido um acontecimento que poderia ser tratado por si só ou explicado exclusivamente pelo anti-semitismo alemão, o assassinato dos judeus da Europa deve, para ele, ser revisto no contexto da política nazista de reestruturação (especialmente étnica) da Europa.

Assim, em "*Endlösung*" (solução final), Götz Aly mostrou como as deportações de judeus, assim como o extermínio sistemático dos doentes mentais sob o programa T4, estavam vinculados à decisão de "reintegrar" ao território do Reich os "alemães étnicos" dispersos pelo leste da Europa.

Essas novas abordagens também remetem a especialistas e intelectuais: em 1940, geólogos garantiram que o solo de Madagascar era suficientemente pobre em recursos minerais para que se cogitasse em promover a deportação em massa dos judeus para lá.

Vários estudiosos puseram seu saber a serviço de uma reformulação dos perfis demográficos de uma Europa submetida "*manu militari*" a um redesenho no qual os judeus não tinham mais lugar.

O cruzamento sistemático das fontes alemãs com documentos poloneses, ucranianos e judeus é outra característica dessas novas abordagens. Assim, Michael Esch, pesquisador do Centro Marc Bloch (Berlim), cruzou os arquivos alemães com as fontes deixadas pelos médicos judeus do gueto de Varsóvia para estudar a política

sanitária do Reich na Polônia. O interesse surgido nos anos 90 pelas espoliações e pelo roubo de bens dos judeus acabou levando alguns especialistas a estudar os fatores econômicos, não só ideológicos, da violência em massa.

"Le Monde"

Tradução de **Clara Allain**

<http://br.groups.yahoo.com/group/Holocausto-Doc/message/5559>

### O MITO DO "HOLOCAUSTO"

Prezado Guadalupe

Sua emenda ficou pior que o soneto.

O revisionismo é perseguido praticamente em toda Europa; não tem espaço para o debate público e qualquer chance de acesso à mídia de massa. Isso acontece justamente porque a maioria dos

governos que hoje se encontra dando as cartas nos países do continente, entende claramente, que a manutenção do seu poder é dependente de certos paradigmas ideológicos, entre os quais, o mito do "holocausto" é um alicerce muito importante.

Caso a alegada "idiotice" do revisionismo, que afirma essa meia-dúzia de patifes desocupados (e talvez remunerados), fosse mesmo real; não custaria nada expô-lo ao ridículo pública e definitivamente. Isso obviamente não acontece apenas porque, conforme dizem acertadamente certos juristas e nosso limitado interlocutor, "a sua acentuada componente de incitação à intolerância e ao ódio contra minorias", seria "passível de provocar distúrbios da ordem pública"... Mas sim, porque, conforme demonstrado no fórum Rodoh recentemente, todos os cartuchos dos defensores da lenda não são suficientes para arranhar seriamente a reputação dos revisionistas, senão apenas gerar certas controvérsias.

Bem entendido esse belo modelo de "democracia" ocidental, que tolhe as vozes daqueles que podem levar grandes parcelas da população a questionarem a validade dos seus próprios postulados: "não deixemos a massa ignara pensar e questionar a validade da 'história' que viemos lhe contando nas últimas seis décadas!".

A massa amorfa, encarregada da importante missão de "escolher" seus líderes - que piada! -, deve ser entendida como incapaz de chegar às suas próprias conclusões. Para isso, aquilo que é temerário deve ser proibido. Na verdade, um temor enorme que certos tipos de pensamentos cresçam em demasido e saiam do controle, a ponto de perturbar a marcha da própria ordem pública. Analogamente, crenças estapafúrdias e gostos exóticos ou pérfidos são em geral permitidos; porque mesmo entendendo que se passassem a fazer muitas cabeças, poderiam também perturbar a ordem pública, tal possibilidade não é levada a sério.

Já ficou mais do que comprovado que os discursos históricos são prerrogativas para os poderes ideológicos vigentes. E os atuais, são amplamente respaldados nessa aberração denominada "holocausto"...

E afinal, que verdade é essa, que após seis décadas, precisa ser repisada contante e ridiculamente como o maior crime da história da humanidade— Que fato incontestável é esse que precisa de leis de excessão específicas— Que verdade histórica é essa que precisa ser instrumentada demagogicamente por alguns aproveitadores vulgares, doentios e vigaristas da pior espécie—

Está aí explicado porque recentemente o líder da Associação Central da Comunidade Judia, Frantisek Alexander, está numa batalha judicial para impedir que as leis de excessão contra o revisionismo na Eslováquia sejam revogadas. Segundo ele, "a negação do Holocausto é infecciosa". Gyula Bardos, um legislador da coligação governamental no país, seguindo os preceitos exigidos por seus patrões, declarou estar otimista porque "os deputados de todos os partidos políticos sabem que negar o Holocausto é um assunto muito perigoso". Casos como esse acontecem todos os anos na Europa e em diversos países (até no Brasil), e vão continuar ainda por muito tempo, antes que um número mais significativo de pessoas conheça a realidade dos fatos.

Prezado Guadalupe, entende agora porque sua sua demagogia estúpida e seu cinismo asqueroso não convencem a ninguém que tenha uma mente um pouco mais esclarecida e/ou equilibrada—

Marcelo Silveira

P.S: Em tempo, sempre necessário corrigir, revisionistas não negam que foram cometidos crimes horríveis contra os judeus na II G.G, apenas negam os milhões das câmaras de gás

*Marcelo Silveira <batis\_silv@yahoo.com.br>*

JUDEUS NO BRASIL

## Brasil: 500 anos de liberdade

**Arnaldo Niskier**

E o Brasil, em todo esse processo— É sabido que, desde os primórdios, judeus e cristãos-novos habitaram a terra brasilis. Houve Tribunal do Santo Ofício entre nós, com o sacrifício de dezenas de crentes na fé mosaica. Mas é indiscutível que vivemos, com raras exceções, numa pátria em que prevalece a liberdade. As agressões a esse sentimento profundo são exceções que cumpre condenar, pois causa repugnância qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Tivemos, na história, o registro de grandes amizades. Essa doce exemplaridade talvez encontre no homem dos Sermões a sua maior figura. O padre Antônio Vieira, maior representante

da eloquência sacra em nossa literatura, manteve em seus quase 90 anos de vida uma relação de intensa simpatia com os judeus. Sua família, isenta de preconceitos, registrou diversos casamentos considerados mistos, na ocasião, como o da irmã Leonarda, casada com Simão Álvares de Lapenha, com quem teve filhos; Maria de Azevedo casou com Jerônimo Sodré Pereira; Catarina Ravasco de Azevedo com Rui de Carvalho Pinheiro e Inácia de Azevedo com Fernão Vaz da Costa. Todos de sangue semita.

A Companhia de Jesus era fortemente influenciada pela chamada "gente de nação", o que levou Vieira a uma grande identificação com o Velho Testamento e à defesa candente dos cristãos-novos perseguidos pelo Santo Ofício e a Ordem Dominicana. Acabaria, ele mesmo, sendo vítima da Inquisição. Foi pesquisado se tinha sangue impuro, "pois só um judeu defenderia tão ardorosamente outros judeus". Nada encontraram, era mesmo idealismo do pregador messiânico, que, chegando à condição de confidente de D. João IV, sugeriu-lhe retomar Pernambuco dos holandeses, mas não pela guerra, e sim por uma compra com o dinheiro emprestado pelos judeus, desde que lhes fosse permitida a livre entrada no país.

É dessa época a construção da primeira sinagoga brasileira - Kahal Zur Israel (Rochedo de Israel), que começou a ser pensada em 1630, com a chegada dos primeiros israelitas oriundos da Holanda a Recife. Eles queriam uma sinagoga e uma escola, da mesma forma que o padre José de Anchieta, um século antes, falava em construir uma escola ao lado de cada igreja. São semelhanças que devem ser lembradas.

Em 1642 pregou Vieira pela primeira vez em Lisboa. Havia necessidade de obter recursos financeiros para a aquisição de navios e armamentos, além da contratação de mercenários, como era costume na época. Sugeriu ao monarca a cooperação dos judeus - cristãos-novos ou não - lançando o opúsculo Razões apontadas a el-rei D. João IV a favor dos cristãos-novos para se lhes haver de perdoar a confiscação de seus bens, que entrarem no comércio deste Reino.

Pode-se compreender o alcance da sugestão pelo que afirma Mendes dos Remédios, no seu clássico Os Judeus em Portugal: "Defesa pronta, desassomburada, eloquente, vigorosa, linguagem forte, lógica incisiva e fulminante. Esse escrito estalou como um trovão... O que não devia causar menos espanto, apreensão e temores era o saber-se que o paladino dos cristãos-novos e autor daquela Proposta era um jesuíta, homem então na pujança da vida e do talento, bem aceito na corte, adorado nos meios aristocráticos e devotos da capital, intemorato, eloquente, generoso, e cujo saber e habilidade não conheciam limites - o padre Antônio Vieira".

Os inimigos eram os castelhanos e os holandeses, estes já instalados no Nordeste brasileiro, especialmente em Pernambuco. O pragmatismo de Vieira pode ser medido por essa afirmação: "Favorecer aos homens de nação ou admiti-los neste Reino, na forma que se propõe, não é contra lei alguma, divina ou humana, antes é muito conforme aos sagrados cânones... O judaísmo não passa de homens da mesma nação".

Com o seu apoio, organizou-se a Companhia de Comércio para o Brasil, fundamental para a reconquista de Pernambuco, apesar da forte oposição encontrada. Mas Vieira era muito firme nas suas convicções: "O Papa, em Roma, admitia judeus públicos (os que viviam na lei de Moisés) e sinagogas, por que se não havia de consentir em Portugal— O modo de processar na Inquisição os apóstatas era iníquo". Por isso, a ele se atribui, quando estava em Roma, a autoria do Memorial a favor da gente de nação hebréia.

Foi um grande e inesquecível amigo dos judeus. Exemplos assim de intercâmbio entre católicos e judeus servem para consolidar a crença de que devemos ser amigos e lutar, juntos, pelos mesmos ideais de compreensão e solidariedade.

*Arnaldo Niskier é presidente da Academia Brasileira de Letras*

[http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_view.asp—a=247&p=3](http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp—a=247&p=3)

## ANTI-SEMITISMO

### A propósito do anti-semitismo

O termo "anti-semitismo", com suas conotações biológicas e raciais, foi usado pela primeira vez em 1879, por Wilmer Marr, fundador da famosa Liga Anti-semita.

*Morasha* Edição 38 - Setembro de 2002

A palavra "anti-semitismo" tornou-se logo de uso corrente, encontrando um campo amplo para seu emprego, e, amparando-se no culto da ciência, que a tornou muito popular a partir dos últimos vinte anos do século XIX, todos os postulados "científicos" do termo foram avidamente aceitos por determinados segmentos da ideologia nacionalista patriótica.

Marr embasava o termo "anti-semitismo" com uma identidade racial, asseverando que o caráter "inato" dos judeus ou semitas – considerados descendentes de Shem, um dos três filhos de Noah mencionados no livro bíblico da Gênese – era absolutamente oposto ao caráter "nobre e puro" dos arianos (Marr, ao dizer "aria-nos", tinha em mente os teutões e nórdicos, tais como alemães, austríacos, escandinavos, holandeses, ingleses, franceses etc.). Ele considerava, magnanimamente, que os judeus não podiam deixar de ser o que eram; isto é, homens "inferiores moral e fisicamente", porque a natureza assim havia predeterminado.

Essa mistura de contra-sensos pseudocientíficos era ministrada pelos raivosos racistas aos ignorantes e apáticos e só fazia divertir ou irritar os eminentes homens de ciência daquela época.

De certa forma, o arianismo começou assim: no ano de 1808, Friedrich von Schlegel, o célebre estudioso do sânscrito (católico casado com a filha de Moisés Mendelssohn, Dorothea), observou, no decurso de suas pesquisas filológicas, certa proximidade entre o persa e o sânscrito, de um lado, e as línguas teutônicas (alemão, sueco, holandês etc.), de outro. A partir dessas observações inteiramente acidentais e de outras realizadas por vários filólogos, elaborou de uma língua ancestral comum, o "ariano", supostamente falada por um povo chamado "ariano", que habitava a terra de "Ariana", uma hipótese para a origem dessas línguas "aparentadas".

Nem é preciso dizer que o "ariano" era uma língua perdida e esquecida; os próprios "arianos" haviam desaparecido no bojo da história e a terra de "Ariana" era mencionada superficialmente no Zend Avesta, livro das escrituras semíticas do zoroastrianismo persa, escrito por volta do ano de 1000 a.E.C. Não há, entretanto, qualquer indicação de onde estaria situada.

Foi nesses hipotéticos arianos, habitantes de um país hipotético chamado Ariana, que falavam uma língua hipotética, o ariano, que os anti-semitas do século XIX, entre os quais estavam professores, jornalistas e demagogos alemães, foram buscar as fontes de sua nobreza ancestral e de seu orgulho de fazer parte de uma "raça superior" da Humanidade. Não resta dúvida que o sentimento nacional, que se seguiu ao triunfo espetacular dos alemães sobre os franceses, na guerra franco-prussiana de 1870, estimulou enormemente o desenvolvimento do princípio "científico" anti-semita do arianismo; fê-lo parecer convincente. Ao mesmo tempo, buscando inspiração na mesma fonte literária – o Zend Avesta – os anti-semitas do século XIX fizeram uma analogia entre o princípio zoroastriano da dualidade e da oposição mortal que se sabe existir entre a deidade da luz (Ormuz) e a idade da treva (Arimã) e a oposição, igualmente mortal, que se supunha existir entre a raça ariana (a "raça superior" alemã) e a raça semítica (a "raça escrava" judia). A conclusão a que chegaram era a seguinte: assim como o deus persa da luz estava empenhado em eterna batalha com o deus das trevas, até que este último fosse derrotado – assim devia a raça ariana encetar um combate mortal contra o judaísmo até destruí-lo.

Quanto à “pureza racial”, reivindicada pelos apologistas “arianos” em favor do povo alemão, o eminente antropólogo francês Pittard fez a seguinte observação, no início do século: “Há tanta diferença entre um pomeraniano da costa do Báltico e um bávaro do maciço do Amer, quanto a que existe entre um cavalo e uma zebra.” (Polskaiser: apud Clemesha1998, 68).

Nos anos intermediários entre a guerra franco-prussiana e a unificação de todos os estados alemães, em 1871, e a tomada do poder por Adolf Hitler, em 1932, havia na Alemanha um número relativamente grande de judeus, que prosperavam, a esse tempo. Sob a orientação oportunística do Príncipe Bismarck, que compreendia a reação e o liberalismo a um só tempo, os judeus conseguiram a emancipação civil e total e, portanto, oportunidades iguais sob o ponto de vista jurídico em qualquer ramo de atividade. Está fora de dúvida que, durante as três décadas finais do século XIX, a grande expansão comercial e industrial da Alemanha deu a muitos judeus uma oportunidade sem par. Muitos enriqueceram e se integraram aos pilares da sociedade, exercendo atividades tais como as de fabricante, negociante, banqueiro, médico, engenheiro, advogado, além de práticas culturais, como a música e a literatura.

Não será necessário insistir em que o elemento de ressentimento permeou o pensamento de muitos anti-semitas com relação a seus compatriotas alemães de origem judaica. Desde quando os Cavaleiros da Cruz, ao final do século XI, se haviam expressado aos gritos de “Hab hab!” (“Dê, dê!”), os inimigos dos judeus em todos os países da Europa, nos séculos que se seguiram, passaram a encobrir sua cupidez pelo dinheiro e pelas posses dos judeus com a unção de um sentimento piedoso. Essa combinação de sentimentos foi, sem dúvida, a centelha que provocou a petição popular assinada por 300.000 cidadãos prussianos, em 1880 – a que se seguiram dois dias de violentos debates no Parlamento – requerendo do Marechal de Ferro (Bismarck) que excluísse os judeus de todas as escolas e universidades e que lhes proibisse ocupar qualquer cargo público. “A mistura do elemento semítico ao elemento germânico de nossa população demonstrou ser um fracasso. Temos que enfrentar agora a perda de nossa superioridade pela ascendência do judaísmo, cuja influência sempre crescente provém de características raciais que a nação alemã não pode e não deve tolerar, a não ser que deseje destruir a si mesma”.

Quão diferente era o tratamento que dera Robespierre, durante a Revolução Francesa, aos propalados defeitos “judaicos” (como se outros povos também não tivessem as mesmas deficiências!). Falando aos delegados da Assembléia Nacional para solicitar que incluíssem os judeus nas provisões humanísticas dos Direitos do Homem, disse ele: “Os defeitos dos judeus provêm do rebaixamento a que vós (cristãos) os haveis submetido. Se elevarmos sua condição, rapidamente farão jus a ela.” (NYISZLI: 1980, 189)

Segundo um dito antigo, “os judeus eram amaldiçoados por fazer e eram amaldiçoados por não fazer”. O reverendo Dr. Stöcker, pregador de Potsdam, favorito do Kaiser, declarou: “Os judeus são, simultaneamente, os pioneiros do capitalismo e do socialismo revolucionário, trabalhando assim pelos dois lados para destruir a atual ordem social e política.” (SARTRE: 1954, 76).

Os anti-semitas alemães, evidenciando sempre forte inclinação nacional para a metafísica, para a obtenção de conclusões “científicas” e para a elaboração de formulações precisas a partir delas, desenvolveram seu ódio aos judeus obedecendo a um sistema científico irrefutável – assim pensavam eles. Observa-se, freqüentemente, que sociedades ou grupos de homens, quando querem fazer parecer aos outros que suas ações são mais corretas e justificadas do que na realidade, tratam de adorná-las com racionalizações altissonantes de natureza intelectual, moral e legal, para assim disfarçar-lhes a má índole. Como observou, porém, o célebre jornalista e filósofo satírico judeu, Max Nordau, (1849-1923), ao comentar acerbamente as proezas “intelectuais” dos anti-semitas: “Os pretextos variam, mas o ódio continua.” (CLEMESHASHA 1998, 145)

O ódio dos anti-semitas na Alemanha e na Áustria perdurou, mas, a partir dos meados do século XIX, surgiu um pretexto novo, desta vez fornecido por intelectuais e professores – etnólogos, biólogos, psicólogos e historiadores – visando a supressão total (ver a plataforma do Reformista Lutero) e mesmo o extermínio físico dos judeus. Essa inovação foi liderada por dois homens: Conde Joseph



Arthur de Gobineau (1816-1882) e Houston Stewart Chamberlain (1885-1927). Gobineau, diplomata e orientalista francês, que publicou um Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas, em quatro volumes (Paris, 1853-1855), tomou como base de sua tese a visão dos judeus (semitas) como “uma raça mista” e que “tudo de grandioso, nobre e frutificador nas obras do homem [...] pertence a uma família (a ariana), cujos diferentes ramos reinam em todos os países civilizados do globo” (GOBINEAU apud CLEMESHA 1998, 93).

O outro mentor intelectual dos anti-semitas alemães, Chamberlain, era genro do compositor Richard Wagner que, por sua vez, havia atacado impiedosamente os judeus no seu ensaio nada musical “O Judaísmo na Música”. Chamberlain foi autor da obra mais agressiva, talvez, já publicada a respeito de judeus, fazendo-a editar sob o título acadêmico e totalmente enganador de Os Fundamentos do Século XIX (1899). A obra mereceu a aprovação entusiástica do Kaiser Guilherme II e dela foram vendidos quase um milhão de exemplares somente em língua alemã. Uma amostra típica do que o livro contém é a seguinte reflexão: “... a raça judaica está completamente abastardada, e sua existência é um crime contra as sagradas leis da vida...” (CHAMBERLAIN apud CORREA NETO: 1980, 79)

Por falar em “sagradas leis da vida”, outro inimigo do povo judeu, igualmente influente e devoto, o reverendo Dr. Adolf Stöcker, pregador da corte de Guilherme I e líder do bloco anti-semita do Reichstag, também entrou na arena como defensor da “santidade”. Mas a santidade pela qual lutava era a chamada pureza do sangue alemão. Dizia ele: “... o judaísmo moderno é uma gota de sangue estrangeiro no corpo alemão – e tem poder destrutivo” (NYISZLI: 1980, 49) Foi Stöcker, fundador do Partido Socialista Cristão, em 1878, quem cunhou, naquela ocasião, a legenda que se tornou o grito de guerra dos nazistas contra os judeus, meio século depois: “Deutschland – erwache!” (Alemanha, acordar!). Os socialistas cristãos também adotaram em seu programa político uma plataforma central que exigia uma Alemanha que fosse Judenrein (purificada de judeus).

Curiosamente, nessa preocupação com a pureza racial do povo alemão, Chamberlain e Stöcker, como também os outros líderes intelectuais do movimento anti-semita alemão, cada vez mais florescente – Wilhelm Marr, Hermann Ahlwardt, Heinrich van Treitschke, Conde Wajter Puckler-Muskau e o filósofo Eugen Dühring – tinham idéias “científicas” análogas à limpeza, à pureza do sangue (que era a obsessão dos racistas espanhóis durante o século XIV). O problema judaico não era mais da alçada da religião cristã. Os anti-semitas intelectuais, tal como os arruaceiros das cervejarias, opunham-se violentamente à conversão dos judeus ao cristianismo, devido à “mácula” que o “sangue judaico” traria à corrente puríssima de sangue germânico, através dos casamentos mistos.

Do alto de sua elevada eminência, o filósofo Dühring dava ao povo alemão o seguinte conselho genocida, quanto ao trato com os judeus: “não deveriam ficar inibidos por qualquer escrúpulo, e sim usar os mais modernos métodos de desinfecção” (DÜRHRING apud SARTRE 1954, 104). Dessa “filosofia de desinfecção” às câmaras de gás nazistas, onde foram asfixiados seis milhões de judeus em 1940-45, a distância era de poucos passos e de apenas sessenta anos.

[http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_view.asp—a=250&p=2](http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp—a=250&p=2)

POLICIA DE PENSAMENTO

**"Agimos sempre sob provocação"**

**Jair Krischike / Entrevista para o Boletim ASA (Associação Scholem Aleichem)**

Foi rápido o desfecho do caso dos quatro jovens de *quipã* agredidos por neonazistas em maio último, em Porto Alegre. Papel fundamental, por ter fornecido à Polícia os nomes e as fotos dos agressores, coube ao movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), que tem se destacado na defesa dos direitos fundamentais dos cidadãos. Fundada em 1979, a entidade esteve na vanguarda da defesa de perseguidos políticos e, mais recentemente, da luta pela condenação de Siegfried Ellwanger, autor de

livros nazistas. Um dos fundadores, ex-presidente e atualmente conselheiro secretário do MJDH, Jair Krischke, é de uma família originária de Hamburgo, Alemanha, neto do pastor que trouxe a Igreja Anglicana para o Brasil, no fim do século 19. É anglicano— “Eu pertenço à Humanidade”, diz ele. E completa: “Não sou negro, não sou judeu, mas detesto racistas.” Jair Krischke deu a entrevista abaixo para *ASA* por telefone, da sede do MJDH, em Porto Alegre.

#### **ASA – O que o MJDH sabe a respeito dos grupos de skinheads e assemelhados que atuam na sociedade brasileira—**

**Krischke** – Eles têm ramificações em todo o país. Em São Paulo, são mais fortes na capital e na região do ABCD. Em Santa Catarina, atuam principalmente em Joinville. No Rio Grande do Sul, têm destaque na região metropolitana de Porto Alegre, onde há quatro ou cinco grupos, com algumas dissidências. Os membros de uma dessas dissidências, chamada Sharp, dizem-se comunistas e toleram negros e drogas. Em Caxias do Sul, cidade gaúcha de colonização majoritariamente italiana, a polícia está investigando um homicídio com faca relacionado a um grupo skin. Facas são as armas que eles geralmente usam. No Rio de Janeiro, sabemos que existem, mas são para nós uma incógnita. Na internet, esses grupos passaram muito tempo abrigados no site argentino *Libre Opinión*. Retirados do ar, migraram para os Estados Unidos, onde mantêm uma página contra os judeus. Os skins têm vínculos com o movimento integralista, que se organizou em Porto Alegre, em 28 de junho. Em SP e no RJ, eles se juntaram ao Prona. Existe no sul uma outra vertente forte e preocupante: organizações separatistas que almejam constituir um outro país formado do RS, SC e PR, mas que aceitariam a inclusão de SP, desde que sem nordestinos, negros e judeus. O movimento O Sul é o Meu País é mais forte em SC e no PR. No RS, o República do Pampa, cujo mentor se chama Irton Marx, tem um livreto com as propostas do movimento separatista em cuja capa aparece uma bandeira de inspiração nazi. Quando fui fazer uma palestra na universidade de Santa Cruz do Sul, cidade de grande importância econômica do RS e origem do República do Pampa, fiquei impressionado com a quantidade de seguranças deslocados para me dar proteção. Mesmo assim, quando saí, um grupo de pessoas tentou me atacar. A palestra era sobre racismo e anti-semitismo.

#### **ASA – Como esses grupos atraem os jovens e como se financiam—**

**Krischke** - Uma das formas que os grupos de skinheads têm de atrair jovens são as bandas de rock. A banda que tem o sugestivo nome de Zurzir, que significa açoitar, gravou um CD com músicas absolutamente anti-semitas. Uma delas se chama 88 – 8 equivalendo à oitava letra do nosso alfabeto, H, portanto HH, ou *Heil Hitler*. Já abrimos inquérito policial por conta disto. Esses grupos são bancados por nazistas, inclusive bandas de rock, da Europa. Novos grupos de skins continuam surgindo, muito mais por modismo e sem qualquer vínculo ideológico com os grupos originais. Isso tem a ver com o momento do país. A falta de perspectivas para o jovem é o caldo de cultura em que essas idéias prosperam. As escolas e - depois que as famílias falharam - as universidades têm que se dar conta de que falta no ensino um cuidado com estas questões.

#### **ASA - Como o MJDH procede em caso de suspeita ou constatação de atividades racistas, anti-semitas etc.—**

**Krischke** – Nós agimos sempre sob provocação. A vítima tem que assumir o seu papel e nos procurar. O problema do racismo sempre foi uma preocupação. Em 1989, criamos o **Movimento Popular Anti-Racismo** - MOPAR, que funciona junto à sede do MJDH e é composto também de negros e judeus. Na ocasião, **a editora Revisão, de Siegfried Ellwanger**, publicava livros neonazistas e com cunho abertamente anti-semita. Nesse caso, não houve provocação, houve um escândalo. A luta foi grande porque ainda não havia nenhum episódio de reprimenda a publicações dessa natureza. **Mas conseguimos a condenação de Ellwanger duas vezes.** Em 2003, quando um jovem punk foi espancado por skinheads, os nossos policiais sequer conheciam a lei. Nós estamos investigamos muito e, a partir dos casos que se apresentam, abastecemos a Polícia com documentos e fotos. Hoje, o doutor Paulo César Jardim, diretor do Departamento de Polícia Metropolitana de Porto Alegre, sabe decodificar cada uma das tatuagens usadas pelos skins e é o delegado de polícia no Brasil que mais conhece o tema skinheads. Ele tem estudado e viajado pelo interior do Rio Grande do Sul e também por Santa Catarina para qualificar outros delegados.

#### **ASA – Qual foi o papel do MJDH no episódio dos skinheads que atacaram um grupo de jovens judeus em Porto Alegre, em maio—**

**Krischke** – No episódio do espancamento do jovem punk em 2003, oito skins foram condenados a 126 dias de trabalhos comunitários. As fotos que colhemos naquela ocasião ajudaram a descobrir os agressores de maio. No processo de identificação, que eu acompanhei, descobriu-se que quatro dos agressores dos jovens judeus tinham participado do ataque de 2003. A forma como foi organizada a agressão e a data escolhida, 8 de maio – 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial – não deixam dúvida quanto à intenção deles de matar. Agora, os quatro estão presos por tentativa de homicídio e irão a júri popular. Sabemos que a Justiça no Brasil é lenta, mas acredito que o julgamento ocorra ainda este ano.

**ASA** – Na recente Bienal do Livro no RJ, a editora Centauro, de SP, expôs exemplares dos *Protocolos dos sábios de Sion* e do *Minha luta*. Em reação a um protesto da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, a editora alegou que os livros passam informações relevantes, sem fazer apologia de qualquer tipo de discriminação. O que o senhor tem a comentar a respeito—

**Krischke** – Os *protocolos dos sábios de Sion* estão proibidos em todo o Brasil por decisão do Tribunal de Justiça do RS referendada pelo Supremo Tribunal Federal. Em relação ao *Minha luta*, não há decisão judicial. O nosso procedimento é conversar amigavelmente com as livrarias. Temos conseguido, desta forma, retirar esse título de circulação.

**ASA** - A Argentina deu refúgio a centenas de criminosos nazistas durante e após a Segunda Guerra Mundial. Isso explicaria a força dos movimentos neonazistas no sul do Brasil—

**Krischke** – Não tivemos o mesmo fenômeno da Argentina. Aqui no sul, há uma forte colonização alemã e italiana. O movimento fascista recebeu boa acolhida da colônia italiana, ao passo que o nazismo teve grande número de simpatizantes na colônia alemã. De acordo com relatórios da Polícia do início dos anos 1940, a sede do Partido Nazista no RS funcionava com bandeira na porta. Ainda hoje, a 100 Km de Porto Alegre, existe uma comunidade em que não se fala português. O Estado alemão tem uma postura de reconhecimento de sua culpa, mas a comunidade alemã aqui não reflete essa atitude.

**ASA** – E a Tríplice Fronteira, pode ser uma explicação—

**Krischke** – Em Uruguiana, fronteira com a Argentina, e no Chuí, fronteira com o Uruguai, existe concentração de população árabe. O surgimento de terrorismo é uma possibilidade, mas estão maximizando muito.

BOLETIM ASA 96, set-out 2005

[http://www.asa.org.br/boletim/96/96\\_h1.htm](http://www.asa.org.br/boletim/96/96_h1.htm)

O CRIMINOSO

## Neonazismo, negacionismo e extremismo político

By Jaír Kríschke 18/05/2003 At 20:38

**O Movimento de Justiça e Direitos Humanos e a luta contra a Editora Revisão no Brasil: relato da minha militância - Fundador e atual presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, é um dos mais respeitados ativistas pelos Direitos Humanos na América Latina, com atuação na denúncia de violações às liberdades individuais e dos crimes das ditaduras da América do Sul. É consultor internacional e conferencista convidado de universidades na Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. É fundador do MOPAR, Movimento Popular Anti-racismo.**

Minha participação nesse Simpósio é fruto da experiência que acumulei durante minha militância. Quero tentar mostrar como tudo aquilo que tem sido colocado nessas conferências termina por se concretizar nas nossas vidas. Como, afinal, tais questões repercutem e influenciam o nosso cotidiano, aqui no Brasil e na América Latina. E - o que é importante - sob a ótica dos direitos humanos.

Quero citar o artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que é, também, a minha profissão de fé. "Todo o homem nasce igual em dignidade e direitos". Essa profissão de fé é a que mais inimigos atrai para a causa dos direitos humanos, porque ela declara a nós todos iguais, exatamente iguais, essencialmente iguais. Isto irrita profundamente a todos que tentam diariamente ridicularizar as ações dos defensores dos direitos humanos, vinculando-as à defesa de criminosos, por exemplo.

Quero também dizer que a questão do nazismo toca a minha vida, diretamente. Somos um país de imigrantes. Minha família veio para o Brasil e meu avô era um missionário protestante anglicano. Eu nasci em 1938. Quando cheguei à escola - uma escola católica - no fim da II Guerra, com o nome Krischke e sendo de uma família protestante, sem entender a razão, sofri muito com a pecha de "alemão isso, alemão aquilo". Os irmãos que administravam o colégio, de uma forma que eles consideravam muito carinhosa e afetiva, manifestavam permanentemente sua preocupação e a sua piedade com relação a mim. Afinal, eu estava condenado ao inferno, mesmo sendo tão bom menino. E era uma condenação irreversível, porque na minha condição de alemão e protestante, a salvação seria impossível.

Muitos já passaram por situações semelhantes, mas aqui desejo chamar a atenção para o tipo de discriminação que crianças sofrem. Um menino é hostilizado porque tem um nome alemão e porque é protestante. No início da vida, essas coisas causam um grande choque. Confesso que custou bastante até que eu pudesse superar essa discriminação.

Faço esse relato porque se trata de uma experiência de vida. Bem mais tarde, quando coloquei-me politicamente em oposição às ditaduras militares, tive que enfrentar uma doutrina, a chamada Doutrina de Segurança Nacional, que através do Brasil, foi disseminada por toda a América do Sul, provocando a tragédia que os senhores bem conhecem. Vocês poderiam perguntar: mas, afinal, o que essa doutrina tem a ver com o nazismo—

Vocês sabem que as ideias possuem o seu dinamismo, mas a matriz do pensamento que preside a criação da Doutrina de Segurança Nacional é a matriz geopolítica. E essa geopolítica tem a sua fonte no pangermanismo que, por sua vez, gerou o nazismo. Os aliados que venceram a Guerra contra o Reich alemão não só utilizaram cientistas ou técnicos em espionagem, mas, também, ideias centrais do pensamento nazista, cujo princípio toma qualquer gesto humano um gesto de guerra.

A Doutrina da Segurança Nacional, feroz e cruel, tal como se abateu sobre nós, tirou a vida de muitos companheiros meus, de amigos fraternos, de gente jovem. E nessa luta contra a opressão e a desumanidade, companheiros judeus estavam conosco. Estes pagaram um preço mais alto. Isto que ocorreu recentemente nesta parte do mundo, cobrou de companheiros judeus uma conta em dobro. Das 9 mil vítimas (entre mortos e desaparecidos) oficialmente identificadas do terrorismo de Estado da Argentina, no período da ditadura militar (extra-oficialmente, esse número chega a 30 mil), cerca de 1 mil eram de origem judaica, segundo os dados da CONADEP, a comissão independente presidida por Ernesto Sábato, que investigou os desaparecimentos e assassinatos. Esse número é assustador, se levarmos em conta o tamanho da comunidade judaica naquele País, cerca de 250 mil pessoas numa população de 30 milhões.

Quero dar dois exemplos deste anti-semitismo, flagrante também no Chile de Pinochet. No primeiro, reproduzo um documento do período da ditadura argentina.

O sadismo dos torturadores aumentava quando se tratava de prisioneiros de origem judia. Daniel Eduardo Fernandez, preso em agosto de 1977, aos 19 anos de idade, presenciou crueldades no

Centro de Detenção El Atlético (originalmente um clube). Um dos carcereiros alcunhado Kung Fu, porque praticava artes marciais, gostava de treinar contra 3 ou 4 judeus, batendo em seus corpos mirrados pela fome, com socos e pontapés. Outros obrigavam os judeus a gritar "Yo amo a Hitler" e, depois, gravavam a suástica nas costas dos prisioneiros. Mas a tortura mais horrenda vista por Daniel Fernandes era o 'retoscópio': aos judeus se castigava só pelo fato de serem judeus. A tortura consistia em introduzir um tubo no ânus dos homens ou na vagina das mulheres, por onde eram introduzidos camundongos. O roedor buscava a saída mordendo os órgãos internos da vítima.

No centro de detenção El Atlético, um carrasco que gostava de humilhar um judeu, conduzia esse prisioneiro até o pátio, para que imitasse um cão diante da plateia. O prisioneiro era obrigado a latir, caminhar de quatro e lamber as botas do algoz. Se o desempenho não agradasse, o prisioneiro era punido.

O El Atlético alistou anti-semitas. como o policial Hector Júlio Simon, El Turco Júlian ou El Turco Simon, que ostentava um chaveiro com a cruz gamada. Ele gostava de torturar judeus ao som de

marchas nazistas. (1)

O segundo diz respeito ao Chile. Nesse país, mais precisamente na cidade de Parral, ao sul de Talca, encontra-se o centro da oligarquia rural chilena. Parral, no entanto, se notabilizou por ser a sede da colônia Dignidad, um ninho nazista na América do Sul. O enclave foi criado a 1961, a 30 quilômetros de Parral, com o sugestivo nome de Villa Baviera. Os fundadores, liderados por Paul Schaeffer, Hugo Baar e Hermann Schimdt, eram cerca de 30 e se apresentavam como religiosos. Sob a fachada de entidade beneficente e educacional, entraram em negócios mineração de ouro, exportação de titânio e construção de portos e rodovias. Adquiriram grandes áreas de terra, chegando até a fronteira com a Argentina. A Colônia Dignidad mantinha vínculos com militares golpistas e com o grupo de ultradireita Pátria e Liberdade. Os nazistas de Dignidad armaram-se porque temiam ser apropriados pelo Governo Allende. Essa Colônia Dignidad serviu de campo de prisioneiros políticos, local de tortura e morte para os chilenos que lutavam contra a ditadura militar. Segundo os registros da Comissão de Defesa dos Direitos do Povo (CODEPU), de Santiago, Chile, ...o bunker alemão prestou-se a experiências com prisioneiros. Há relatos sobre cães treinados para atacar diretamente os órgãos sexuais de homens e mulheres; sobre métodos para medir os limites de resistência humana a choques elétricos e espancamentos; sobre drogas que desestruturavam os detidos, facilitando as confissões. Existiram duas salas subterrâneas para torturas, à prova de ruídos, nas quais os presos ficavam nus, atados a uma cama metálica (chamada grelha, porque as carnes queimavam com os choques elétricos), apenas com um capuz de couro sobre a cabeça. Em outra sala contígua, os interrogadores faziam perguntas por microfones e acionavam a voltagem elétrica. Possivelmente por influência da Colônia Dignidad, Parral registrou ao maior número de vítimas da VII Região, Maule: 34 mortos ou desaparecidos.

Dessa forma eu tive contato direto, na trajetória da minha própria militância, com essa coisa chamada pensamento nazista e com as suas práticas. E digo a vocês, referindo-me agora ao racismo, que também é o tema desta palestra, que nossa luta contra a volta do racismo nazista aqui no Brasil, contra aqueles que acreditam que possa haver uma raça superior a outra, data de 1989, quando O Movimento de Justiça e Direitos Humanos e o Movimento Negro iniciaram o combate a **Siegfried Ellwanger**, com a criação do MOPAR, o Movimento Popular Anti-racismo. Foi um início difícil e não tínhamos muito apoio. Mas era um combate necessário e inadiável. Somente mais tarde outros setores se interessaram pelo enfrentamento jurídico que iniciamos.

Na época, alguns diziam que o melhor era ignorar o assunto, não despertar um debate sobre o tema. Outros, e não foram poucos, nos criticavam porque tomávamos uma medida que objetivava impedir a publicação de livros. Não creio que, hoje, vocês imaginem a crítica que sofremos, partindo inclusive de um número grande de companheiros da esquerda, que nos acusavam de estarmos exercendo o papel de censores. No meu caso particular, diziam-me que, na condição de homem de esquerda, eu deveria manter-me fiel aos princípios da liberdade. Eu sempre respondia que se tratava de outra questão.

Na verdade, a liberdade também tem um limite. Com o advento da nossa Constituição de 1988, tais limites, por sorte, ficaram muito claros. Devemos ter muita clareza sobre os segmentos que querem, em nome da liberdade de expressão, terminar com a liberdade de expressão. É como se escarnecessem da luta pela própria liberdade, da luta de homens como Vladimir Herzog, uma vítima da repressão, profanando o seu túmulo.

No artigo 220 da Constituição brasileira, lemos o seguinte: "A manifestação do pensamento, a criação e a informação, sob qualquer forma ou processo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição." E a Constituição, ao elencar seus fundamentos, no Artigo Primeiro, refere a cidadania e a dignidade da pessoa humana. Já no Artigo Terceiro, que trata dos seus objetivos fundamentais, refere a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação. E, no Artigo Quarto, ela é clara sobre a Lei Internacional, quando expressamente diz que a República Federativa do Brasil rege-se, em suas relações internacionais, por certos princípios, dos quais cito dois: a prevalência dos direitos humanos e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

Já o Artigo Quinto, que abre dizendo que todos são iguais perante a lei, em seu inciso 10, caracteriza como invioláveis a honra, a dignidade e a imagem das pessoas. E complementa: "A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais". E, mais adiante: "A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão de acordo com a lei." Por fim, quero lembrar que a Constituição afirma que os direitos e garantias por ela expressos não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados ou tratados internacionais de que a República seja parte" (Artigo Quinto)

Assim fica claríssimo, na nossa Constituição, que a liberdade de expressão, que é plena e não prevê absolutamente censura, está submetida a um limite, desde que não contrarie seus princípios. E toda a pregação que parte dessa **Editora Revisão** é uma pregação racista clara, inequívoca, expressa.



A condenação do seu proprietário e autor de alguns livros, diz respeito única e exclusivamente à sua pregação racista.

Seria ainda um equívoco imaginar-se que, no plano do direito internacional - que o Brasil está obrigado a respeitar - não há normas. Basta lembrar da Convenção Americana dos Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário. O Estado parte se obriga a respeitar e cumprir as normas. No Artigo XIII desta Convenção, lemos o seguinte: "Será proibida por lei toda a propaganda em favor da guerra e toda a propaganda do ódio racial, nacional ou religioso, que constitua incitação à violência contra qualquer pessoa ou grupo de pessoas, por motivo de raça, cor, religião ou origem nacional".

A legislação internacional, a Constituição e o ordenamento jurídico que a regulamenta, prevêem punições para aqueles que praticam o racismo. Por isso, quando refiro-me às obras deste senhor **Ellwanger**, ou aquilo que ele publica, lembro-me da época em que apresentamos a representação que deu origem a um inquérito policial. Essa representação foi encaminhada pelo Movimento Popular Anti-racismo, e, passados oito meses do encaminhamento, nós ainda estávamos sem resposta do Ministério Público. Com o nosso companheiro Mauro Nadvorny, do MOPAR, fomos à promotora que então deveria estar aluando no caso e perguntamos a razão da não apresentação da denúncia. Ela nos informou que ainda não havia se manifestado porque estava lendo os livros. Imediatamente entregamos a ela uma sinopse dos trechos nos quais o crime se materializa.

Permitam-se ler alguns deles: No livro *O Judeu Internacional*, de Henry Ford:

Agora, porém, comprederam os alemães que forma explorados por uma horda de judeus, que havim preparado tudo para tirar enormes proveitos da miséria geral do povo teutônico. Onde quer que se pudesse especular com as necessidades do povo, ou que se apresentasse ocasião de obter ganâncias intermédias, sejam em bancos, sociedades de guerra, empréstimos públicos ou em ministérios que formulavam os gigantescos pedidos de apetrechos bélicos, ali apareciam os judeus. (2)

Ou ainda, no mesmo livro:

O judeu é adversário de toda a ordem social não judaica.... O judeu é um autocrata encarniçado.... A democracia é apenas um argumento utilizado pelos agitadores judeus, para se elevarem a um nível superior àquele em que se julgam subjugados. Assim que conseguem, empregam imediatamente seus métodos, para obter determinadas preferências, como se estas lhes coubessem por di-reito natural. (3)

Em outra obra publicada por Ellwanger, de Sérgio Oliveira, chamada *Hitler - Culpado ou Inocente*, lemos:

...os judeus mortos nos campos de concentração foram sacrificados deliberadamente pelos sionistas, em prol de seu ideal maior" (Oliveira, 1990:87). "Mais vale o sacrifício de algumas centenas de milhares de judeus do que sofrer um prejuízo no bolso. (4)

Claro, na lista da Revisão não poderia faltar os *Protocolos dos Sábios de Sião*, esse *opus magnum* de infâmia e ódio racial:

Para mostrar seu poder, os judeus esmagarão e escravizarão pelo assassinio e o terrorismo um dos povos da Europa. ... o rei dos judeus, encarnação do Destino, reinará sobre o mundo dominado.... Em vista de seu número relativamente pequeno, os judeus, sozinhos, certamente não podem vencer a população no meio da qual vivem como parasitas, mas inventaram um modo de suicídio para os cristãos, provocando habilmente entre eles discórdias intestinas e uma desorganização maldosamente preparada p.29-30) (5)

Eu poderia me estender por muitas citações ainda, para demonstrar que as obras escritas ou publicadas por **Ellwanger** estão impregnadas de racismo. Mas, admito a repugnância que tais excertos podem causar e a vergonha da qual todos somos acometidos quando percebemos que esses textos estão sendo publicados hoje, em Porto Alegre. No entanto, quero convidá-los a pensar sobre uma questão. Que mal podem causar tais publicações— Será que o mal causado fica limitado aos diretamente ofendidos, no caso, os judeus— Isto seria obviamente suficiente para nos indignarmos. Mas o mal racista é altamente contagioso, como demonstra a sua recepção pelo separatismo, por exemplo.

Vivemos numa região do Brasil que tem revelado, até mesmo por setores importantes, uma aspiração separatista. Existem vários grupos deste tipo. O representante de um desses grupos, de



nome "O Sul é o meu País", foi entrevistado por um jornal de Joinville e falou sobre seus ideais: construir uma Pátria no Sul do Brasil, que poderia incluir São Paulo, sob a condição de que todos os nordestinos fossem expulsos. Diz ainda esse líder que seu grupo deseja um país branco, mas sem judeus. Na mesma matéria, ele apresenta **os livros de Ellwanger** como uma das suas fontes, a exemplo das publicações do partido nazista dos Estados Unidos, o National Alliance.

Ellwanger e sua companheira foram os sócios fundadores de uma outra empresa, segundo dados da Junta Comercial de Porto Alegre, a Scotton Internacional, que se dedica a comercializar vídeos e fitas cassetes, cópias exatas do que é divulgado nos Estados Unidos pela National Alliance. Aqui se trata de discursos de Hitler, de Mussolini, marchas e canções da Wermacht, da Juventude Hitlerista, além de uma filmografia de extração claramente nazista. Ora, esta é uma hiperatividade de propaganda nazista, que abastece, inclusive, esses movimentos separatistas.

Vocês certamente ouviram falar dos separatistas envolvidos com o grupo República do Pampa Gaúcho, cuja bandeira é uma reprodução da bandeira de guerra do III Reich, se tirarmos o símbolo do Cruzeiro do Sul. O líder desta facção de racistas é Irton Marx que, na sua obra (*Vai Nascer um Novo País: A República do Pampa Gaúcho*, Editora Excelsior, Santa Cruz do Sul, 1990), analisa o que ele chama de "problemas raciais". "Nosso sistema entende que a raça negra deve ser definitivamente incorporada à comunidade em geral", diz ele. E prossegue com afirmações como as seguintes: "O negro deve acreditar em suas potencialidades pessoais. Não deve rebaixar-se diante das outras raças ou insistir em cultivar sistemas ou folclores um tanto primitivos. Deve ter bons modos. O negro não deve pretender embranquecer-se, só porque ganha mais dinheiro que seus irmãos de raça. Deve aprender a ser mais caprichoso e não jogar seu salário fora em muitas ocasiões. Deve buscar na sua própria raça o seu companheiro ou a sua companheira de vida".

Pois nas inúmeras entrevistas que já concedeu, este senhor diz que não é racista. **E Ellwanger diz que não é nazista.** São cínicos e nazistas profissionais, que se dedicam a difundir as maiores aberrações e depravações que o ser humano foi capaz de inventar e pôr em prática.

Não imaginem que a saga desta Editora Revisão termina com a condenação do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, ocorrida em 31 de outubro de 1996. No dia dois de novembro, na Feira do Livro de Porto Alegre, lá estava a banca do senhor Ellwanger, com novos títulos, de extração totalmente racista. Nós, do MOPAR, buscamos imediatamente as autoridades, pois até mesmo condenado esse senhor estava, e ali, na nossa frente, mais uma vez estava ocorrendo o crime. Nenhum policial foi capaz de fazer nada, a não ser desconfiar de nós, que estávamos denunciando novamente um crime flagrante.

Bem, depois de muita insistência e trabalho, conseguimos que fosse instaurado um novo inquérito policial, que se encontra hoje na 8ª Vara Criminal de Porto Alegre. Os livros denunciados são os seguintes: *Os Judeus e suas mentiras: a questão judaica. Cristianismo em Xeque*, de Sérgio Oliveira, que trata de ressuscitar a acusação contra os judeus, a de terem assassinado Jesus Cristo. Volta também *A História Secreta do Brasil*, que consta da lista de livros que a editora de Ellwanger não pode publicar. Pois ela o faz, mesmo depois da condenação, sob a alegação que apenas o primeiro volume fora objeto da condenação.

O mesmo Sérgio Oliveira lançou recentemente um novo título: *O Livro Branco sobre a Conspiração Mundial*, novamente com os ataques anti-semitas furiosos, mas agora também contra mim. Entre outras coisas, ele "prova" que toda a liderança comunista - eu enfatizo a palavra "toda" - era composta por judeus. E toma como fonte o norte americano Lindon LaRouche, um político misantropo muito conhecido nos Estados Unidos, envolvido com uma espécie de multinacional de extrema-direita desde os anos 70. LaRouche é autor do livro *História Suja da Liga Anti-Difamação da Bnai Brith*, no qual refere-se a mim do seguinte modo: "A Liga Anti-Difamação (ADL)... conta com agentes esquerdistas, como o brasileiro Jair Krischke e o deputado argentino Alfredo Bravo, para defender os direitos humanos dos narcoterroristas". (6) Segundo LaRouche, reproduzido por Sérgio Oliveira, a Bnai Brith - que, na realidade, é uma organização judaica conhecida, dedica-se "à **espionagem, à destruição da população negra e à lavagem de dinheiro**". Ainda segundo o americano citado por Oliveira, "a ADL não é judia nem defensora dos direitos civis. Trata-se de uma loja maçônica, cuja pretensa luta contra o anti-semitismo serve apenas para encobrir uma longa história de atividades criminosas e traidores. Entre seus amigos e funcionários, encontram-se mafiosos, espíões, terroristas, assassinos e pandilheiros.

É importante saber quem é esse senhor Sérgio Oliveira, autor do *Livro Branco Sobre a Conspiração Mundial*. É um ex-sargento do Exército brasileiro, vinculado ao aparelho de repressão. Isso não causa surpresa, afinal, o advogado de Siegfried Ellwanger, Marco Polo Giordani, também é ex-sargento do Exército, membro do DOI-CODI. Ora, são essas pessoas, racistas e antisemitas fanáticos, com vínculos com a repressão política e com a Doutrina da Segurança Nacional, que se dizem democratas, que defendem a liberdade de expressão. E são eles que nos acusam, a nós que os combatemos, de antidemocratas e intolerantes!

Ora não nos enganemos e, mais do que isso, não deixemos que pessoas ingenuamente se deixem enganar. Nós temos clareza sobre a natureza da luta que enfrentamos. E continuaremos até as últimas consequências. Esses senhores não nos assustam. Ao lado de segmentos importantes da sociedade civil deste País, saberemos enfrentá-los e mostrar a eles que **é inteiramente inadmissível que doutrinas desta natureza**, inspiradas num pensamento que já produziu uma tragédia de proporções gigantescas, **continuem a ser difundidas**.

Notas:

\* Palestra proferida em 10 de agosto de 2000.

1. Comisión Nacional Sobre la Desaparición de Personas (CONADEP), Buenos Aires, Argentina.

2. Henry Ford, *O Judeu Internacional*, Editora Revisão, Porto Alegre, 1989, p. 11.

3. Ibid. p. 65

4. Sérgio Oliveira, *Hitler, Culpado ou Inocente*, Editora Revisão, Porto Alegre, 1990, p. 87 e 139.

5. *Protocolos dos Sábios de Sião*, apostilado por Gustavo Barroso, Editora Revisão, Porto Alegre, 1989, p. 29-30.

6. Ver Sérgio Oliveira, *O Livro Branco Sobre a Conspiração Mundial*, Revisão Editora, 1998, p. 232.

URL:: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap13.html>

<http://midiaindependente.org/en/red/2003/05/254981.shtml>

ARROGANCIA

## Onde nasceu o Hezbollah

Sempre existiram judeus nos países árabes e sempre foram bem tratados. Em Alexandria, no Egito, até a Revolução Nasserista de 1952, existia uma sólida comunidade judaica, mais de 150.000 pessoas, que lá estavam há séculos. No Cairo, até 1952, das seis principais lojas de departamentos, cinco eram de tradicionais famílias judaicas, como os Cekurel.

A colônia judaica em Bagdá era importante e também secular, liderada pela família Sassoon. Aleppo, na Síria, foi o berço dos Safra, Safdié, Duek, Hariri, famílias judaicas de idioma árabe, tradicionais na cidade.

Tudo mudou depois da criação do Estado de Israel. Iniciou-se uma guerra que dura até hoje e parece nunca acabar.

Afinal, porque existe o Hezbollah— Porque o General Sharon entrou no Líbano em 1982 e autorizou um massacre nos acampamentos palestinos de Sabra e Chatilla, onde pereceram 17.000 homens, mulheres e crianças, famílias inteiras foram massacradas em três dias, numa área cercada por tanques israelenses. Desse massacre nasceu o Hezbollah, formado pelos sobreviventes.

Da mesma origem é o Hamas, fruto da degradação e miséria dos palestinos, hoje confinados como gado doente em uma estreita faixa perto da qual a favela da Rocinha é o paraíso.

O problema eterno dos judeus, já conhecido pelo Imperador Adriano é a arrogância. Quando a atual Ministra do Exterior de Israel diz que a principal razão da guerra libanesa não é tão somente a volta dos dois soldados mas sim liquidar quem teve a audácia (ela dizia *how they dare*—) de quem ousou lançar mísseis contra Israel, está nessa expressão uma extraordinária atitude de arrogância.

Dessa atitude vem o resto. Toda a ação de Israel no Líbano é movida pela arrogância. Por isso eles não tem cuidado com os alvos civis, nem se incomodam em destruir um prédio de dez andares com gente dentro, como fizeram no dia 26 passado em Tiro.

Como então Washington reclama do Hezbollah, da Síria, do Irã, do Bin Laden— Todos são movidos pelo sentimento de vingança, uma atitude emocional cujo gatilho foi disparado pela extraordinária arrogância de Israel e de seu parceiro americano.

A tragédia é não entender o Oriente Médio e não entender o povo árabe, um povo que cultua a paz e a sabedoria, que acolheu os judeus fugidos da Península Ibérica no século XV (são os *safaradis*) e recebeu em paga essa bofetada histórica de ingratidão e crueldade.

Quanto aos Estados Unidos, eram até a Segunda Guerra o País mais admirado pelos árabes. A nata da elite árabe estudou na Universidade Americana de Beirute e o prestígio dos americanos era enorme na região. Tudo jogado no lixo, talvez para sempre.

Não foi sempre assim. Os EUA apoiaram Israel desde a criação do Estado judeu, mas não incondicionalmente. A inflexão pela aliança total veio com os *neocons*, o núcleo ideológico do Governo Bush filho, formado por oito intelectuais, todos judeus, liderados por Richard Perle.

O Governo Bush queimou as pontes com o mundo árabe e dificilmente serão reconstruídas. Será uma enorme perda para os EUA, perda de um papel arbitral e imperial, posições que exigem não só reverência mas também admiração.

Por essas ironias da história, uma crise grave como essa tem no comando do Governo de Israel um Premier sem experiência e um Ministro da Defesa lombrosiano, ambos sem qualquer liderança nas forças armadas.

O General Sharom, que não era nenhuma flor, dificilmente teria executado um plano tão insensato confirmando o velho adágio de que os militares em geral são menos belicistas do que os civis, eles conhecem a o cheiro da pólvora e a dor da bala na carne.

Felizmente para a humanidade existem judeus civilizados que estão abominado essa aventura louca. Pena que não sejam a maioria, mas talvez essa guerra aumente seu contingente.

QUARTA-FEIRA, AGOSTO 02, 2006

[http://picuruta.blogspot.com/2006\\_08\\_01\\_archive.htm](http://picuruta.blogspot.com/2006_08_01_archive.htm)

CAÇA : ELLWANGER

## **Jornalista e professor Luis Milman esteve em Curitiba para lançar livro sobre o tema : o anti-semitismo contemporâneo dissecado**

Coordenado pelo jornalista e professor universitário Luis Milman, o livro *Ensaio Sobre o Anti-Semitismo Contemporâneo – dos mitos e da crítica aos tribunais* conta com quatro ou cinco textos dele próprio e também de Francisco Moreno de Carvalho, Alberto Dines, Roney Cytrynowicz e Jayme Brener, com apresentação de Cláudio Camargo (da revista *Istoé*). A obra foi lançada em Curitiba, dia 9/9, no auditório do Instituto Goethe, seguida de um debate em que participaram, além de Milman, o professor Antonio Carlos Coelho, a professora e autora Tânia Baibich e o ex-reitor da Universidade Federal do Paraná, professor José Henrique de Faria. **O livro contém 21 documentos e artigos publicados sobre o caso Siegfried Ellwanger e seus livros neonazistas** até sua histórica condenação no Supremo Tribunal Federal e o anti-semitismo. Luis Milman situou o início dos trabalhos do livro em 2001, com base na ação iniciada em 1986 pelo Mopar - Movimento Popular Anti-Racismo, de Porto Alegre contra Ellwanger, condenado no Rio Grande Sul por preconceito **contra judeus**. Naquela ocasião, ele alegava o direito à liberdade de expressão. Milman observa que em uma democracia, não se pode tudo, pois há responsabilidades. O caso chegou a ser levado ao Supremo Tribunal Federal (STF), em vista de um direito de apelação e, por fim, por força de um habeas corpus, pedido por Ellwanger, o negacionista. A alegação do condenado aí, passou a ser outra : a de que não sendo os judeus uma raça, ele não teria cometido crime, e portanto, sua sentença seria prescritível. Não adiantou, a condenação foi confirmada.

O julgamento no STF atraiu as atenções gerais, foi um processo extenso, mas no final, observou Milman, prevaleceu o espírito da Constituição brasileira que é de característica humana. A idéia do livro nasceu da historiografia, com base na documentação do caso. O organizador destaca o brilhante voto dado pelo ministro Celso de Mello, condenando o negacionista.

A análise da decisão do STF e de sua dimensão histórico-jurídica é um dos temas dominantes da coletânea, mas o livro é também uma excursão pelo persistente preconceito anti-judaico que existe no Brasil, e por isso, uma segunda parte dele é dedicada à exploração do **anti-semitismo de esquerda**, apregoado por partidos extremistas no exterior e no Brasil. Uma terceira parte da coletânea é sua parte documental, que não apenas recupera a memória da luta contra a difusão do anti-semitismo revisionista no Brasil, mas que oferece, pela primeira vez aos leitores e pesquisadores brasileiros, entre outros documentos inéditos, a íntegra da sentença histórica da Corte de Direitos Humanos da União Européia, que ratificou a condenação do conhecido autor Roger Garaudy, **por crime de negacionismo**. A sentença está no livro traduzida diretamente do francês para o português e é uma das peças mais valiosas da coletânea, no entender de Milman. Mas o livro, segundo ele, não é um livro de elogios, pois pretende ser uma reflexão. Por isso, há críticas não só de ordem política, conceitual e

histórica, mas também de âmbito jurídico-conceitual, porque a tese de Ellwanger foi acolhida primeiro pelo ex-ministro Moreira Alves do STF e depois pelos ministros Carlos Ayres Britto e Marco Aurélio Mello, com argumentos preocupantes. Para Milman, esses três votos são classificados, pela ordem, como racista, exclusivista e surrealista. O livro é um trabalho informativo e reflexivo, que se propõe ao debate intelectual em todas as suas dimensões, **para desvendar o extravagante empreendimento negacionista**. Milman explica que algumas vezes os negadores do Holocausto dão forma ao seu ceticismo fantasioso e inusitado em linguagem acadêmica, em outras na modalidade de grosseiro panfletarismo neonazista ou **degeneração ideológica esquerdista**. Mas negacionistas não são os únicos anti-semitas que o mundo do pós-guerra conhece. Há anti-semitas politicadas, anti-racistas moral e intelectualmente atrapalhados e anti-sionistas que fazem parte de uma extrema esquerda adepta da teoria conspiratória da história. O que une a todos é a demonização da existência do Estado de Israel. Não é incomum que nos deparemos com uma confusão desde o final dos anos 80, entre crítica a ações políticas ou militares de Israel e rejeição à sua existência. Por isso, convém separar as coisas. Criticar Israel por seu erros não pode ser considerado anti-semitismo, mas criticar o sionismo, como fazem intelectuais como Noam Chomsky e Tarik Ali, que grande parte da esquerda acolhe como legítimas, é sim, anti-semitismo, observa.

A liberdade de expressão, explica o professor Milman, não pode ser equiparada com manipulação ou má-fé para sustentação desse tipo de literatura inconseqüente, produzida por negacionistas do tipo de **Robert Faurisson** e **Siegfried Ellwanger**. E acrescenta que os intelectuais brasileiros fazem ouvidos moucos e olhos brancos quando o que se propaga é o anti-semitismo. O livro *Ensaio Sobre o Anti-semitismo Contemporâneo*, trata o anti-semitismo como anti-semitismo, não entra na questão do conflito do Oriente Médio.

O professor Luis Milman citou o caso de Voltaire Schiling que escreveu um artigo criticando a esquerda por defender a direita de ter direito de liberdade de expressão para difusão de idéias nazistas. E recordou os casos da esquerda radical como a revista *Caros Amigos*, que publica teses fantasiosas e delirantes como Israel ter sido uma criação do nazismo, ou a de que os judeus são co-responsáveis pela criação dos campos de morte na Segunda Guerra Mundial. Ou a ainda a revista da Liga Internacional dos Trabalhadores e a QI – Quarta Internacional, dissidência à qual está ligada o PSTU. Esse tipo de esquerda, disse ele, considera o Brasil um país com mais vícios do que virtudes. Ele analisa que até 1967 (quando da Guerra dos Seis Dias) Israel era o xodó das esquerdas mundiais. E após 67, quando numa guerra de sobrevivência Israel ocupou a Cisjordânia, essas esquerdas inverteram suas simpatias. Durante o debate forma colocadas questões como o enfrentamento do preconceito e a liberdade de expressão restrita, o anti-semitismo como uma modalidade de racismo social e se discutiu com profundidade esses aspectos.

*Visão judaica*, edição N° 26

[http://www.visaojudaica.com.br/Setembro2004/Artigos%20e%20reportagens/o\\_antisemitismo\\_contemporaneo.htm](http://www.visaojudaica.com.br/Setembro2004/Artigos%20e%20reportagens/o_antisemitismo_contemporaneo.htm)

Luis Milman. (Org.) ***Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo: dos mitos e da crítica aos tribunais (O caso Siegfried Ellwanger e seus livros neonazistas)***. Editora Sulina: 2004. contato: [milman.voy@terra.com.br](mailto:milman.voy@terra.com.br)

#### **Sinopse:**

por Luís Milman - organizador

Desvendar o extravagante empreendimento negacionista nos faz enfrentar uma face sombria e dissimulada da mentalidade política atual, em que credulidade ingênua confunde-se com malícia ideológica e, propaganda aberta ou oficiosa misturam-se a crenças a sofismas, pseudoquestionamentos e crenças que infelizmente permanecem ativas, quando deveriam estar sepultadas. Na história do preconceito em geral, de sua modalidade racista ou classista, o anti-semitismo, ao logo dos últimos 300 anos, se não é o único a persistir e a ser mesmo aceito em meios intelectuais, certamente é o mais apregoado, difundido, politicamente utilizado e, de certa forma, visto, como bem o diz Cláudio Camargo, na Apresentação desse livro, de modo cordial.

Algumas vezes **os negadores do Holocausto** dão forma ao seu ceticismo fantasioso e inusitado em linguagem acadêmica, em outras na modalidade de ralo panfletarismo neonazista ou degeneração ideológica esquerdista. Mas negacionistas não são os únicos anti-semitas que o mundo do pós-guerra conhece. Há anti-semitas politicadas, anti-racistas moral e intelectualmente atrapalhados e anti-sionistas que fazem parte de uma extrema esquerda adepta da teoria conspiratória da história. O que une a todos é a demonização da existência do Estado de Israel.

Não é incomum que nos deparemos com uma confusão desde o final dos anos 80, entre crítica a ações políticas ou militares de Israel e rejeição à sua existência. Por isso convém separar as coisas. Quem quer que afirme que toda as ações de Israel ou suas políticas estão acima da crítica é, no mínimo um dogmático com traços de fanatismo. Israel não só pode, como aliás, deve ser criticado, quando comete erros de Estado.

Israel e todos os demais países do mundo. Quanto ao anti-sionismo, não me refiro à tradicional rejeição do mundo árabe, que existe há pelo menos 80 anos e que, ao longo desse período, sofreu variações em vista de contextos e circunstâncias políticas. Refiro-me à confusão - que não é feita por néscios, mas por intelectuais ativistas, dos quais, a título de ilustração, destacam-se Noam Chomsky e Tarik Ali, que grande parte da esquerda acolhe como legítimas.

Para entender a natureza dessa rejeição, derivada por uma obsessão antijudaica, algumas vezes apresentada com embalagem de historiografia e justa indignação, é preciso situá-la no mesmo plano das teorias conspiratórias judaico-maçônicas, correntes na Europa do século XIX.

A exemplo das últimas, não se pode discuti-la razoavelmente por suas aparentes críticas, porque - em que pese a quantidade de autores negacionistas e rejeicionistas-, todos repetem os mesmos tipos de "refutações" e suspeitas e se entregam à tese de uma grande conspiração judaica, que fabricou, no caso dos negacionistas, o mito do Holocausto.

Este livro é uma excursão, digamos assim, por esse persistente pré-conceito anti-judeu, que no Brasil, chegou a ser levado ao Supremo Tribunal Federal (STF), em vista de um direito de apelação e, por fim, por força de um habeas corpus, pedido por Siegfried Ellwanger, negacionista condenado por prática de racismo no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

A análise desta decisão do STF e de sua dimensão histórico-jurídica é um dos temas dominantes desta coletânea. Outra parte é dedicada à exploração do elusivo e não menos pernicioso anti-semitismo de esquerda, apregoadado por partidos extremistas no exterior e no Brasil. Um terceiro eixo da coletânea é sua parte documental, que não apenas recupera a memória da luta contra a difusão do anti-semitismo negacionista no Brasil, mas que oferece, pela primeira vez aos leitores e pesquisadores brasileiros, entre outros documentos inéditos, a íntegra da sentença histórica da Corte de Direitos Humanos da União Europeia, que ratificou a condenação do conhecido autor Roger Garaudy, por crime de negacionismo.

Esse livro não é um livro de elogios, mas se pretende de reflexão. Por isso, há críticas não só de ordem política, conceitual e histórica, mas também de âmbito jurídico-conceitual, porque a demanda de Ellwanger foi acolhida por dois ministros dos STF, com argumentos preocupantes. Enfim, trata-se de um trabalho informativo e reflexivo, que se propõe ao debate intelectual em todas as suas dimensões.

*Revista Espaço Acadêmico*, 41, Outubro de 2004  
[http://espacoacademico.com.br/041/41liv\\_milman.htm](http://espacoacademico.com.br/041/41liv_milman.htm)

## DISTORCENDO A HISTORIA

### O estigma dos canalhas

Antônio Aggio Jr

Com a derrota da Alemanha nazista, em maio de 1945, terminou a Segunda Guerra Mundial. Hitler e alguns dos seus colaboradores mais ligados haviam se suicidado e outros enfrentaram o Tribunal Internacional de Nuremberg, onde os culpados pelos crimes hediondos foram condenados à morte ou à pena de prisão. Todavia, com a derrota do III Reich, o nazismo não foi extinto. Seus germes, apesar de ficarem adormecidos por vários anos após a guerra, ressuscitaram, inclusive aqui no Brasil através das "obras" de S.E. Castan que tentam, de forma declarada, desmentir os crimes praticados pelos nazistas em nome da nefasta teoria racista.

No Rio Grande do Sul, a sua editora está publicando uma série de livros que, distorcendo a História, desmentem as atrocidades praticadas pelos nazistas, glorificam seus líderes e colocam em dúvida a validade dos processos contra os criminosos de guerra, inclusive dos tribunais alemães e, indiretamente, do Supremo Tribunal Federal brasileiro que autorizou a extradição de Paulo Franz Stangel, ex-comandante do campo de extermínio de Treblinka.

Embora os "fatos históricos" apresentados nessas publicações atentem contra o bom senso e à inteligência dos seus leitores, não se pode esquecer que Hitler, através da sua maquiavélica obra "*Mein Kampf*", desprezada inicialmente, conseguiu enganar as massas, levando os alemães à sua própria desgraça e transformando-os em cúmplices dos seus crimes, cometidos em nome de uma insana teoria



racista.

Josef Goebels, Ministro da Propaganda de Hitler, dizia que as mentiras repetidas tantas vezes quanto necessárias tornam-se por fim a verdade. E, tanto **Siegfried Ellwanger, vulgo S.E. Castan**, do Rio Grande do Sul, como David Irving da Inglaterra, seguindo este ensinamento, não poupam esforços para envenenar as mentes dos seus leitores.

Ignorando a Constituição brasileira, na qual consta que o racismo constitui um crime inafiançável, os livros continuam a circular livremente. Publicações, que além de negar os fatos comprovados pela História e glorificar os criminosos de guerra, insinuam aos seus leitores que o grande culpado por todo o mal que ocorre e ocorreu ao mundo afora é o judeu. Uma réplica do "*Mein Kampf*" de Adolf Hitler e do livro de autoria obscura, publicado na Rússia czarista, "*Os Protocolos dos Sábios de Sião*"

A Sherit Hapleitá do Brasil não ficou inativa. Alertando desde o início escritório. Em setembro de 1993, o processo foi concluído com a condenação de Siegfried Ellwanger pela 27ª Vara Criminal de São Paulo às penas impostas pelo art. 140 do Código Penal Brasileiro. Tratava-se da primeira condenação de um neonazista na América Latina.

Em Porto Alegre, a consciência dos crimes cometidos pelos nazistas contra a humanidade e da discriminação pelos mesmos de todos os povos não pertencentes à raça "*ariana*", conduziu à formação de uma organização denominada "**Movimento Popular Anti-Racismo**" (MOPAR). Diante da reiteração de Ellwanger na prática do crime, esta agremiação, abrangente dos Movimentos Negros, Anistia Internacional e Movimento de Justiça e Direitos Humanos, abriu também um processo contra Ellwanger, tendo na assistência de acusação a Federação Israelita gaúcha, o que resultou em nova condenação a dois anos de reclusão.

Os recursos de editor nazista arrastaram-se por vários anos. Em última instância, sua apelação está sendo julgada pelo Supremo Tribunal da Justiça que, praticamente, já a rejeitou e confirmou a condenação por sete dos onze votos a ser proferidos até o final do julgamento, inclusive pelo presidente de Tribunal, Ministro Maurício Corrêa.

*(\*) Ben Abraham é jornalista, escritor, coordenador-geral da Sherit Hapleitá do Brasil e vice-presidente da Associação Mundial dos Sobreviventes do Nazismo.*

<http://www.aggio.jor.br/08agosto/benabraham.htm>

## FEDERAÇÃO ISRAELITA

25 Outubro 2005

### CARTA ABERTA A SOCIEDADE

(e o nazista venceu)

**Mauro Nadvorny**

O processo contra Ellwanger foi intenso, longo e doloroso. Todos nós do Movimento Popular Anti-Racismo colocamos nosso tempo e disposição na luta por sua condenação exclusivamente movidos por um ideal. Nunca buscamos agradecimentos ou qualquer tipo de recompensas.

Durante o processo, que a bem da verdade foi provocado por nós, mas movido pelo Ministério Público tendo a mim, representando o Mopar, e a Federação Israelita do RS como assistentes de acusação, tivemos momentos de trabalhos em conjunto e momentos de divergências.

No entanto, ao final do julgamento, quando foi finalmente alcançada a condenação do nazista, a FIRGS publicou um jornal onde não obstante autoproclamar-se como única entidade a trabalhar na sua condenação utilizou um artigo para atingir desnecessariamente a honra de membros do MOPAR.

Solicitamos o direito de resposta, o que nos foi negado. Pedimos uma retratação e nos mandaram procurar nossos direitos. Como última alternativa entramos na justiça pedindo uma reparação contra a jornalista responsável pelo jornal, conforme exige a lei. Nunca solicitamos qualquer pagamento em dinheiro, e o propósito sempre foi o de buscar a reparação da verdade sobre o caso Ellwanger.

Na defesa da jornalista responsável pelo jornal atuou Helena Noiman Santana, juntamente com seu pai Hélio Noiman Santana, responsável pela assessoria jurídica da FIRGS. Julgado o mérito, a justiça decidiu que fomos de fato ofendidos, mas que a ofensa não merecia reparação. Mais do que isso determinou o pagamento de R\$ 14.000,00 (catorze mil reais) para Helena e Hélio, nenhum centavo a



jornalista e nenhum centavo aos advogados dela que não quiseram receber seus honorários. Mas o que mais surpreende é o fato de Helena renunciou a causa antes do seu término. Ao saber do resultado na justiça entrou com uma ação de cobrança penhorando meus bens em consignação ao pagamento.

Nesta situação estamos diante de uma enorme ironia: os únicos que pretendem ter um ganho financeiro com a condenação de Ellwanger serão eles, nossos detratores já que o artigo em questão foi escrito, dizem, por Hélio Noiman Santana. Como nos parece estarmos diante de uma grande injustiça, e a fim de preservar nossa dignidade e a correção de todos nossos atos no caso, informo aos amigos que não pretendo pagar e prefiro ir para a cadeia. Assim sendo, para que a ironia do destino seja completa e para alegria do nazista serei eu a única pessoa a ser realmente presa no caso Ellwanger.,

Assim termina este capítulo da luta contra o racismo. O condenado livre, e o denunciante preso.

PS: quem desejar se manifestar, por favor, envie e-mail para a Federação Israelita do RS: firgs@firgs.com.br aos cuidados de seu presidente: Abrahão Finkestein.

[http://www.google.com/search-q=cache:WqWUp6fDof0J:mauronadvorny.blogspot.com/+%22Movimento+Popular+Anti-Racismo%22&hl=it&gl=it&ct=clnk&cd=19](http://www.google.com/search?q=cache:WqWUp6fDof0J:mauronadvorny.blogspot.com/+%22Movimento+Popular+Anti-Racismo%22&hl=it&gl=it&ct=clnk&cd=19)

## Repressão e censura: o caso Siegfried Ellwanger Castan

Por (artigo de Carlos F. Menz) 11/01/2006 às 18:32

**O pesquisador e editor Siegfried Ellwanger - S.E. Castan - foi condenado no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul por ter publicado obras de conteúdo supostamente "racista" ("anti-semita") de sua autoria e de terceiros.**

### O Caso Castan

por Carlos F. Menz

A suspensão do julgamento de Hábeas Corpus de Castan — Siegfried Ellwanger — no STF, pela segunda vez (09/04/03) e sempre por um "pedido de vista" (que corresponde ao dar "um tempo", em jogos esportivos), ocorre sempre em momentos cruciais. Na primeira reunião (12/12/02), com a argumentação técnica, juridicamente limpa, imparcial, isenta — dentro da essência da própria Lei — do relator Ministro Moreira Alves, demonstrou o mesmo a não-existência do crime de racismo imputado ao réu. O Ministro Moreira Alves, citou vários escritores que abordaram em seus livros o tema "racismo", e entendeu que, realmente, "os judeus não podem ser considerados uma raça". Assim, afirmou o ministro, "não se pode qualificar o crime por discriminação pelo que foi condenado Siegfried Ellwanger, como delito de racismo" (condenado no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul por ter editado e distribuído obras de conteúdo supostamente "anti-semita" de sua autoria e de terceiros).

Dessa forma, o relator concedeu o Hábeas Corpus, DECLARANDO EXTINTA A PUNIBILIDADE do acusado, pois já teria ocorrido a PRESCRIÇÃO do crime. Aí reside o fulcro da questão: o Relator não absolveu o réu do alegado crime, porém decretou a prescrição da pena pelo fato da mesma não se enquadrar na imprescritibilidade, por se tratar — na visão jurídica lógica do Relator — de crime de discriminação, que é prescritível. Porém quando outros interesses, que não a simples e pura aplicação da Lei, se interpõem, surge o recurso do pedido de "tempo", ou, juridicamente, "pedido de vistas".

Assim, o Ministro Maurício Corrêa questionou a "interpretação semântica" e restrita dada ao artigo 5º, inciso XLII, da CF/88, afirmando que o "conceito" de racismo é mais amplo do que a definição dos tipos raciais (brancos, negros, índios, etc.), e... pediu vistas. Quando, nos termos jurídicos, "a letra fria da Lei", é afrontada por questionamentos "semânticos", então algo não anda bem.

A divulgação das argumentações e divagações dos dois Ministros que já se posicionaram contra Castan, Corrêa e Celso de Mello, sem uma contra-argumentação da nossa parte, não trás

nenhum subsídio e, muito menos esclarecimento aos leitores; pelo contrário, reforça as posições facciosas dos nossos antagonistas.

Ora, como ficou comprovado — não só pelo Relator, mas pela quase totalidade dos experts judaicos no assunto — que judeu não é raça, então cai por terra o argumento do "racismo". Mesmo assim permanece a polêmica: "o que é ser judeu". Um indivíduo pode se declarar "judeu" por pertencer à referida religião; porém, existem judeus que se declaram ateus. Marx, por exemplo. Logo, este judeu só poderá sê-lo por uma terceira realidade, algo como aderir a uma determinada ideologia, já que não se trata de uma raça e tampouco de uma religião. E aí reside a grande questão: QUEM é judeu e o QUÊ é ser judeu.

Conclui-se daí, que estamos nos defrontando com — no mínimo — três situações sui generis, diferenciadas, convergentes e/ou até divergentes entre si: existem indivíduos que se declaram judeus pela religião, existem os que se declaram igualmente judeus, mas se dizem "ateus" e existem os que são "ideologicamente judeus", ou sionistas. Estes últimos, apesar de se constituírem, na sua grande maioria dos grupos de judeus "por religião", ou por "descendência" (seja lá o que isso queira expressar), também podem ser "gentios", ou "não-judeus", que se alinham ideologicamente com o movimento sionista internacional que tem sua expressão máxima no Estado judeu e é representado pelos milhares de associações "judaicas" espalhadas pelo globo. Os "ideologicamente judeus", o são, na sua quase totalidade, integrada por indivíduos que lucram, ou esperam lucrar com este tipo de associação, visto o predomínio de seus mentores tanto no mundo econômico quanto no mundo das comunicações e que, assim, podem guindá-los (assim como apeá-los e aniquilá-los) às mais altas posições, sociais, econômicas, políticas e sociais.

Como se conclui disso tudo, estão julgando atualmente no STF, um caso IDEOLÓGICO, algo que jamais deveria chegar à Suprema Instância, visto a Constituição assegurar a todos o direito a opções político-ideológicas e à livre expressão do pensamento: você não pode ser condenado por simpatizar, ou mesmo se declarar, comunista, sionista, fascista, capitalista, pefelista, tucano, ou até, nazista.

Na verdade, esta querela, que desafortunadamente chegou até o STF, pretende ser um "divisor de águas", um precedente jurídico que — se prevalecer à opção pela condenação — passará a sinalizar QUEM pode pensar, ou dizer, o QUÊ no nosso país. Tanto o Ministro Corrêa quanto o Ministro Mello discorreram sobre as conseqüências da ascensão do nazismo "há exatos 70 anos", para qualificar Castan como "nazista" e, conseqüentemente, como um representante de tudo de tenebroso que vem sendo escrito a respeito daquela ideologia, há — acrescentaria eu — muito mais do que 70 anos. Castan não é racista, afirmo por conhecê-lo pessoalmente, tem amigos negros e — suprema ironia — uma de suas testemunhas de defesa no Rio Grande do Sul foi um judeu. E isso o sabem também seus acusadores e detratores, inclusive aqueles com poder decisório e que agora, atropelando a verdade, a lógica, a razão, a ética e a própria Justiça, apressam-se, inclusive, a adiantar seu voto, no intuito de cooptar outros para sua causa. Não conseguirão. Nos autos colocaram frases e citações desabonadoras aos judeus, de autoria de Washington, Benjamin Franklin, Barroso, etc., como se saídas da boca de Castan. Ao contrário, Castan, como editor, publicou livros de autoria de vários autores, onde aquelas expressões foram usadas. Não existe nenhuma citação do próprio réu, nos diversos livros de sua autoria, onde fale mal do povo, da religião ou da "raça" judaica. Não existe racismo em seus escritos, mas pesquisa histórica. Existe revisão da história, o que, cumpre mais uma vez frisar, não é — nem jamais poderia ser — crime.

O Ministro Mello tentou provar o "anti-semitismo" de Castan, confundindo, aparentemente, o termo —semita— com —sionista—, ao que tudo indica. Foi acusado pelo próprio Relator de basear-se em documentos elaborados pelo Ministro Celso Lafer, presente à sessão e, ele próprio, "descendente" de judeus. Castan nunca foi "anti-semita", uma vez que fica provada que os judeus não são raça, ou semitas. Igualmente Castan nunca teve nada contra os palestinos — pelo contrário — ou contra os fenícios, moabitas, amonitas, todos designados como semitas. Confundir anti-sionismo — um comportamento legal e moralmente necessário — com "anti-semitismo" faz parte da estratégia do movimento sionista mundial no sentido de confundir a opinião pública.

Agindo assim, desviam a atenção dos crimes cometidos pelos israelenses sionistas na Palestina e aniquilam — em qualquer parte do mundo — seus opositores, os que denunciam suas tramas e intenções.

Mas temos uma certeza: os dois votos condenatórios não são representativos da verdadeira Justiça Brasileira. Castan será absolvido, pois a Justiça e a Verdade sempre andam de mãos dadas.

<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2006/01/342524.shtml>

## FALSAS MEMÓRIAS

### Falsa Memória

Gianpiero Gasparini

#### *Psicólogos solucionam o mistério das "testemunhas" do "holocausto"*

Recentemente, psicólogos e neurologistas reunidos em conferência promovida pelo Comitê para a Investigação Científica das Afirmções de Paranormais, dedicaram-se a um assunto que esta ordem do dia da medicina moderna: a capacidade que o cérebro humano possui de criar falsas memórias de momentos traumáticos.

"desde que se utilize sugestionamento suficiente, é possível fazer com que as pessoas acreditem que viveram experiências inteiras e que jamais aconteceram", afirma a psicóloga Elizabeth Loftus da Universidade de Washington, em Seattle, para a agência Reuter.

Pesquisadores e especialistas descrevem uma série de experiências que mostram como é fácil implantar memórias que imitam recordações de fatos reais; acrescentam que não há qualquer teste para determinar se uma pessoa foi exposta a repetidos sugestionamentos, e concluem que têm poucas condições de ajudar pacientes a distinguir realidade da fantasia.

Especialistas dão como exemplo histórias de seqüestro por extra-terrestres, vindos em OVNIS, muitas vezes recordadas com a utilização de técnicas de sugestionamento, que oferecem evidências de como a mente humana inventa, sem intenção, histórias assustadoras.

Numa experiência, pesquisadores usaram perguntas-chaves para sugerir que o incidente havia realmente acontecido. A memória era completamente falsa, mas a pessoa não só passou a acreditar que o fato era verídico, como também começou inconscientemente a inventar detalhes. Mesmo quando os pesquisadores lhe disseram que o fato havia sido forjado, a pessoa não acreditou.

O psicólogo Robert Baker, da Universidade de Kentucky, observou que várias pessoas que alegaram ter sido raptadas por criaturas do espaço se referiram a um período durante o qual não conseguiam recordar-se de nada do que aconteceu. "A razão pela qual não conseguem se lembrar de nada, é que nada aconteceu", conclui.

Embora os pesquisadores digam que a motivação para se inventar possa ser o desejo da fama, dinheiro ou outros, é possível que muitas das pessoas que têm memórias falsas as utilizem como maneira de fugir de sentimentos ou atribuições de culpa.

"Todos nós queremos acreditar que aquilo de que nos lembramos, realmente aconteceu", disse Susan Blackmore, psicóloga da Universidade do Oeste da Inglaterra, em Bristol. Com memórias falsas, "as pessoas podem atribuir a culpa por seus problemas a outros".

Sabemos que o suposto "holocausto" foi inventado e propagandeado pelos sionistas já nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial com os principais objetivos:

- 1) Marcar os próprios crimes cometidos, utilizando o povo alemão como bode expiatório para fugir da sua própria culpa;
- 2) Chantagear economicamente a Alemanha para conseguir vultosas somas em indenizações e reparações de guerra, podendo assim, financiar a fundação e a construção do Estado de Israel;
- 3) Promover a eterna "vitimização" do povo judeu para coibir toda e qualquer objeção -através do estigma do anti-semitismo -ao plano sionista de domínio mundial.

Igual a muitas histórias de OVNIS e extraterrestres, também nunca foi provado o "gaseamento" ou a execução, por métodos fora dos preconizados pelas leis internacionais para punição de delitos, de um único judeu em campos de concentração na Europa; e ainda que existam prêmios milionários oferecidos em todo o mundo por historiadores revisionistas para quem provar o contrário, ninguém até hoje se habilitou em recebe-los.

Tendo em vista as recentes conclusões de psicólogos e especialistas americanos e europeus e, considerando os três principais motivos para a invenção do holocausto enumerados acima, não é difícil concluir, através de um raciocínio lógico, que as pretensas "testemunhas" de um holocausto que jamais existiu, utilizam-se de memórias falsas para fugir de seus sentimentos de culpa; (1º motivo): "com falsas memórias, as pessoas podem atribuir a culpa de seus problemas a outros"; e ainda, "a motivação a inventar experiências pode ser o desejo de fama (3º motivo), dinheiro (2º motivo), ou outros"(...), segundo as afirmações dos especialistas.

Por fim, distinguimos entre essas "testemunhas" de falsa memória dois tipos de mentirosos:

1º - é formado pelos "idiotas úteis", judeus que viveram durante a Segunda Guerra Mundial e inventaram inconscientemente a falsa memória de um holocausto sob fortes sugestionamentos (como

boatos sobre campos de extermínio e câmaras de gás), e cujo cérebro criou memórias de fatos que, na realidade nunca aconteceram (lembremo-nos que a maioria dessas "testemunhas" eram crianças na década de 40 e, segundo os especialistas, "as crianças são desproporcionalmente vulneráveis a toda uma série de técnicas de sugestionamento");

2º - é o tipo composto pelos infames "mentirosos profissionais" que inventaram conscientemente experiências com intuito de alimentar a conspiração sionista. São agentes do sionismo internacional muito bem instruídos e muito bem pagos para propagar e manter "per omnia secula seculorum" mentiras sob as quais se escondem os reais intentos da conspiração mundial sionista. Eis os verdadeiros criminosos de guerra!

Com a técnica da "vitimização", o sionismo utiliza-se de membros do seu próprio povo, enganando-os e corrompendo-os, para atingir seu milenar objetivo.

A explicação científica das falsas memórias acaba com as "testemunhas oculares" de um holocausto que jamais existiu.

A esses pobres judeus escravizados pelo sionismo, torturados pela guerra psicológica que insistem em manter a farsa do holocausto, só podemos recordar as palavras de Cristo: - "Só a verdade vos libertará ! "

*Boletim-EP / Esclarecimento ao País* Nº 14  
[www.dirlip.org](http://www.dirlip.org)

UM POUCO DE HUMANIDADE

## O Síndrome de Dresden

Robert Faurisson

Pela primeira vez em sessenta anos, o jornal diário francês *Le Monde* manifestou um pouco de humanidade e compreensão para com o povo alemão chamando a atenção para o sofrimento atroz infligido à nação enormemente derrotada pelos Aliados da altura da guerra. Na primeira página da sua edição de 13-14 de Fevereiro, o jornal editou um cabeçalho de três colunas entitulado "La Renaissance de Dresde Réveille la Mémoire Allemande" ("O Renascimento de Dresden Desperta a Memória Alemã"). A página 2 era dedicada por inteiro às comemorações do bombardeamento de Dresden em 1945. O editorial, na página 17, tinha o título de "Mémoire Allemande" ("Memória Alemã"); era, obviamente, de tom jesuíta mas notei algumas frases que me deram alguma esperança; por exemplo: "Com o passar dos tempos, testemunhamos uma reexaminação da História da Alemanha com os seus pontos obscuros e com os seus pontos brilhantes."

A tsunami holocaustica de Janeiro enterneceu um bom número de franceses. Mas parece que, desde o início deste mês, se iniciou uma reviravolta que começa a tomar conta da consciência pública. Mantemos a esperança de que esta reviravolta se mantenha a longo prazo na França, na Alemanha e no resto do mundo.

Não devem ser criadas nenhuma ilusões acerca da capacidade do *Le Monde* desafiar determinadas regras deste modo. Podemos até recear que, com o intuito de ser perdoado por um acto audacioso, retome o seu rumo holocaustico alinhando-se com a restante comunicação social, por exemplo em Abril, pela ocasião dos "Dias da Deportação", ou em Julho, para a comemoração da reunião dos judeus na "Vel d'Hiv" (a arena de ciclismo de Inverno) em Paris em 1944, entre Outubro e Novembro no decorrer da visita de Chirac ao campo de Struthof, na Alsácia. Tendo dito isto, o *Le Monde* efectuou um esforço fora do normal, e pode valer a pena escrever ao seu director Jean-Marie Colombani e encorajá-lo nesta nova via. Alguns leitores queixaram-se do espaço exorbitante utilizado pelo jornal no sexagésimo aniversário da "libertação do campo de Auschwitz". Na sua "Chronique du Médiateur" ("coluna do mediador"), Robert Solé fez eco dos seus protestos, chegando ao ponto de escrever: "Ao cabeçalho de primeira página, na edição de 25 de Janeiro, seguiu-se um segundo, no dia 26, e depois um terceiro, no dia 28. Sem dúvida que houve um exagero" (*Le Monde* de 30-31 de Janeiro, página 14). Dez dias depois, foi editada a carta de um leitor com o título "A Destruição de Dresden"; esta terminava com a interrogação: "Não acham que é altura de falarmos disto, não só por respeito às vítimas indefesas, mas também para lembrar muitas pessoas da tragédia apocalíptica que aconteceu há apenas sessenta anos—" (11 de Fevereiro, página 16).

No dia 12 de Fevereiro, em Paris, dezasseis membros do governo, sendo um deles o primeiro ministro Jean-Pierre Raffarin, participaram no jantar anual do CRIF (“conselho representativo das instituições judias francesas”). Verdade seja dita, Roger Cukierman tomou a liberdade de efectuar inúmeras queixas e ameaças contra a França e o seu governo. Tendo sido todas as suas observações agradecidas, com cumprimentos à mistura. Desta vez, Michel Barnier, ministro dos negócios estrangeiros, considerou as afirmações de R. Cukierman como “desapontadoras”. Pela sua parte, François Fillon, ministro da educação, afirmou: “O presidente do CRIF teve a capacidade de verificar, quando voltou para a sua cadeira, que os membros do governo acharam que os fortes ataques à política de relações externas da França não eram aceitáveis” (*Le Monde*, 15 de Fevereiro, página 9). Não há muito tempo, a divulgação de reservas ou críticas deste tipo pelos nossos líderes políticos no que toca à onnipotente organização judia teria sido inconcebível.

### **A Via Para a Reexaminação da História da Alemanha—**

Será que um dia se falará do “síndrome de Dresden”— Estaremos actualmente a vislumbrar os primeiros sinais e os primeiros sintomas de um regresso à razão passados sessenta anos de ultrajante propaganda contra um país que foi derrotado na Segunda Guerra Mundial— Em Janeiro de 2005, o povo francês como um todo ficou estupefacto com a histeria shoatica. Ponderaram sobre o que poderia ter originado tamanha epilepsia. Os judeus, pela sua parte, sabem o como e o porquê, mas têm de o ocultar: o edifício do “Holocausto” ou Shoah parece tremer cada vez mais nas suas fundações. Inicialmente, no período entre 1975 e 1995, contaram com os seus historiadores para estes rebaterem os argumentos dos revisionistas. Mas o resultado foi um enorme fiasco. No campo da razão e da História, os revisionistas aniquilaram os Poliakovs, os Wellers, os Dawidowicz e os Vidal-Naquets bem como os Klarsfelds e os Berenbaums (que haviam contratado os serviços de um certo Jean-Claude Pressac), ou novamente, dos Raul Hilbergs e, depois deles, dos Jan van Pelt. O público em geral não têm consciência disto devido à repressão exercida pela polícia do pensamento que tem conseguido a obtenção de leis especiais contra a distribuição de material revisionista. Mas por outro lado, os próprios judeus lêem os revisionistas e têm sido espectadores dos seus próprios historiadores. Portanto, a longo prazo, abandonaram progressivamente o mundo racional e trouxeram os seus palhaços e trapezistas para a festa, os Elie Wiesels e os Claude Lanzmanns. Para evocar o Shoah voltaram-se para a imaginação, para a ficção, para o cinema, os romances, o teatro, a televisão, os espectáculos e as cerimónias de todo o tipo, e à fantasmagoria da religião do “Holocausto”, indústria ou negócio, ao ponto do francês normal, apanhado numa rede de imagens, de pressão constante, numa maré de recriminações aliadas a um queixume sem fim, não teve outra opção além da de ingerir as afirmações forçadas do barbarismo Nazi e da exterminação dos judeus, uma exterminação que, diga-se de passagem, felizmente produziu uma sempre renovada estirpe de “testemunhas solitárias”, “sobreviventes únicos” e “incrivelmente e miraculosamente salvos” judeus. Foram vasculhados, uma vez mais, todos os esgotos possíveis.

Pretensos testemunhos e confissões descartadas pelos próprios historiadores judeus como falsas, têm sido recicladas e apresentadas como genuínas. Por fim, o sector mais receptivo da população tornou-se um alvo: crianças entre os sete e os dezassete anos (!) e pupilos das escolas básicas e secundárias. São o alvo preferencial desta campanha intensiva. Entre os sete e os dezassete anos, possuindo um parco conhecimento histórico e geralmente não fazendo ideia de até que ponto um adulto está disposto a ir (principalmente já com idade avançada) para parecer ser interessante recorrendo a falinhas mansas ou a mentiras flagrantes, os mais jovens dificilmente possuem a capacidade para se defenderem. Habitadas às suas “histórias da Simone Veil”, as crianças ou adolescentes condicionadas deste modo ficariam muito surpresas ao saberem que a mencionada Veil foi durante muito tempo listada oficialmente como uma vítima dos gaseamentos de Auschwitz (sob o seu nome de solteira, Jacob) e foi, naquele mesmo campo, testemunha regular de acontecimentos específicos que manifestam que os homens das SS não eram instruídos para tratarem os judeus como gado dispensável.

Os propagandistas não irão alterar a sua tática. O seu veículo irá levá-los ainda mais longe. Irão aumentar o volume da sua propaganda. Um dia, este veículo ficará à vista de todos. Talvez então se diga que, pelo menos no que toca a este capítulo da História da segunda guerra mundial, o regresso à razão começou em Fevereiro de 2005. O síndrome de Dresden e as suas rosas brancas terão “despertado a memória alemã” e aberto a via para a “reexaminação da História da Alemanha”.

Entretanto, no Canadá, o pacifista alemão Ernst Zündel padece numa prisão de alta



segurança na qual tem sido mantido nos últimos dois anos, sem ter sido tampouco acusado de qualquer coisa. O seu crime— Ser revisionista. O seu erro— Trabalhar para o despertar da memória alemã e exigir a reexaminação da História do seu país.

15 de Fevereiro de 2005

<http://www.econac.net/dirlip-010.htm>

## MODERNAS MAQUINAS DE EXTERMINIO

### Um mero engano

#### Rastros de um crime

Antes de iniciar com a temática em si, gostaríamos de apresentar um artigo do jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, de 21/09/1992, pág. 13, que reflete de modo exemplar com qual tema - e com quais problemas coligados a ele - nós iremos nos defrontar.

O artigo é intitulado *Spuren des Verbrechens: Schuhe, Schuhe, auch Kinderschuhe*, o que traduzindo torna-se: "Rastros do crime: sapatos, sapatos, também sapatos de crianças". Aqui trata-se do artigo de um repórter na ocasião de sua visita ao museu localizado no antigo campo de concentração Stutthof, nas proximidades de Dantzig, Polônia. O autor do artigo escreve no quarto parágrafo que ele não poderia imaginar como é um campo de concentração, e fala sobre "instalações nas quais morreram seis milhões de judeus e no total 26 milhões de prisioneiros...". No final do relato de sua viagem, o autor escreve que ele estava diante "das testemunhas do mais brutal genocídio, das mais modernas máquinas de extermínio, do mais horrível crime da humanidade".

Quem tem um pouco mais de afinidade com a história recente nota que algo aqui não cheira bem. É o número de 26 milhões referente às supostas pessoas exterminadas. Um número tão grande não apareceu ainda em nenhum livro de história e em nenhuma declaração oficial. Esta cifra é portanto muito exagerada. Com mais atenção, nota-se que o autor utiliza aspas para esta passagem. Ela representa então uma reprodução textual, cuja fonte não é citada pelo autor. Pode-se supor então que ela seja a citação de um guia do museu, ou a legenda de algum memorial, e que o autor cometeu um erro franco ao simplesmente adotar este número sem questionamento. De qualquer forma tal artigo não condiz com a seriedade de um jornal do porte do FAZ, publicando um artigo que pesa moralmente contra o povo alemão. Infelizmente, tal falta de senso crítico por parte dos jornalistas tem se tornado a regra.

Ao leitor crítico talvez já tenha também sobressaído outro aspecto curioso sobre o artigo; seu título pretende levar à conclusão de que a existência de uma montanha de sapatos prova o crime. Porém, é ainda assim que uma montanha de sapato somente prova que sapatos foram ali colocados. A existência de roupas velhas e sapatos em um brechó não é prova de que seus antigos proprietários tenham sido exterminados.

No museu de Auschwitz, é curioso notar que a montanha de sapatos é composta na realidade por somente uma camada superficial e que existe uma estrutura de madeira inclinada para simular a sensação de uma enorme quantidade de sapatos.

Há menção a outro fato relevante de que depois da guerra, a população alemã que habitava a vizinhança de Auschwitz tenha sido obrigada a juntar sapatos e levá-los para o antigo campo de concentração. Infelizmente não encontramos uma fonte que corrobore tal suposição, todavia, o armazenamento de sapatos em campos de concentração tinha uma origem muito mais inofensiva: na ocasião da tomada do campo de Majdanek pelos soviéticos, foram encontradas enormes pilhas de sapatos e estes foram apresentados como prova para o extermínio, conforme mostra a foto abaixo.

Esta foto foi sempre utilizada com qualidade desejável, às vezes retocada. Este desleixo já deixou vários autores com saia justa, como é o caso de Raimund Schnabel, que utilizou a foto em seu livro *Macht ohne Moral*, com o seguinte título:

*"Milhares de sapatos dos prisioneiros assassinados em Auschwitz"*

O que não se ouve muito, é o esclarecimento dos historiadores poloneses muitos anos após a guerra: ficou comprovado que uma das fábricas que recrutava seus trabalhadores dentre os detentos de Majdanek, montou uma unidade lá dentro do campo, onde sapatos velhos eram recuperados. As montanhas de sapatos encontradas pelos soviéticos na ocasião da libertação do campo era parte do estoque da fábrica. O historiador polonês Czeslaw Rajca, funcionário do Museu de Majdanek, escreveu



sobre isso na publicação *Problem liczby ofiar w obozie na Majdanku*:

**"Assumiu-se que esta (quantidade de sapatos) pertencia aos prisioneiros do campo. Dos documentos descobertos posteriormente, nós sabemos que havia um depósito em Majdaneck, para onde eram enviados os sapatos de outros campos".**

Não se deve pensar aqui que todos os utensílios que são mostrados nos diferentes campos não provinham dos prisioneiros, porém, devemos levar sempre em conta que a atmosfera do pós-guerra invariavelmente levou a conclusões precipitadas, as quais se mostraram falsas posteriormente. Não devemos acreditar piamente em tudo que a mídia informa, o que se lê nos livros ou o que nos é apresentado nos museus, como verdade, como a mais absoluta verdade. Isso talvez não seja uma novidade, mas o alerta vale também para o holocausto.

Finalmente, o armazenamento de objetos somente prova o óbvio: que objetos foram armazenados. Sobre o destino dos antigos proprietários pode-se concluir pouco.

Quanto ao artigo do jornal FAZ, mesmo que ignoremos o desleixo do jornal quanto ao conteúdo de suas matérias, permanece o fato: o holocausto, com sua perfeita máquina de extermínio, foi um crime único contra a humanidade. O problema reside unicamente na constatação de que, com seus enfeites romanescos e exageros propagandísticos, não sabemos ao certo onde está a verdade.

<http://www.inacreditavel.com.br/historia/reflexao.html>

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

## POLEMISTA, CHOMSKY FOI ELEITO O MAIS INFLUENTE INTELECTUAL

Aos 77 anos, após fazer revoluções na lingüística (sua área de origem e às vezes esquecida, com os holofotes bem mais voltados para a arena política), Noam Chomsky ainda tem forças para pelear em polêmicas.

Como um artigo do jornal britânico *The Guardian* que desancou o professor, aproveitando a sua escolha como o "intelectual mais influente do mundo" pela revista inglesa *Prospect*, à frente de nomes como Jürgen Habermas, Salman Rushdie e o tcheco Vacláv Havel, em uma eleição que envolveu 20 mil votos.

Outra passagem polêmica ainda neste ano foi a visita ao sul do Líbano em maio deste ano (antes da explosão do mais recente conflito) ao lado de um líder do Hizbollah, confrontando mais uma vez suas raízes judaicas com a sua visão das ações de Israel na região. Chomsky já chegou a ser acusado de anti-semitismo por ter defendido a liberdade de expressão (e não necessariamente a visão em si) do francês **Robert Faurisson, que negou a existência de câmaras de gás** usadas para exterminar os judeus no Holocausto.

O professor-emérito do Massachusetts Institute of Technology (MIT) criou o que ficou conhecido como gerativismo ou gramática gerativa, um dos mais importantes aportes ao universo das teorias lingüísticas, cunhado no seu livro clássico de 1957, *Estruturas Sintáticas*.

O gerativismo se baseia na idéia de que os processos lingüísticos têm estruturas profundas e são inatas, naturais em cada ser humano, mesmo que a gramática seja um sistema normativo. É a chamada gramática universal, fruto de um longo processo evolucionário.

Chomsky pesquisou vários tipos de línguas formais para tentar encontrar elos de uma propriedade comum a todas elas. As teorias lingüísticas de Chomsky tiveram implicações até na psicologia.

G1 O portal do notícias da Globo 22 09 06

<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1283166-5602,00.html>

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL

## A memória dos crimes continua viva

Gustavo Carneiro

No próximo domingo, 29 de Outubro, assinalam-se os setenta anos da abertura do Campo de Concentração do Tarrafal. Foi neste dia, corria o ano de 1936, que chegou ao «Campo da Morte Lenta»

a primeira leva de 152 antifascistas, transferidos das prisões políticas do continente e da Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores. Muitos estavam condenados a penas correcionais e, em número significativo, já tinham as suas penas cumpridas.

Pelo Tarrafal passaram 340 antifascistas. Estes cumpriram, juntos, um total de dois mil anos, onze meses de cinco dias de violento cativo. Durante os dezanove anos em que funcionou (excluindo o período entre 1963 e 1974, em que reabriu para encarcerar elementos dos movimentos de libertação das ex-colónias), perderam ali a vida 32 prisioneiros, alguns já depois de terem cumprido a pena a que haviam sido condenados. Outros morreram já fora do Campo, devido a doenças ali contraídas.

A morte dos prisioneiros não foi um acaso. A eliminação física dos opositores políticos do regime fascista longe do olhar das famílias e da opinião pública foi, desde sempre, o objectivo que presidiu à abertura do Campo de Concentração.

A sua localização, numa zona inóspita e vulnerável a doenças mortais, as péssimas condições sanitárias e de alimentação e os métodos utilizados – os seus responsáveis estagiaram na Alemanha nazi – tudo foi concebido e organizado para que fosse cumprida a divisa do primeiro director do Campo, Manuel dos Reis, à chegada dos presos: «Daqui não sai ninguém com vida... Quem vem para o Tarrafal vem para morrer!»

Setenta anos depois da abertura do «Campo da Morte Lenta» e 32 anos depois do 25 de Abril, em tempos de revisionismo histórico acerca da natureza do regime fascista e do papel ímpar dos comunistas portugueses na resistência, o *Avante!* recorda a brutalidade fascista e a ténpera dos que lhe resistiram

Avante ! 26. Outubro.2006

<http://www.avante.pt/noticia.asp?id=16633&area=5>

PERSEGUIÇÃO

## Tribunal gaúcho confirma condenação de editor por incitação a livro anti-semita

A 8ª Câmara Criminal do TJ-RS (Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul) confirmou, nesta quarta-feira (29/11), a condenação do editor Siegfried Ellwanger a 1 ano e 3 meses de reclusão, em regime aberto, substituída pela obrigação de prestar serviços à comunidade e prestação pecuniária pelo crime de indução e incitação de preconceito e discriminação racial.

De acordo com a assessoria do tribunal gaúcho, em novembro de 1996, na Feira do Livro de Porto Alegre, Ellwanger, sócio e dirigente da Revisão Editora, colocou em exposição para a venda ao público vários livros editados pela empresa com conteúdos trazendo mensagens racistas, discriminatórias e preconceituosas, incitando e induzindo ao ódio e ao desprezo contra o povo de origem judaica, informou a denúncia oferecida pelo Ministério Público.

A sentença de 1º instância foi proferida, em 2004, na 8ª Vara Criminal. A prestação pecuniária foi fixada no valor de 20 salários mínimos a serem entregues à Associação Beneficente Fraternal Auxílio Cristão da Sagrada Família, de Porto Alegre. A prestação de serviços à comunidade será fixada pelo Juízo da Execução.

Prescrição — O relator do caso, desembargador **Marco Antônio Ribeiro de Oliveira**, afastou o argumento da defesa de que o fato não se constituiria crime de racismo, portanto sujeito à prescrição. Lembrou que o STF (Supremo Tribunal Federal) já decidiu, em processo análogo, que a infração praticada encontra-se “sob o manto da imprescritibilidade constitucional”.

A defesa negou as imputações e afirmou que os livros possuem apenas conteúdo histórico e ideológico, sem qualquer conotação racista, constituindo uma nova maneira de ver a História, intitulada por ele de “revisionismo histórico”. Inconformado com a condenação, o réu recorreu da sentença ao Tribunal.

Entretanto, para o magistrado, “não há como negar o conteúdo racista nas passagens dos livros publicados pelo réu”. Para esta condenação, frisou, foram considerados a edição dos livros *Dos Judeus e suas Mentiras: A Questão Judaica*, de Martin Luther; *O Cristianismo em Xeque e Sionismo x Revisionismo*, ambos de Sérgio Oliveira. E transcreveu, em seu voto, partes dos conteúdos dos livros.

A respeito das questões de saúde e financeira alegadas pelo acusado para não cumprir as penas alternativas, cabe ao Juízo da Execução Penal averiguar a eventual procedência dos argumentos e tomar as devidas providências, afirmou o relator.

O desembargador **Roque Miguel Fank**, que presidiu a sessão de julgamento, e a juíza convocada Marlene Landvoigt acompanharam o voto do relator.

Sexta-feira, 1 de dezembro de 2006

*Ultima Instância*

<http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/33540.shtml>

OUTRA HISTORIA

## Editor de livros é condenado por discriminação racial

O editor de livros Siegfried Ellwanger foi condenado a um ano e três meses de reclusão em regime aberto por discriminação racial. A decisão é da 8ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. A pena poderá ser substituída por prestação pecuniária e de serviços à comunidade.

Ellwanger, dono da Revisão Editora, já é nome conhecido no Supremo Tribunal Federal. Em meados de 2003, o caso do cidadão que editava livros onde apresentava uma nova versão ao holocausto, defendendo que o povo judeu foi o grande causador da tragédia, ficou famoso. O ministro aposentado Moreira Alves colocou em discussão se judeu era raça. Para ele, não era e, portanto, o editor não poderia ser condenado por racismo. Mesmo assim, Ellwanger foi condenado.

Agora, ele responde pelo mesmo crime. De acordo com a denúncia, ele colocou seus livros à venda, em novembro de 1996, na Feira do Livro de Porto Alegre. O juiz Paulo Roberto Lessa Franz, da 8ª Vara Criminal de Porto Alegre, condenou o editor, em 2004, à prestação pecuniária no valor de 20 salários mínimos, a serem entregues à Associação Beneficente Fraterno Auxílio Cristão da Sagrada Família, de Porto Alegre. De acordo com o juiz, a prestação de serviços à comunidade deveria ser fixada pelo Juízo da Execução.

A defesa do editor recorreu ao Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul argumentando que o delito cometido por ele não se enquadrava no crime de racismo (imprescritível) e, por isso, estava prescrito. Alegou também que os livros possuem apenas conteúdo histórico e ideológico, sem qualquer conotação racista. Para ele, os escritos são apenas uma nova maneira de ver a história.

Os argumentos não foram aceitos pelo TJ. O relator, desembargador Marco Antônio Ribeiro de Oliveira, lembrou que o Supremo Tribunal Federal já decidiu, em processo análogo, que a infração praticada encontra-se "sob o manto da imprescritibilidade constitucional".

Para o desembargador, "não há como negar o conteúdo racista nas passagens dos livros publicados pelo réu". O entendimento de Oliveira foi acompanhado pelos desembargadores Roque Miguel Fank e pela juíza convocada Marlene Landvoigt.

Processo: 70010217354

Revista *Consultor Jurídico*, 1 de dezembro de 2006

<http://conjur.estadao.com.br/static/text/50651,1>

OS JOVENS DE ESQUERDA

## O SEQÜESTRO DE BOLÍVAR

por Demétrio Magnoli, no Estadão

[...]

A 'revolução bolivariana' de Chávez, antiliberal e antiamericana, seqüestra a herança do Libertador e oculta as suas próprias fontes ideológicas. O chavismo bebe em águas contemporâneas que escorrem do pensamento do historiador venezuelano Federico Brito Figueroa (1921-2000), autor de uma narrativa étnica do passado do país, e do cientista político argentino **Norberto Ceresole** (1943-2003), personagem controverso que ingressou na política pelo peronismo de esquerda e, em 1987, ajudou a articular a rebelião militar de Aldo Rico e seus 'carapintadas' contra os processos de violações de direitos humanos na Argentina.

Ceresole tornou-se conselheiro do grupo militar de Chávez pouco depois do frustrado golpe de 1992 e freqüentou o círculo presidencial até o final de 1999. Ele desfrutou a amizade e compartilhou as idéias de **Robert Faurisson**, o pai intelectual da negação do Holocausto, e de

**Roger Garaudy**, o intelectual francês que tentou conciliar comunismo e catolicismo até se converter ao Islã e, com financiamento iraniano, se entregar à difusão militante do anti-semitismo. A visita de Chávez a Teerã, a proclamação de uma aliança ideológica com o Irã de Mahmoud Ahmadinejad e a inauguração de um escritório da Jihad Islâmica em Caracas são tributos do presidente venezuelano à influência duradoura do amigo argentino. Os jovens de esquerda que aplaudem Chávez no Fórum Social Mundial não sabem o que fazem. [...]

Diegocasagrande.com.br 14.12.06

<http://www.diegocasagrande.com.br/index.php>—

[do=Wm14aGRtOXIKVE5FYldGdVkyGxkR1Z6SIRJMmFXUWxNMFF4TXpNNU1EUkxRUT09WnhQMko=](http://www.diegocasagrande.com.br/index.php?do=Wm14aGRtOXIKVE5FYldGdVkyGxkR1Z6SIRJMmFXUWxNMFF4TXpNNU1EUkxRUT09WnhQMko=)

NO MUNDO INTEIRO

## Conferência do Holocausto no Irã cria comissão internacional

TEERÃ (Reuters) - A conferência organizada pelo Irã e que causou revolta no mundo inteiro, por pôr em dúvida o assassinato de seis milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, decidiu na terça-feira formar uma comissão internacional para estudar o Holocausto.

O Irã diz ter promovido o evento para esclarecer os motivos que estão por trás da formação do Estado de Israel depois da Segunda Guerra e para dar liberdade de expressão a pesquisadores de países onde questionar o Holocausto é crime.

O Vaticano, a Alemanha e o vice-presidente da Comissão Européia, Franco Frattini, engrossaram o coro de condenações à conferência na terça-feira, unindo-se a países como Estados Unidos e Israel. A conferência foi idealizada pelo presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, que, desde que chegou ao poder, em agosto do ano passado, causou indignação no mundo todo ao chamar o Holocausto de "um mito" e Israel de "um tumor".

O chefe da nova comissão, identificado como o acadêmico iraniano **Mohammad Ali Ramin**, disse que seus integrantes "não são racistas nem se opõem a nenhum grupo específico". "Eles estão apenas buscando a verdade para libertar verdadeiramente a humanidade", disse ele, segundo a agência estudantil Isna. Os membros da comissão não foram identificados. Robert Faurisson, um acadêmico francês que já descreveu o Holocausto como uma "mentira histórica", disse que a comissão inclui membros de EUA, França, Canadá, Suíça, Áustria, Irã, Barein e Síria, afirmou a Isna. O Vaticano disse que milhões de judeus foram mortos no que chamou de uma "imensa tragédia" para a humanidade.

O Holocausto precisa servir sempre de alerta para que as pessoas respeitem os direitos dos outros, disse a Santa Sé. A chanceler alemã, Angela Merkel, disse que seu país jamais aceitará tal conferência, e que vai "combatê-la de todos os modos que puder". "Isso mostra o perigo da situação em que Israel está e especialmente a ameaça sob a qual Israel vive." Ela deu as declarações depois de uma reunião com o premiê israelense, Ehud Olmert, que faz sua primeira viagem à Alemanha no cargo. A Alemanha considera uma prioridade dar apoio a Israel, desde o Holocausto e o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

<http://br.news.yahoo.com/12122006/5/noticias-mundo-conferencia-holocausto-no-ira-cria-comissao-internacional.html>

LAVAGEM CEREBRAL ?

## Negação do Holocausto, Apologia ao Nazismo, Racismo e Anti-Semitismo no UOL

<http://www.deolhonamidia.org.br/Comentarios/mostraComentario.asp?tid=300&from=Mailing>

Para quem acompanha o portal UOL, já está acostumado em ver fotos tendenciosas e anti-Israel estampadas na primeira página do site. Mas algo muito mais grave o Universo Online anda cometendo.

Este comentário foi indicado e escrito por Daniel Altman

O maior fórum especializado em games do Brasil o Uol Jogos Fórum (<http://forum.jogos.uol.com.br/>) reúne mais de cem mil jovens entre 13 a 35 anos que participam das mais variadas discussões, não apenas sobre jogos eletrônicos, mais sobre os mais diversos assuntos como cinema, música, atualidades e história.

O fórum é muito organizado e bem feito, mais algo impressionou bastante. Até então os moderadores foram bastante rígidos para aqueles que não respeitavam as regras do site. Aqueles usuários que insultassem pessoas, publicassem pornografia, "floodassem" ou fazia apologia as drogas, eram rapidamente banidos.

Mas o Fórum Uol jogos, está cometendo um erro grave. Está servindo de apoio para usuários que estão fazendo propaganda nazista, **negando o holocausto e chamando os judeus e outras minorias de lixo**. E tudo isso está passando impune. Isto eu sei de experiência própria, afinal eu me manifestei e mandei mensagens para os moderadores do fórum que simplesmente omitiram deliberadamente minha reclamação.

Todo esse crime de ódio e racismo está sendo feito no maior portal do país, no seu maior fórum, onde milhares de jovem estão sendo vítimas de perigosa lavagem cerebral, e isso não pode passar batido.

É crime, e muito pior do que "floodar", coisa que o Fórum UOL apaga imediatamente. Enquanto isso o tópico está livre e saltitante no topo da página que recebe por dia mais de um milhão de visitas:

Vá ao FORVM UVO JOGVNS

FORUM UOL JOGOS

(leiam todas as páginas do tópico para sentirem a dimensão do problema)

<http://mailgate.supereva.com/soc/soc.culture.brazil/msg253083.html>

PESQUISA

## Autor do polêmico livro *Páscoa de Sangue* se retrata em Israel

*Jerusalém, 26 fev (EFE).- Ariel Toaff, filho do ex-grande rabino de Roma e autor do polêmico livro Páscoa de Sangue, retratou-se dos resultados da pesquisa que mostravam que um grupo de judeus medievais poderia ter matado crianças cristãs para ritos religiosos.*

Toaff, que há dez dias ordenou a detenção da distribuição do livro na Itália por causa das queixas da opinião pública em Israel, disse ao jornal "Ha'aretz" que tem a intenção de esclarecer o assunto em artigo que será publicado em uma revista especializada.

Em *Páscoa de Sangue*, o pesquisador sustenta que um pequeno grupo de judeus medievais pode ter realizado esse tipo de prática e que confissões de crimes de sangue podem ter sido obtidas - sob tortura - pela Inquisição.

No livro, Toaff lembra um caso em 1475, em Trento, e explica que judeus da cidade podem ter matado um menino chamado Simon.

Mas, em declarações ao jornal, assegura que nunca sustentou que o objetivo do crime fosse usar o sangue do menino com fins religiosos.

O chamado "libelo de sangue", gerou ao longo de séculos uma violência desenfreada contra comunidades judaicas na Europa, até ser declarado falso pela Igreja católica, na década de 70.

As críticas contra o livro por parte da opinião pública em Israel, e de numerosas comunidades judaicas no mundo, levaram Toaff a publicar uma carta de desculpa, mas sem esclarecer nela as conclusões de sua pesquisa.

O trabalho foi duramente criticado por outros especialistas em história medieval que chegaram a classificá-lo como "um insulto à inteligência", segundo o jornal.

Até mesmo a Universidade de Bar-Ilan, nos arredores de Tel Aviv e na qual trabalha o pesquisador, tomou distância do livro e repudiou suas conclusões.

O livro de Toaff será debatido hoje na Comissão de Cultura do Parlamento israelense, com a presença do investigador e de outros especialistas no assunto.

EFE elb pp/ep 26/2

[http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/02/26/autor\\_do\\_polemico\\_livro\\_pascoa\\_de\\_sangue\\_se\\_retrata\\_em\\_israel\\_694469.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/02/26/autor_do_polemico_livro_pascoa_de_sangue_se_retrata_em_israel_694469.html)

EM DUVIDA

## Alemão de extrema-direita condenado a 5 anos de prisão por negar Holocausto

*Berlim, 15 fev (EFE) - O radical de direita alemão Ernst Zündel foi condenado hoje a cinco anos de prisão por negar sistematicamente o assassinato de milhões de judeus durante o III Reich.*

Com a sentença, a Audiência Provincial de Mannheim acatou a solicitação de pena feita pela Promotoria em sua alegação, enquanto os advogados de defesa haviam pedido a absolvição de Zündel.

O conhecido integrante da extrema-direita, de 67 anos, colocou em dúvida várias vezes a veracidade do Holocausto por meio de um site, cujo conteúdo o alemão alimentava a partir do Canadá, assim como mediante panfletos e diversas publicações.

Em março de 2005, Zündel foi expulso do Canadá e, desde então, está preso na Alemanha. Antes de ser expulso, Zündel estava há dois anos em uma prisão canadense, após ter sido detido em 2003 em uma ação policial respaldada nas novas leis antiterroristas do Canadá. As autoridades canadenses haviam chamado o alemão de "racista hipócrita", que se mostrava para o mundo como pacifista.

O juiz canadense Pierre Blais, que decidiu pela expulsão, disse que Zündel era uma "ameaça não apenas à segurança canadense, mas também para a comunidade internacional". Acredita-se que Zündel tenha entrado em contato com organizações da extrema-direita americanas que pregam a violência, como a Ku Klux Klan e a Aryan Nations.

No início do processo, na Alemanha, Zündel queria ser defendido por outro famoso radical de extrema-direita, Horst Mahler, mas isto não foi possível, pois Mahler teve sua licença para advogar cassada. Um dos advogados de Zündel pediu que o tempo que o alemão ficou detido no Canadá seja contabilizado como parte de sua pena.

Durante o processo, Zündel não se pronunciou sobre as acusações, limitando-se a sugerir a criação de uma comissão que investigue o que ocorreu nos campos de concentração e oferecendo sua ajuda para este trabalho.

EFE rz db/ma 15/2

[http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/02/15/alemao\\_de\\_extrema\\_direita\\_condenado\\_a\\_5\\_anos\\_de\\_pri\\_sao\\_por\\_negar\\_holocausto\\_684008.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/02/15/alemao_de_extrema_direita_condenado_a_5_anos_de_pri_sao_por_negar_holocausto_684008.html)

SIONISTAS

## O Ventre Fecundo: Um Depoimento

*""E vós, aprendei que é necessário ver e não olhar para o céu; é necessário agir e não falar. Esse monstro chegou quase a governar o mundo! Mas não sejamos afoitos em cantar vitória: o ventre que o gerou ainda é fecundo" – BERTOLT BRECHT*

Os leitores do **De Olho na Mídia** não precisam, certamente, ser alertados sobre a continuada ameaça representada por ideologias extremistas e anti-semitas – neonazismo em primeiro lugar - e por movimentos pretensamente apolíticos, como o negacionismo, que buscam legitimá-las. Reconhecer o perigo, porém, não implica necessariamente conhecer suas características e suas causas específicas, nem muito menos as várias formas pelas quais ele pode se manifestar.

Eu "**estive lá**": como contarei abaixo, fui do negacionismo ao extremismo, e depois de volta (**ainda bem!**). Mas antes de começar, cabem algumas advertências. Com este depoimento, espero contribuir, não tanto para "*explicar*" o fenômeno (**o que é tarefa de cientistas sociais**), mas sim contar "*o que passou na cabeça*" de uma pessoa específica enquanto seguiu esse caminho. Não afirmo que minha experiência seja representativa do que quer que seja, mas apenas uma ilustração de uma das possibilidades. Por óbvio, refleti muito sobre a minha própria experiência, de maneira que o relato que se segue é muito mais ordenado, racional e claro do que foi a experiência em si. Assim, muitas coisas que, olhando para trás, sei que foram marcos importantes, passaram despercebidas



em seu momento.

## O REVISIONISMO/NEGACIONISMO COMO PONTO DE PARTIDA

O começo da jornada foi quando, adolescente, encontrei em uma livraria uma cópia do livro *Holocausto: Judeu ou Alemão—, de S. E. Castan*. Como já faz tempo, não vou garantir de que me lembre com exatidão, mas creio que o que me chamou a atenção não foi o título, pois não tinha idade para compreendê-lo muito bem, mas sim o subtítulo: **Nos Bastidores da Mentira do Século**. Lendo-o sem base alguma, tanto pela idade imatura quanto pela ausência de conhecimento, saí evidentemente convencido da veracidade de sua tese: **o Holocausto de seis milhões de judeus jamais acontecera**. Sim, era verdade que o Partido Nazista era anti-semita, que existiram campos de concentração e que muita gente morreu lá, mas isso não era uma política deliberada de extermínio, e havia muitas, digamos assim, “*circunstâncias atenuadoras*” para a Alemanha. As testemunhas do genocídio mentiam. As confissões dos SS foram forjadas ou obtidas sob tortura. Com o interesse despertado, passei a ler grande quantidade de material sobre a II Guerra Mundial e o nazismo.

## A INTERNET EXTREMISTA

Nesse ínterim, passei a ter acesso a computador e à Internet, então em seus começos aqui no Brasil. Pesquisando sobre assuntos relacionados à Segunda Guerra, encontrei montes de sites negacionistas “apolíticos”, bem como sites da rede “*extremista mesmo*”, em especial a norte-americana. Não fui em busca deles, eles vieram até mim: simplesmente apareciam no “*google*” da época ao se colocar palavras-chaves simples, como “*segunda guerra*” ou coisas do tipo. Aí, pela primeira vez cheguei a escritos de neonazistas “*mesmo*”, que li em grande quantidade. Incrivelmente, nunca cheguei a me considerar, mesmo naquele período, um neonazista; aceitaria apenas que me chamassem de “*simpatizante*”. (**Com argumentos do tipo, “Hitler não era de todo ruim, vejam, em plena Grande Depressão ele terminou com o desemprego na Alemanha”**). Deixo claro, porém, que não era por dúvidas de ordem moral, já que, pela influência negacionista, eu negava os crimes do nazismo. **Não tendo o nazismo cometido crimes, não era condenável em si.**

## UMA REFLEXÃO

Olhando para trás, me parece fundamental o fato de eu ter tido contato primeiro com o negacionismo e depois com o neonazismo “*mesmo*”. Para alguns leitores, talvez pareça que a própria distinção entre os dois não deve ser feita, já que o negacionismo bem pode ser considerado uma forma de neonazismo. Concordo que em teoria sim, ele pode, mas que na prática, os dois devem ser distinguidos, e creio que essa distinção ajuda à compreensão do caminho, ou de um dos caminhos, que leva ao extremismo. Parece-me que o negacionismo pode ser bastante sedutor, especialmente para um jovem curioso e ignorante como eu era. Primeiro, ele tem argumentos longos e detalhados mostrando que “*tudo o que todo mundo acha a respeito de*” Hitler e do nazismo não era bem assim. Para quem não é especialista na matéria – **isto é, para a grande maioria das pessoas** – esses argumentos são aparentemente convincentes.

Segundo, esses argumentos estão formulados de uma forma que parece imparcial e objetiva (**isso dependente, evidentemente, do autor negacionista específico em questão, mas muitos, pelo menos, buscam esse efeito**). Terceiro, ele diz apelar à razão e não à emoção: “*sim, muitos judeus sofreram, mas esse sofrimento não é motivo para não buscarmos o que realmente aconteceu, doa a quem doer*”. Quarto, ele geralmente se apresenta como apolítico: **se trataria de um movimento histórico, preocupado com o que aconteceu em 1933-1945 e não com o mundo de hoje**. Buscaria a “*verdade dos fatos*”, não a reabilitação do nazismo. Se ele enfatiza o sofrimento dos alemães e nega o dos judeus, seria apenas porque “*foi assim*”. O negacionismo me fez pensar duas coisas que, creio, muitos jovens (**idiotas**) gostam de pensar: **que ele sabe “algo” que pouca gente mais sabe, e que ele está do lado dos fracos (alemães) contra os fortes (judeus, ou como dizia Castan e eu segui, “sionistas”)**.

Olhando em retrospectiva parece ridículo, mas eu achei que defendia a verdade. Eu tinha uma causa que considerava nobre e justa. Esse caráter técnico e apolítico que o negacionismo busca para si, ao mesmo tempo que lhe dá credibilidade, diminui por assim dizer as resistências imunológicas dos afetados. Em parte, o efeito é direto: se você já aceitou que o nazismo não era tão ruim assim, já que os piores crimes que lhe são atribuídos não teriam acontecido, você já está mais propenso a ouvir um argumento de que ele tinha “*lados bons*”, como o fim do desemprego, etc. E em parte, o efeito é indireto, e assim mais insidioso. Da forma como ele se apresenta, o negacionismo – pelo menos o que eu li nesse tempo – não inclui uma teoria explícita da conspiração judaica. Ele se preocupa com o que aconteceu em 1939-1945, e não com o que veio depois.

**Agora, ele precisa de alguma forma de explicar como, se os crimes do nazismo não**

*aconteceram ou não foram bem assim, a “versão atual” apareceu e se tornou dominante. Implicitamente, a única explicação possível é uma conspiração, que envolve pelo menos alguns judeus. Aceitando essa tese, você vai dar mais atenção a argumentos que afirmam que essa conspiração continua atuando hoje, agora em busca dos objetivos x, y, z. E é isso que permite a transição do “negacionismo apolítico” para o “extremismo político”.*

Pelo menos, e olhando retrospectivamente, me parece ter sido o que permitiu no meu caso. Não tenho como saber, mas não creio que eu tivesse me dado ao trabalho de ler um escrito neonazista, muito menos de levá-lo a sério e ainda menos de vir a concordar com ele, **se não tivesse passado primeiro pelo negacionismo**. Um corolário dessa trajetória é que ela permite que a consciência do indivíduo continue limpa aos seus próprios olhos. Como eu disse acima, **eu aceitava a conspiração judaica mas negava ser anti-semita**. Como conseguia esse milagre— Ora, o ponto central seria o que realmente aconteceu em 1939-1945. Como essa verdade factual teria sido distorcida, era necessário recolocá-la em seu lugar. Nisso, não haveria nada de anti-semitismo, pois a verdade não é inimiga de ninguém. Deve-se notar que a maioria dos negacionistas espertamente não critica “os judeus”, o que arruinaria suas chances iniciais de prender a audiência. Critica “sionistas”, critica “algumas lideranças judaicas”, ou algo do estilo. Mostrar “a verdade” prejudicaria apenas esses pequenos grupos, que por suas ações prejudicam os próprios judeus. A tese da conspiração faz o mesmo, pois a conspiração judaica seria ruim para os judeus, e expô-la os ajudaria!

**Dessa forma, o anti-semitismo se disfarça de filo-semitismo ou de puro e abnegado “amor à verdade”, não para o mundo, mas para o próprio anti-semita. É o triunfo de Orwell, tanto factual quanto moralmente!** Finalmente, considero que existe uma atração específica da extrema direita aos “intelectuais” ou “aspirantes a tais”, como eu era. Dito em uma frase: **é a facilidade com a qual alguém se torna uma autoridade**. Vou exemplificar com o grupo oposto, a extrema esquerda. Se você quer ser um intelectual da extrema esquerda respeitado, prepare-se para estudar mesmo. Tem que ler **Marx, Lenin, Stalin, Mao, Trotsky, Kautsky, Plekhanov, Rosa Luxemburgo, etc., etc., etc., etc., etc.** De preferência, os principais em seus próprios idiomas (**coisas fáceis: alemão, russo, pra não falar em chinês...**). E mais: como essas figuras geralmente não enfrentam ainda hoje o nível de desaprovação moral que recebem Hitler e Mussolini, há uma quantidade infundável de trabalhos de comentaristas e mais comentaristas sobre eles. É um trabalho de anos. Na extrema direita, o quadro é o oposto. Não há sequer um cânone, como seriam as obras de **Marx e Engels**; tanto em termos de tamanho quanto de complexidade e mesmo de importância “prática”, **Mein Kampf** não serve nem de rodapé a **Marx...** E como a extrema direita não tem a mínima respeitabilidade, inexistem comentaristas ou qualquer tradição exegética. Portanto, qualquer um pode se sentir um “intelectual de vanguarda” sem o mínimo trabalho propriamente intelectual. **O extremismo de direita é a solução perfeita para os intelectuais vagabundos.**

## O CAMINHO DE VOLTA

Eu gostaria muito de poder dizer que, um belo dia, acordei, olhei para o sol e tive aquele *insight* que me revelou que tudo aquilo era besteira, tanto errado quanto malvado. Infelizmente, não foi assim. **Da mesma forma que a ida foi gradual, a volta também o foi.** Meu período revisionista-extremista durou cerca de três anos. **Grosso modo**, no primeiro estudei “os fatos” do nazismo e da II Guerra sob a ótica do negacionismo, no segundo mergulhei fundo no neonazismo, e no terceiro fui preparando o caminho da saída. Evidentemente, essa leitura é teleológica, porque eu não sabia disso na época, e bem poderia ter continuado a crer em tudo aquilo. Tenho enfatizado também o desenvolvimento por que passei desde um ponto de vista intelectual, pois que entrei e saí do extremismo por motivos abstratos. (**Já disseram que “é mais fácil ser anti-semita que odiar um judeu específico”. É uma grande verdade.**). Nesse ponto, porém, um fator da vida real foi importantíssimo. No “terceiro ano”, comecei a trabalhar além de estudar, e o tempo de que dispunha tanto para “estudar” extremismo praticamente deixou de existir. A saída compulsória dessa atmosfera auto-confirmatória na qual eu mesmo me havia posto também ajudou. E, obviamente, eu estava amadurecendo (**ao menos um pouco...**). Diferentemente do caminho da ida, que seguiu a ordem cronológica na qual o expus, o da volta não, exatamente porque foi um caminho mais fragmentado. Não tenho como contá-lo a não ser dividindo em compartimentos estanques evoluções que foram em grande medida contemporâneas.

**1. Abandonando o racismo.** Se o negacionismo consegue parecer ser técnico, desapaixonado, lógico e baseado num frio amor à verdade dos fatos com alguma facilidade, o racismo não. Até alguém tão dentro da barriga do monstro como eu estava o percebeu, e deixei de ser racista antes sequer de deixar de ser simpatizante do nazismo (**no sentido do “lado bom” dele**). A peripécia lógica não é tão difícil como parece: “OK, o nazismo tinha certos erros/desvios/equívocos etc..., como por exemplo aquelas antiquadas doutrinas raciais. Mas também tinha . . .”.

**2. Revisando o negacionismo.** Esse ponto me veio como um estalo, tanto que até hoje me lembro vividamente do evento: *um dia, simplesmente me veio à mente que eu sabia recitar cinco ou seis refutações negacionistas standard contra o livro de Raul Hilberg, Destruction of the European Jews. Não tinha, porém, jamais visto o livro. (De fato, até hoje não o encontrei).* Para quem se gabava de buscar apenas a verdade doesse a quem doesse, me pareceu uma postura sumamente dogmática. OK, eu sei, isso apenas quer dizer que eu levei dois anos para ver o óbvio, mas eu finalmente vi. Esse *insight* não fez com que eu imediatamente deixasse o negacionismo, mas me deixou com um pé atrás, e me inspirou a buscar ativamente respostas a ele. Em suma, me deixou mais aberto ao contraditório. **E buscando-o, encontrei o caminho da saída.**

**3. E a conspiração—** Já descrevi acima o caminho que, acredito, leva do negacionismo ao extremismo político. Um dia, revendo minha trajetória, me dei conta dela, em linhas gerais, obviamente. Mais uma vez, não fiz o lógico e não abandonei de imediato a teoria da conspiração, tão acostumado que já estava a enxergar o mundo através dela. Mas a semente estava lá, pois havia conseguido ver que o *“raciocínio”* que seguia era tautológico. Passei a frequentar fontes de informação que antes considerava não-confiáveis porque judaicas e portanto parte da grande conspiração, como por exemplo *a Anti-Defamation League e o Simon Wiesenthal Center*. Não demorei a encontrar longas fichas criminais junto a vários nomes cujos artigos eu havia lido...

**4. O fim do “lado bom” do nazismo.** Tendo começado a estudar o nazismo e sua época **sob uma ótica negacionista desde o princípio, é evidente que estava longe de ter uma visão minimamente coerente com a realidade.** Não haveria saída daí enquanto eu não tivesse alguma abertura para o contraditório. É um ponto importante, que por isso repito: Sim, um dos pontos principais da saída foi, realmente, compreender a realidade do nazismo. Não é que, antes, eu pegasse o que as pessoas em geral associam com *“nazismo”* e invertesse o sinal (*de “mau” para “bom”*). Eu tinha uma visão totalmente enviesada, e ainda por cima com *“fatos”* para argumentar, e desconsiderava todo contra-argumento **como prova da ignorância da verdade ou da adesão à grande conspiração por parte de seu autor.** O reconhecimento do caráter dogmático da minha adesão ao negacionismo permitiu que eu sáísse do círculo vicioso, e daí em diante foi bastante rápido. Com isso, já estava pronto para sair da barriga do monstro, o que era dificultado apenas pelo hábito.

## UM PONTO FUNDAMENTAL

Certamente não escapou à atenção do bravo leitor que me seguiu até aqui a ausência, até agora, *de uma crítica moral*. Parece uma coisa asséptica e inofensiva: eu acreditava em algo, comecei a ter dúvidas, e deixei de acreditar. **Mais um pouco e pareceria que estou falando de astrologia ou vodu, e não de neonazismo.** Por que isso— Olhando retrospectivamente, me parece consequência de eu ter mantido a consciência limpa, através de uma visão totalmente enviesada, até esse momento. *Em minha mente, jamais odiara judeus, nem negros, nem quem quer que seja; apenas buscara a verdade. Se havia buscado no lugar errado, agora era hora de procurar em outro lugar.* Não havia me aproximado do nazismo, por exemplo, porque queria matar judeus; pelo contrário, eu defendia exatamente que o nazismo não havia feito isso. O fato de eu ter abandonado as velhas crenças gradualmente impediu que eu visse, de forma súbita, o abismo moral em que tinha caído. Por isso demorou um pouco, até que os quatro pontos em que dividi o processo de saída, enumerados acima, estivessem sincronizados, para que finalmente me perguntasse o que é afinal a pergunta mais importante: **Mas como foi que eu fui fazer isso... Mas como qualquer um chega a fazer isso...**

## CONCLUSÃO

Todo este texto é uma tentativa de dar uma resposta a essa questão. Não julgo ter chegado à *“verdade”* pois, como parte interessada no caso, estou em uma posição singularmente ruim para consegui-lo. Mas a inquietação central — *“mas como. . . .”* — sempre continua. ***Eu posso ter piamente acreditado que não era anti-semita, mas era. Que não era racista, mas era. Que não defendia regimes abomináveis, mas defendia. Sei que isso não me isenta de culpa. Queria pedir desculpas a alguém, mas não havia quem: alguém de carne e osso. Com o tempo, tentei me perdoar e esquecer.*** Este depoimento surgiu a partir de uma troca de e-mails com o editor do *De Olho na Mídia*, que afinal me convenceu de que tornar essa história pública seria útil. Espero que ela ajude a evitar que alguém caia nas armadilhas por onde caí, e que sirva de alerta sobre a exatidão factual do famoso alerta de Brecht: ***o ventre ainda está fecundo. E mesmo os que não são monstros podem tornar-se tais, e, ainda por cima, acreditando que são anjos...*** Por isso, aproveito o espaço que me foi concedido para fazer o que até agora não havia feito. ***Pedir desculpas a todos os que ofendi. Peço não só a judeus e negros, grupos a que ofendi mais diretamente.***

**Peço perdão à humanidade. O anti-semitismo e o racismo não são apenas ofensas a judeus e negros, são ofensas contra o ser humano. Disseminando ódio e mentiras sobre uns e outros, diminuí apenas a mim mesmo.** Ao invés de contribuir com o pouquinho que cada um de nós pode dar para construir o bem comum, eu tentei colocar abaixo a obra. Peço perdão.

Escrito por: Ex-Nazista Arrependido Conta Sua História. Exclusivo Para O *De Olho Na Mídia*. Publicado no site em: 24/01/2007

Sito de propaganda sionista

<http://www.deolhonamidia.org.br/Publicacoes/mostraPublicacao.asp?ID=349&from=Mailing>

MAIS CALUNIAS

JIMMY CARTER: EX-PRESIDENTE DOS EUA  
JIMMY CARTER: UM MENTIROSO MANIPULADOR

Esta petição vem se somar aos esforços do **Centro Simon Wiesenthal** na luta por uma retração de Jimmy Carter pelas **deturpações, omissões e inversões históricas que este cometeu em seu livro sobre o conflito israelo-palestino denominado, "Palestina: Paz, Não Apartheid".**

Quatorze dos mais proeminentes membros do **Centro Carter** de Estudos do Oriente Médio pediram demissão após o lançamento do livro em protesto e para não mancharem suas carreiras sendo ligados ao mesmo.

Segundo o Prof. **Kenneth Stein**, diretor-executivo até então por 23 anos do Centro e um dos demissionários, "O livro do Presidente Carter, com um título tão inflamatório até para ser citado, não tem base em análises claras; está repleto de erros sobre os fatos, material copiado e não citado, superficialidades, omissões gritantes e seqüências simplesmente inventadas. Além da natureza maniqueísta do livro, feito para provocar, há lembranças citadas de reuniões nas quais eu era a terceira pessoa na sala e minhas anotações daquelas reuniões demonstram pouca semelhança com os pontos colocados no livro".

EM RESUMO: O LIVRO É UMA GRANDE INVENÇÃO, UM LIBELO, UMA FARSA DESTINADA A ISOLAR AINDA MAIS ISRAEL E SE JUNTAR AOS ESFORÇOS DE ANTI-SIONISTAS DE TODO O MUNDO.

**Ainda paira sobre a cabeça de Carter a acusação de que o seu Centro teria recebido fundos da Árabia Saudita de fontes que se suspeita podem ter ligações com o terror e a incitação ao ódio anti-semita !!!!**

O Centro Wiesenthal já coletou mais de 25 mil assinaturas e enviou em protesto ao Centro Carter.

COLABORE VOCÊ TAMBÉM: CHEGOU A SUA VEZ DE FAZER NOSSA VOZ SER OUVIDA CLIQUE NO LINK ABAIXO OU NA IMAGEM NO INÍCIO DESTA E-MAIL, LEIA A PETIÇÃO E ASSINE. SUA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL E SEU PROTESTO É NOSSA MAIOR ARMA:

Petição em Andamento Assine a petição do De Olho Na Mídia: [As Mentiras Que Carter Nos Conta](#)

REGRESSO

Saudações,

Informo que a Revisão Editora retomou a venda de livros, podem contatar o seguinte e-mail: [editora.revisao@bol.com.br](mailto:editora.revisao@bol.com.br)

911

### Lançado no Rio de Janeiro livro com análise da cobertura do 11 de Setembro

Rio de Janeiro - O livro *Imprensa histórica, informação prejudicada - Uma análise da cobertura carioca*, do jornalista brasileiro Alexandre Monteiro Barboza, é lançado no próximo dia 13 de Setembro, na Livraria Armazém Digital, no Rio de Janeiro, quatro anos após o atentado às torres gémeas do World Trade Center.

Durante dois anos de investigação, o autor focou o estudo nas edições extras publicadas por dois dos principais jornais brasileiros: «O Globo» e «Jornal do Brasil».

Reunindo depoimentos de jornalistas como Ricardo Boechat, Eliane Cantanhêde, Nilson Lage e Bernardo Ajzenberg, o livro, em formato de reportagem, levanta a questão de «como a imprensa preferiu as informações oficiais e de agências de notícias, cuja campanha ideológica apontava o principal culpado, Osama bin Laden, e a suposta vítima, EUA, em vez de contextualizar e analisar os factos, e não a sua reprodução espectacularizada», explica Alexandre Monteiro Barboza em nota enviada à PNN.

«Será que a imprensa se mostrou deficiente na cobertura do 11 de Setembro, mais especificamente nas edições extras—» é uma das interrogações lançadas pelo jornalista, segundo o qual os jornais também não conseguiram responder a uma das principais perguntas: «como os terroristas conseguiram furar o bloqueio da segurança portando objectos como facas, canivetes, estiletos, etc.—».

Com base em artigos de intelectuais que criticaram a intenção da imprensa em promover gritos de guerra, o autor defende que é possível acompanhar o comportamento dos jornais, influenciados pelos «media » americanos, «e como uma posição ideológica, nos seus editoriais, foi favorável à retaliação dos supostos países envolvidos no atentado».

PNN Portuguese News Network

<http://www.grupodirlip.org/dirlip-122.htm>

=====

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, Paris, 1948.

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com carácter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do sito AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

**OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH**

< <http://revurevi.net> >

**Das kausale Nexusblatt**

**The Revisionist Clarion**

**Il Resto del Siculo**

**Conseils de Révision**

**El Paso del Ebro**

**Arménichantage**

**La Gazette du Golfe et des banlieues**

**TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 340 LIBROS**

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis